

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO**

Dissertação



As múltiplas violências que forjam as masculinidades negras em *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório

Diego Plá da Luz

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques

Pelotas, 2022

Diego Plá da Luz

As múltiplas violências que forjam as masculinidades negras em *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre Em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L979m Luz, Diego Plá da

As múltiplas violências que forjam as masculinidades negras em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório / Diego Plá da Luz ; Eduardo Marks de Marques, orientador. — Pelotas, 2022.

106 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Masculinidades. 2. Masculinidades negras. 3. Paternidade. 4. Interseccionalidade. I. Marques, Eduardo Marks de, orient. II. Título.

CDD : 809

DIEGO PLÁ DA LUZ

**AS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS QUE FORJAM AS MASCULINIDADES NEGRAS
EM O *AVESSO DA PELE*, DE JEFERSON TENÓRIO**

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas;

Data da defesa: 20 de dezembro de 2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques (Orientador) Doutor em Letras pela University of Queensland, Austrália

Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque Doutor em Literatura pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil

Prof. Dr. Gustavo Henrique Rückert

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Profa. Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus guias espirituais pela energia e fibra diante todas as adversidades. Ao Pai Oxalá, pela luz que me guia; ao Pai Bará, pelos caminhos abertos; ao Pai Ogum, pela bravura e resistência; a Mãe Oiá, pelos ventos inspiradores; ao Pai Xangô, pela justiça; Aos Ibejis, pela inocência; a Pai/Mãe Odé e Otim, pela independência; a Mãe Obá, pela transformação; ao Pai Ossanha, pela sapiência; ao Pai Xapanã, pela saúde; a Mãe Oxum pelo amor e afeto; a Mãe Iemanjá, pela proteção e serenidade. Meus pais, sob a bandeira de vocês me constituo e me realizo como homem negro, pronto para resistir e existir neste mundo ingrato. EPA BABÁ!

Agradeço ao Pai Luis Carlos e a Mãe Teresa por me darem a oportunidade de existir e pela construção de minha masculinidade. Aos irmãos Franciele Luz e Leandro Luz por fazerem parte dessa construção.

Agradeço a Juliana Brochado, esposa, por jamais ter soltado minha mão. A Diéle Luz, por ser minha primogênita e por ter passado por tantos episódios semelhantes aos de Pedro. Ao Eufirão Luz, por ser meu caçula que tanto me ensina que ser pai será sempre um reaprender e um descobrir-se. A Zeline Brochado, por ser aquela filha que conheci aos seus nove anos e que até hoje me faz brilhar os olhos. Ao Zaki Brochado, filho de Zeline, por ser meu primeiro neto e não deixar que meu sorriso desapareça. Diéle, Eufirão e Zeline, obrigado por me ensinarem a ser pai.

Agradeço ao meu orientador, professor Eduardo Marks de Marques, por aceitar o meu desafio de pensar as construções das masculinidades negras, recorte tão valoroso para mim. Sou grato pelos tantos momentos que soube além de me ler, me interpretar e o mais humano de tudo, me sentir. Isso foi fundamental!

Agradeço aos professores Gustavo Rückert, Gabriel Albuquerque e a professora Megg Rayara, pelas valiosas leituras que foram fundamentais para esta escrita, assim como a generosa energia que compartilharam comigo nesse percurso.

Valeu, artistas!

Ama Bocum Iberê Ama Bocum Iberá

Axoxo Aê Ama bocum Iberê

Epa Babá!

Encontrei minhas origens

Encontrei minhas origens

em velhos arquivos

..... livros

encontrei

em malditos objetos

troncos e grilhetas

encontrei minhas origens

no leste

no mar em imundos tumbeiros

encontrei

em doces palavras

..... cantos

em furiosos tambores

..... ritos

encontrei minhas origens

na cor de minha pele

nos lanhos de minha alma

em mim

em minha gente escura

em meus heróis altivos

encontrei

encontrei-as enfim

me encontrei.

Resumo

LUZ, D.P. **As múltiplas violências que forjam as masculinidades negras em O Averso da Pele, de Jeferson Tenório**. Orientador Eduardo Marks de Marques. 2022. Exame de defesa de título de Mestrado em Letras. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Neste trabalho, analisamos a obra *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório (2020), com o objetivo de perceber como são constituídas as masculinidades negras no romance. O recorte estabelecido inclui as principais personagens, que julgamos importantes para o desenvolvimento do trabalho e analisar as relações, a partir de uma perspectiva interseccional, que forjam a identidade e masculinidade negra de Pedro, o narrador. No primeiro capítulo, introdutório, apresentamos algumas reflexões para nortear a discussão sobre o que é ser homem negro na sociedade brasileira. No segundo capítulo, apresentamos alguns tópicos de análises acerca das múltiplas masculinidades construídas na sociedade brasileira. Para isso, além de nomes como Connell, Nolasco e Bordieu, buscamos diversos outros que estão se debruçando, na atualidade, sobre as questões masculinas. No terceiro capítulo, a partir da obra *O Averso da Pele*, analisamos três personagens femininas e suas contribuições para a formação da masculinidade de Pedro. Já no quarto capítulo a análise foi das personagens masculinas, pai e filho, com o objetivo de observar o como, na relação com a paternidade, Pedro se constitui como homem negro. A análise baseou-se no referencial teórico sobre as masculinidades para ser construída. Nesta análise procuramos apontar como as relações entre homens e mulheres, interseccionalmente corroboram para a construção das masculinidades negras.

Palavra chaves: Masculinidades; masculinidades negras; paternidade; interseccionalidade.

Abstract

In this work, we analyze the work *The Reverse of the Skin*, by Jeferson Tenório (2020), with the aim of understanding how black masculinities are constituted in the novel. The established clipping includes the main characters, who we deem important for the development of the work and to analyze the relationships, from an intersectional perspective, that forge the identity and black masculinity of Pedro, the narrator. In the first, introductory chapter, we present some reflections to guide the discussion about what it means to be a black man in Brazilian society. In the second chapter, we present some analysis topics about the multiple masculinities constructed in Brazilian society. For this, in addition to names like Connell, Nolasco and Bordieu, we sought out several others who are currently focusing on male issues. In the third chapter, from the work *The Reverse of the Skin*, we analyze three female characters and their contributions to the formation of Pedro's masculinity. In the fourth chapter, the analysis was of the male characters, father and son, with the objective of observing how, in relation to fatherhood, Pedro constitutes himself as a black man. The analysis was based on the theoretical framework on masculinities to be constructed. In this analysis, we seek to point out how the relationships between men and women, intersectionally, corroborate the construction of black masculinities.

Keywords: Masculinities; black masculinities; paternity; intersectionality.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	9
2- PENSANDO AS MASCULINIDADES	13
2.1- MASCULINIDADES NEGRAS.....	26
3- NEGRA EXISTÊNCIA	35
3.1- MARTHA: NEGRA MÃE GUERREIRA.....	37
3.2 SAHARIENNE: O ENCANTO NEGRO.....	51
3.3 LUARA: A NEGRA CONSELHEIRA.....	54
4- O NEGRO AVESSO	58
4.1- HENRIQUE: PAI NEGRO GUERREIRO.....	59
4.2- PEDRO: O YAÔ NEGRO.....	79
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

1- INTRODUÇÃO

Atravessados pelo olhar e herança do colonizador, vivemos numa sociedade que insiste na prática de traçar diferenças entre os membros que nela habitam. As questões de classe, raça e gênero marcam com força o desequilíbrio social que tende a perpetuar a supremacia do homem branco. Diante desse entrecruzamento, percebe-se que a estrutura social do nosso país, o Brasil, se constrói como se fosse uma pirâmide, a qual coloca o homem branco, heterossexual, de classe média e sem deficiência no topo como modelo ideal, os demais sujeitos que compõem a nossa sociedade vão compor a parte inferior desta pirâmide. Dessa forma, todos os sujeitos que estão fora desta padronização do modelo ideal, sejam elas acabam sendo marginalizados.

Há séculos na luta pelo respeito a essas diferenças, os sujeitos marginalizados começaram a debater e requerer uma equiparação de oportunidades e direitos. E a partir da iniciativa, inicialmente das mulheres negras, outros grupos de mulheres (brancas e trans, por exemplo) e, também, de homens que viviam fora do escopo do que seria socialmente aceitável, tiveram a percepção que na escala social também lhes eram negados muitos direitos e, desde então, também começaram a busca pela igualdade.

Mesmo depois de múltiplos avanços positivos, ainda seguimos perpetuando a ideologia patriarcal ocidental, na sociedade moderna, pois ainda nos encontramos dentro de um regime que dá posição de poder aos homens brancos e tende marginalizar as mulheres brancas, e em especial as indígenas e negras, em uma relação não somente de gênero, mas também de etnicidade. Nas relações de gêneros, o processo de marginalização do outro é parte integral e atinge também a nós homens. Assim, todo homem que não atende às expectativas sociais e que não performam o padrão considerado hegemônico é depreciado e marginalizado.

Pensando nessa construção social desigual do Brasil, nosso foco será de problematizar as diferenças e as múltiplas formas que constituem o homem negro dentro desse contexto brasileiro. Para isso, elegemos para análise, a obra literária *O Averso da Pele*, escrita por Jeferson Tenório, carioca radicado na capital gaúcha, Porto Alegre.

Jeferson Tenório, nascido em 1977, no Rio de Janeiro, tem sua formação na área de Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Mestre

em Literatura Luso-africanas com dissertação intitulada "Quando é ser africano? Em busca do outro pé e outros nihilismos na obra de Mia Couto" e atualmente está em processo de conclusão de doutorado em Teoria da Literatura, na PUCRS, com tese intitulada *A autópsia de um imaginário em ruínas: a memória nas narrativas em 4 autores portugueses*.

Sua produção literária conta com três obras do gênero romance. Começou com a obra *O Beijo na Parede* de 2013. *Estela sem Deus* é seu segundo romance lançado no ano de 2018 e para fechar, no ano de 2020, lançou seu terceiro romance objeto desta análise, obra aclamada pela crítica por tratar de questões pontuais da sociedade brasileira, retratando a naturalidade com que pessoas negras são alvos de violência por conta da cor da pele e da posição social que a maioria dos negros se encontram.

Foi escritor anfitrião da FestPoa Literária de Porto Alegre em 2019, além do romances tem contos traduzidos para o Espanhol e Inglês e textos adaptados para encenações teatrais. *O Beijo na Parede* ganhou o prêmio de livro do ano e outros prêmios foram conquistados por Tenório, como 3º concurso de poemas no trem e 15º concurso de poemas no ônibus, realizados pela prefeitura de Porto Alegre e a menção honrosa no 19º Concurso de contos Paulo Leminski, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Nosso objeto de análise é a última obra, escrita até o momento, de Jeferson Tenório, *O Avesso da Pele* (2020). Obra que traz a narrativa de Pedro que posterior a morte de seu pai, diante dos pertences deixados pelo seu progenitor, rememora e reinventa a história de vida de Henrique, denunciando as diversas formas que se apresenta o racismo e as inúmeras violências que esse sistema aterroriza os sujeitos negros no Brasil.

A escolha dessa obra se justifica pelo motivo de possibilitar a discussão sobre as masculinidades negras, sendo possível abordar quais os desafios dessas performances, como são construídas, quais as violências enfrentadas e quais as estratégias criadas para sobrevivência dos sujeitos oprimidos, além de ser um assunto de valor pessoal. Dessa forma, questionamento como "o que é ser homem negro"? "O que é ser masculino"? E "o que é ou o que são masculinidades negras"? "Como se constituem estes grupos dentro do território nacional"? serão possibilitadas suas discussões.

A presente dissertação será escrita e dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Pensando as Masculinidades*, temos a intenção de dialogar com diversos autores sobre os múltiplos conceitos designados as masculinidades. A seleção dos teóricos, se justifica por estarem discutindo as masculinidades negras na atualidade e em sua maioria, refletindo essas masculinidades dentro do território nacional, assim como, ocupando as margens da sociedade. Na parte inicial desse estudo teórico, de forma mais abrangente, iremos procurar conceituar, perceber e problematizar como se dão às construções de masculinidades e quais os desafios que elas encontram diante das atribuições que as marginalizam. Na parte final, criamos um subtítulo, *Masculinidades negras*, a fim de dialogar sobre as performances dessa masculinidade marginalizada. Refletir como o patriarcalismo, racismo e toda a herança colonial que atravessa esse homem negro, sujeito que a sociedade insiste em racializá-lo com a intenção de oprimir, depreciar e dificultar sua existência. Dessa forma, a intenção é de pensar essas performances a partir do corpo, da sexualização, da cor da pele e do imaginário social sobre o negro, assim como as inúmeras violências que nós negros sofremos.

Nos capítulos de análises, focaremos na última obra de Jeferson Tenório, *O Averso da Pele* (2020). Nela, a partir da trama e da reconstrução da história de um pai fantasma, depois de sua morte, temos também a possibilidade de explorar outras categorias que forjam o homem negro. A intenção é abordar como as questões do racismo nos atravessam. Nesta, também, veremos as formas que essa idealização de apagamento do negro se dá a partir da violência policial, a qual extermina muitos sujeitos negros na sociedade brasileira.

Nessas análises dividimos em dois capítulos e suas subseções. O terceiro capítulo, intitulado *Negra Existência*, trata das relações de gêneros que constroem as masculinidades negras. Desse modo, através do encruzilhamento com personagens femininas, Pedro, além de rememorar a trajetória da mãe, nos possibilita pensar o modo com que essas mulheres colaboram na construção de sua identidade. Elencamos três personagens femininas, Martha (mãe), tia Luara e Saharienne, e dividimos em três subseções para discutir cada relação.

No quarto capítulo, intitulado *O Negro Averso*, o objetivo é tratar das personagens masculinas e a relação entre pai e filho. A ausência paterna no dia a dia de Pedro e como, mesmo distante, esse pai morto foi é fundamental para a

constituição do homem negro, Pedro. Foram separadas duas subseções, uma para discutir e problematizar as relações sobre os homens negros sob a perspectiva de Henrique e outra sob a de Pedro.

Ainda nos capítulos de análises, propomos a leitura sob uma perspectiva da religiosidade de matriz africana. Assim como a obra inicia e termina falando em Ogum, orixá africano, vemos e atribuímos um (a) orixá para cada personagem, de acordo com as características de cada um. Essa atribuição tem como objetivo fazer referência à fé nos deuses, como amparo para um enfrentamento social e desigual.

No quinto e último capítulo, apresentamos as considerações finais que têm como objetivo não encerrar muito menos concluir qualquer problematização, visto que as discussões sobre as masculinidades e todas as perversidades do racismo não podem e não devem se encerrar.

O Avesso da Pele é uma obra da literatura contemporânea que versa e possibilita refletir essa atualidade turbulenta que o Brasil atravessa, pois percebemos que a partir dos diversos discursos, há a propagação do desrespeito, da negação, do apagamento e da instauração de uma violência sem fim. Muitos de nós estamos sendo exterminados a cada minuto que se passa, e pensar nessas masculinidades negras não é somente denunciar o abuso, o racismo, a violência e o projeto de dominação de uma minoria, é também pensar nas estratégias possíveis para existir, reexistir.

2- PENSANDO AS MASCULINIDADES

Ao longo da segunda metade do século XX, surgiram inúmeras teorias e movimentos a fim de buscar e discutir as razões das desigualdades que restringiam os direitos das mulheres em relação aos homens. Os estudos sobre as mulheres ganharam força e Simone de Beauvoir ganhou destaque com seus escritos questionadores dessa supremacia masculina. Com o passar do tempo, uma segunda onda, dessas buscas, liderada pelo feminismo liberal, nos Estados Unidos, lutaram pela igualdade de acesso e oportunidades no âmbito social a fim de garantir à mulher o direito de exercer atividades e funções que até então eram reservadas e dadas somente aos homens.

Surgiram outras correntes feministas, em vários campos de atuação, ganharam estudos, pesquisas e ações para que as mulheres deixassem de ocupar o lugar de subordinação. Principalmente no que tange às questões econômicas, esses movimentos tinham como centralidade debater as relações entre gêneros através do conceito do patriarcado.

Concomitantemente, surgiu a necessidade de discutir, repensar e atribuir novas definições para os papéis masculinos na sociedade. Nos anos de 1970, nas universidades americanas, nascem novos movimentos para dar continuidade às abordagens de diferença de gênero. O *Men's Studies*, movimento de estudos sobre as masculinidades, teve como um de seus precursores o sociólogo Michael Kimmel, que sustentou-se de diversos movimentos sociais para questionar os privilégios e a hegemonia do homem, branco e heterossexual. Além do movimento feminista, o de liberação gay e do Direitos Civis fizeram parte do estudo supracitado.

Assim, essas buscas ganharam força e relevância na tentativa de entender os motivos dos privilégios masculinos em relação ao feminino e a outros grupos de homens que não atendem nem às características e nem ao padrão estabelecido dentro dessa estrutura ideológica. A autora Raewyn Connell (1985, p.189), afirma que "gênero é a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sociais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornada parte do processo histórico".

Quanto a estrutura das relações de gênero, Connell diz:

Falar de estrutura de relações de gênero significa enfatizar que o gênero é muito mais que interações face a face entre homens e mulheres. Significa enfatizar que o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional. O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos "papéis de sexo" ou a biologia reprodutiva sugeririam. (CONNELL, 1985 p.189)

Dessa forma, Connell (1995, p.188), destaca que essa investigação se dá no interior de uma estrutura de gênero em contato com outras esferas estruturais da sociedade como origem étnica, raça e a classe. O que possibilita entender que masculinidade é uma construção social, cultural e histórica, que se aproximam e se distanciam de acordo com as diversas experiências vividas pelos sujeitos no espaço e no tempo em que se encontram. Com base nessa afirmação de que gênero é relacional, a filósofa Judith Butler no diz que:

Buscamos entender gênero como "performance", não como algo fixo, estático, mas como um sistema discursivo e relacional dinâmico que é incorporado por tudo e qualquer sujeito fazendo parte do seu panorama individual e coletivo de subjetivação. Gênero, portanto, é uma "identidade instituída por uma repetição estilizada de atos" (BUTLER, 1990, p. 297).

Por ser uma construção social baseada nas vivências dos indivíduos, faz com que tenhamos conforme Connell (1995, p. 188) "mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade", dando multiplicidade ao conceito de masculinidade. Assim torna-se necessário pensar em masculinidade no plural, o qual vai ser possível conceituar as diversas relações masculinas com outros grupos de homens e de mulheres a partir do tempo, espaço e experiências que constituem cada grupo social. O sociólogo Henrique Restier, corrobora com as ideias acima, afirmando que essa construção de identidade não é apenas relacional, mas também atribuída às variações do contexto social no qual os homens estão inseridos.

Masculinidade é um processo de socialização em que homens buscam legitimar perante seus pares, na busca pelas prerrogativas patriarcais de uma determinada sociedade e que esse processo não só é relacional (envolvendo homens e mulheres), mas varia de acordo com o contexto social e dos marcadores sociais (raça, classe, etnia, região, sexualidade, etc) que compõem o indivíduo. (RESTIER, 2017, p. 2)

Torna-se importante destacar que pensar nas masculinidades é um tanto complexo, pois essas construções sociais conforme Connell (1995, p.189), são produzidas no mesmo contexto social, destacando que as relações de gênero incluem as relações entre homens, possibilitando as relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Nessas ligações é possível perceber que entre os inúmeros contatos entre os sujeitos de uma sociedade a busca pela performatividade dominante parece estar no instinto do homem. Porém, tal constatação se dá a partir da herança de expectativas sobre os papéis masculinos. As performances masculinas não estão no instinto do homem, educa-se esse homem a performar uma masculinidade que se distancie de qualquer semelhança do ser feminino. Esse afastamento da feminilização acontece desde o processo de desmamar o homem, período em que é atribuída à mulher a responsabilidade pelos cuidados dele. Ao longo dessa criação, a mãe, de forma inconsciente ou culturalmente, já começa a introduzir a masculinidade no filho. No entanto, aqui nessa culturalização machista, a mulher ser responsabilizada pela injeção de uma masculinidade, se torna uma ação perversa contra a mulher, pois ela é um alvo, e continua sendo, do sistema patriarcal.

Essa construção da masculinidade, começa a partir dos papéis dados aos meninos nas brincadeiras infantis e passados alguns anos, quando na adolescência, é ensinado ao homem que ele é um indivíduo que deve assumir posturas que atendam as características de ser homem dentro de uma perspectiva, socialmente, esperada.

A sociedade costuma definir e direcionar os caminhos a ser percorridos pelo homem, como adequados ao masculino e este é construído de forma cuidadosa para não parecer e não se aproximar das características femininas, os tornarão homens de verdade, homens de valor. Os psicólogos Georges Daniel Janja Bloc Boris e Lucas Guimarães Bloc, corroboram afirmando que:

[...]masculino é construído através de um conjunto de manobras de defesa: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma de ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de cuidados dispensados aos outros; e, evidentemente, temor a ser desejado por outro homem ou de desejá-lo. Isto é, as atitudes do homem comum podem ser assim descritas: ser grosseiro, fanfarrão e briguento; tratar com violência e tornar as mulheres seus fetiches; buscar amizade apenas dos homens, mas odiar, desprezar e maltratar os homossexuais; falar rudemente; desconsiderar as atividades das mulheres. (BORIS & BLOC, 1996, p.5)

Esse distanciamento imposto pela sociedade, tem como premissa manter a desigualdade de gênero, fazendo com que o homem mantenha *status* dominante e assim é introduzido no ser masculino que “o primeiro dever de um homem: é não ser uma mulher” (STOLLER, 1989, p.311).

Tamanha a complexidade acerca dos estudos sobre o que é ser homem dentro de uma sociedade, faz-se necessário analisar e discutir algumas ações destes dentro dos grupos que estão inseridos. Diante das inúmeras formas de performatizar a masculinidades, questões como “O que é ser homem?”, “O que é ser masculino?”, “O que é masculinidade?” são fundamentais para entender como se constituem os homens na sociedade moderna. Responder às indagações acima gera enormes dificuldades, pois o que é ser homem para mim, pode ser extremamente diferente para o outro. A construção da masculinidade varia de acordo com a carga de experiência vivenciada por cada indivíduo. Pensar as masculinidades na pós-modernidade é dizer que ela pode “ser entendida como uma construção do social e que constitui um lugar simbólico/imaginário. Logo a masculinidade é uma construção vinculada aos padrões sociais de uma época”, como afirma a linguista Milena Santos de Jesus. (JESUS, 2010, p. 2).

Como somos historicamente atravessados pelo ideal do patriarcado, esse sistema tende a sustentar a falsa ideia da superioridade masculina, e nas performances de dominação no jogo de poder que essa estrutura sugere. Partindo dessa idealização, a cultura desse sistema denomina ao homem como ser superior às mulheres. Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (2012), traz o conceito de androcentrismo para se referir como padrão de dominação do homem enquanto gênero. Pensar no termo androcentrismo, criado pelo sociólogo Lester Ward, em 1903, não é apenas observar os privilégios dados aos homens, mas também certificar que este conceito está cunhado ao modelo de experiências vividas por eles, são vistas e idealizadas como representação universal a todos os indivíduos. O primeiro homem trans arqueólogo, no Brasil, Shay de Los Santos Rodriguez, ainda sobre androcentrismo, nos diz que:

O androcentrismo é uma das principais características que compõe uma sociedade patriarcal, e adquire uma postura, segundo Oliveira (2004), no qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são evidenciadas a partir de uma perspectiva unicamente masculinista, e consideradas como adequadas para a maioria das pessoas, tanto de homens como de mulheres. (RODRIGUEZ, 2019, p. 281)

Então, perceber o homem como centro e como exemplo a ser seguido, dentro do modelo patriarcal é pensar que esse padrão é composto por homem, heterossexual, branco, rico, forte, viril e não deficiente, ou seja, pensar nas características que determinam o grupo idealizado dominante de homens que formam a masculinidade hegemônica.

O modelo hegemônico, é um modelo maléfico e perigoso para os homens, pois os atinge não somente a sua saúde mental, mas também à física e emocional, ou seja, este modelo atinge todas as pessoas. Dessa forma, aprendemos que existe uma forma de masculinidade superior à outras. E como afirma Rodriguez:

Uma masculinidade construída pelo patriarcado e que permanece forte e influente na sociedade ocidental capitalista. Estou falando do ser homem cis, branco, heterossexual, algo representante da heteronormatividade. Tudo que foge a uma dessas características são componentes das masculinidades subordinadas à masculinidade hegemônica. (RODRIGUEZ, 2019, p. 278)

A hegemonia, no que tange às masculinidades, tem o intuito de desfavorecer aqueles que não performam dentro de sua ideologia. Então se o indivíduo não estiver inserido dentro das categorias desse grupo hegemônico, logo vai pertencer às classes subalternizadas destas construções. A “masculinidade hegemônica é uma configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (CONNELL apud SILVA, 2006, p. 121).

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A hegemonia de alguns grupos de homens está presente nas múltiplas situações que nos rodeiam, na atualidade, e desconstruir essa prática de dominação por parte de alguns e de negação para outros têm sido objetos de estudos, análises e discussões desde o início dos movimentos masculinos em busca de igualdade de direitos. Pois conforme Kimmel (1998, p. 103), “o hegemônico e o subalterno

surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e económica dividida em gêneros”.

Essas questões de privilégios a certo grupo, faz com que a hegemonia seja uma construção, historicamente, invisível aos sujeitos que dela se beneficiam, contrariamente, àqueles que não são privilegiados, têm a percepção das disparidades, o que ocasiona nas lutas pela igualdade. Há a produção de distanciamentos entre os grupos hegemônicos e todos aqueles que não atendem as performances desses privilégios, e vão ser os favorecidos, os guardiões desses espaços e da valorização dessas categorias que os fizeram ocupar esse lugar de modelo do qual se intitula dominantes.

Esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados. A invisibilidade é um privilégio em dois sentidos – tanto descrevendo as relações de poder que são mantidas pela própria dinâmica da invisibilidade, quanto no sentido de privilégio como um luxo. É um luxo que somente pessoas brancas em nossa sociedade não pensem sobre raça a cada minuto de suas vidas. É um luxo que somente homens em nossa sociedade façam de conta que o gênero não importa. (KIMMEL, 1998, p. 105-106)

Kimmel continua nos dizendo que “a masculinidade hegemónica é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência” (KIMMEL, 1998 p. 116). Isso posto, afirma-se que os detentores de privilégios não pensam em questões de raça, etnicidade, classe e todas as outras possibilidades existentes que diferenciam e negam direito a esses grupos de homens. Ter como ideal um único modelo masculino a ser seguido é invisibilizar outras formas de construções e manifestações de masculinidade que variam de cultura à cultura, período histórico, ou seja, o momento experienciado, a posição ocupada na sociedade e região onde o sujeito está inserido entre outros.

No que se refere a expansão da dominação masculina, historicamente ela é constituída pela corporeidade onde a genitália masculina por penetrar a genitália feminina, se torna dominante, ou seja, dados atribuídos aos homens. Sobre as diferenças que compõem os corpos masculinos e femininos, Bourdieu nos diz que:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos

sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2012 p. 19)

Dando continuidade no pensar as diferenças a partir do corpo, a qual o homem é considerado como superior pela cultura patriarcal, Bourdieu continua a afirmar que a dominação masculina se dá a partir do sexo, ou seja, da genitália.

Assim como a vagina deve, sem dúvida, seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não só é vista como vazia, mas também como o inverso, o negativo do falo, a posição amorosa na qual a mulher se põe por sobre o homem é também explicitamente condenada em inúmeras civilizações (BOURDIEU, 2012. p.27)

Ser ativo, é uma das prerrogativas culturalmente enraizadas de superioridade, onde a posição de dominante é do mesmo modo atrelado ao papel sexual. Dessa forma, o homem assume a posição de dominante ao penetrar na mulher, assim como em outros homens. A antropóloga Miriam Pillar Grossi (2004, p.6) afirma que diferente de outras culturas, como a algló-saxã, na cultura brasileira o homem que penetra outro homem, ou seja, que tem uma relação homoafetiva não são considerados homossexuais e que essa posição se dá pela atividade sexual, de penetração, ou seja, o ativo continua sendo visto como homem e o passivo, um ser emasculado.

O corpo como objeto que diferencia que dá o domínio ao homem na relação entre gêneros, também ganha outras extensões para confirmar essa cultura. No âmbito do trabalho, o corpo também é visto como fator preponderante ao *status* de dominação. Durante muito tempo, o homem foi visto como o único capaz de desenvolver algumas atividades laborais, haja vista, que pelo motivo de ter um corpo com mais massa muscular, o que lhe proporciona mais força em relação às mulheres. A eles eram dados a incumbência de realizar o trabalho fora de casa, deixando para as mulheres trabalhos como o cuidado da casa e dos filhos. Também no ambiente de trabalho, o corpo é pivô de diferentes performatividades entre os homens, os quais são expostos ao sistema capitalista que vê na masculinidade a possibilidade de explorar mão de obra, a partir da disputa entre eles. Então é comum, principalmente em trabalhadores da classe média, haver disputas de quem aguenta realizar mais horas de trabalho, a fazer mais força, a demonstrar mais resistência entre outros exemplos, como forma de explorar esse

homem que está condicionado a demonstrar ser mais homem, mais útil que seu companheiro de trabalho. Com essa disputa, o que era para ser visto como o companheiro, membro de uma equipe, passa a ser adversário. E aí está o exemplo de como o sistema social vigente faz uso da cultura acerca das performances masculinas, a fim de explorar o homem sob a falsa premissa de ocupação do *status* de superioridade.

Outro espaço em que o corpo torna-se meio e atributo de dominação, na sociedade moderna, são os ambientes de academias. Nestes, a busca pelo corpo malhado e sarado, faz com que homens tenham atuações e buscas de superioridade aos demais. Este cenário de academia do corpo é interessante e curioso, pois ser capaz de levantar mais peso que as mulheres e outros homens faz com que esse sujeito sinta-se mais forte e com isso, no seu íntimo, está em uma posição de destaque. A exposição do corpo diante os inúmeros espelhos, contidos nesses ambientes, também são performances e tentativa de afirmação de se tornar superior frente a outros homens e mulheres. Ou seja, ser o mais forte, o mais belo e musculoso vai fazer desse homem, no seu inconsciente, o modelo a ser seguido, desejado e invejável frente a outros sujeitos que compõem esses espaços.

Por haver uma pluralidade de masculinidades, a partir das diversas experiências vividas pelos homens e que essas construções de identidades se dão pelo mesmo motivo de os indivíduos estarem separados pelo tempo, espaço, grupos sociais e diferentes acessos, podemos perceber que a busca por ocupar a posição de dominante se torna um desejo das múltiplas masculinidades. Se torna uma meta alcançar um grau de destaque, um melhor salário, ter melhor resultado na prática de esportes, ações que o homem vai performar algumas características, como se mostrar mais forte, viril e mais inteligente, fazendo com que se perpetue a herança da estrutura do patriarcado. Para pensar o patriarcado, o poeta e educador, congolês J. J. Bola corrobora afirmando que:

O sistema do patriarcado é algo que impacta as vidas de homens e mulheres, atuando desde o nascimento até a infância e seguindo pela vida adulta e por aí vai, de maneiras às vezes aparentemente simples, como as cores que devem ser usadas - o azul para os meninos e rosa para as meninas-, os tipos de roupas ou os brinquedos com os quais as crianças devem brincar. Toda essa ordenação tem uma repercussão significativa na maneira como a masculinidade é vista dentro da sociedade, e como os homens e as mulheres interagem entre si. (BOLA, 2020 p.16)

Junto a essas diferenças dos corpos, o conceito de virilidade torna-se interessante dentro da discussão. Trata-se de viril aquele homem que tem força, que trabalha muito, que tem voz ativa e firme, que é extremamente ativo sexualmente e que não expressa suas emoções. Essas são as expectativas sociais esperadas do homem. Bourdieu, sobre virilidade, nos diz:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (BOURDIEU, 2012 p.19)

A questão do trabalho está intrínseca quanto a afirmação dessa masculinidade hegemônica. A busca do trabalho fora do lar é algo que confirma sua masculinidade dominante, viril. A partir do trabalho vem a afirmação do homem provedor, pai de família. O homem forte que levanta cedo, sai para o trabalho, chega em casa cansado e no final do mês dá parte do salário que acha necessário para esposa organizar quais os mantimentos comprar, para que dure o mês todo e não falte aos filhos e ao homem. O trabalho é uma questão tão forte para o homem que ao pensar em ficar sem este *status* de provedor lhe causa pânico. Essa ocupação centralizadora, de provimento, é tão forte culturalmente que quando o homem não a ocupa, acaba por sofrer automutilações. Estar na condição de não provedor, faz com que este homem não esteja performando o que a sociedade espera dele. Essas expectativas sobre os homens não são benéficas, pois condicionam a performatividade a partir das expectativas sociais e não naturais, acarretando a inúmeros problemas psicológicos àqueles que não alcançam ou não estão desempenhando os movimentos esperados culturalmente por eles. Essas questões fazem com que a cultura do trabalho seja introduzida no homem desde sua infância, dando uma carga de responsabilidades a ele, ilustrando como a masculinidade é construída e introjetada de forma cultural. Na infância, essas práticas podem ser percebidas nos jogos simbólicos em que meninos reproduzem os papéis dos homens com os quais convivem e na interação com outras crianças experienciam papéis que socialmente não os são ofertados de performar sendo suas mães, de usar acessórios, de vestir saias, sem que haja o estabelecimento de padronização

ou censura para que apenas possam ser crianças. Mas essa possibilidade se afasta com o avanço de suas idades.

A questão psicológica é um fator que atormenta os homens na sociedade moderna. Pensar em não estar trabalhando, não estar sustentando a família e não estar sendo referência aos filhos, faz com que sintam-se incapazes de ser homens de valores, ou seja, homens de verdade. Quando em uma família o homem se encontra desempregado, a mulher trabalhando e assim mantendo os custos da casa faz com que ele sintam-se inútil, envergonhado e esses fatores tornam-se problemas sérios dentro do ambiente familiar e fora. O homem passa a não sair de casa com medo de estar sendo visto como sujeito sustentado pela mulher, assim ele é visto como um sujeito que está ocupando o lugar, do famoso adjetivo pejorativo, de gigolô.

Outro fato que geralmente acontece com o não provento por parte do homem é a aparição da agressividade, a qual se torna presente em muitas situações. O homem por não estar trabalhando, acha que não deve ocupar o espaço idealizado para a mulher, a cozinha, o tanque, o cuidado dos filhos entre outros, achando que se performar essas ações sua masculinidade estará sendo fragilizada. Assim, continua exigindo que a companheira, independente de estar ou não empregada, siga realizando as atribuições que culturalmente é designada a ela. São fatos fortemente discutidos pelas feministas, pois causam indignação em relação a mulher estar trabalhando fora de casa, sustentando a família e ainda ter que ser capaz, mesmo que cansadas, de realizar as tarefas do lar que lhes são atribuídas. Essa tripla jornada de trabalho compõe as lutas de mulheres e homens em relação a estas questões que o machismo estrutural impõe nos sujeitos.

Quanto a importância do homem trabalhador e provedor, o psicólogo Sócrates Nolasco afirma:

Para os homens, o trabalho tem uma dimensão cartográfica, pois define a linha divisória entre as vidas pública e privada, e, ao mesmo tempo, tem uma dupla função para as suas vidas. A primeira é ser o eixo por meio de que se estruturará seu modo de agir e pensar. A segunda função é inscrever sua subjetividade no campo da disciplina, do método e da violência, remetendo-os a um cotidiano repetitivo. (NOLASCO, 1993, p. 51)

Haja vista, a importância do trabalho na constituição do masculino, outro fator determinante é o desempenho sexual. O homem se vê inscrito na categoria também de obter ótimo desempenho sexual, visto que as expectativas sociais predominantes lhes atribuem a máxima de “máquina de fazer sexo”. Dessa forma, o homem completo, de verdade, aquele com “H maiúsculo” tem por obrigação ter desempenho sexual satisfatório.

Pensando no papel ocupado pelo homem frente ao desempenho sexual, Grossi (2004, p.6), diz que no Brasil, diferente de outros países e outras culturas, que a relação do homem com o sexo e a confirmação de que ele é homem quando ele tem o papel ativo e é o único indivíduo que penetra, independente se o ato aconteça com uma mulher ou outro homem e reafirma que no Brasil para ser considerado homem, ele precisa assumir a posição de atividade sexual, de penetração. O que faz ser confirmado que a relação trabalho e atividade sexual determinam a posição de homem dominante na sociedade brasileira, quando um homem engravida sua companheira, isso prova que ele é ativo, que a relação sexual é fato e perante outros homens esse ser homem é fortalecido e popularmente se forem crianças gêmeas, essa experiência se traduz num sentido de maior virilidade.

Segundo Nolasco a questão do homem trabalhador e do homem ativo sexualmente é algo que atravessa essa construção social da masculinidade.

O trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. Desde cedo, os meninos crescem assimilando a idéia de que, com o trabalho, serão reconhecidos como homens. (NOLASCO, 1993 p. 51)

O trabalho e a relação sexual são historicamente vistos como marcos na formação do homem. No âmbito social, o trabalho tem a mística de confirmar a construção de um masculino padrão. Pois através do ingresso no mundo do trabalho, o homem confirma a expectativa de trabalhador, de que está apto a ser provedor e já tem forças o suficiente para não depender mais da família. O que lhe abre a possibilidade de viver fora da casa dos seus pais. E esses fatores são determinantes para atingir as expectativas sociais. Já sobre a relação sexual, o homem negro, carrega o fardo de ter desempenho sexual magnifico, pois a forma com que a sociedade vê e violenta o negro é atribuindo a ele uma adjetivação de um homem selvagem, insaciável e animalesco no que tange ao desempenho sexual.

O trabalho define a primeira marca de masculinidade, na medida em que, no plano social, viabiliza a saída da própria família. Aparentemente, o trabalho confere ao homem um status de independência que se limita ao âmbito financeiro. Uma de suas funções é dissolver o vínculo com a família, tornando-o sob o pretexto da independência, indivíduo comprometido com uma obsessão “produtiva” e com a reprodução dos valores da ordem capitalista. (NOLASCO, 1993 p. 51)

O homem logo cedo aprende qual o papel a ser assumido, o de prover, não ser dependente. Sendo assim, o antropólogo Osmundo Pinho nos diz que:

Por razões de gênero, os rapazes precisam dividir o tempo da escola com o tempo de trabalho, porque os homens precisariam constituir-se logo como provedores e tem para o salário destinação mais urgente que as mulheres, que podem, em função dos ideais de gênero, depender economicamente de seu pai ou marido. (PINHO, 2013 p. 236)

Forjados por essas expectativas sociais, arraigado pelo ideal patriarcado, falar sobre homens e definir o que é ser homem dentro da sociedade moderna se tornou extremamente complexo, pois juntamente com os movimentos feministas outros grupos de homens que não atendem as expectativas geradas pelo ideal do patriarcado performam masculinidades marginalizadas. A escolha pelo termo marginalizado e não subordinado se dá pelo motivo dessas performances estarem fora da centralidade da estrutura dominante. Dessa forma, surgiram os movimentos de grupos de homens que lutam contra essa hegemonia idealizada ao longo do tempo. Outras masculinidades como os homossexuais, transgêneros e bissexuais, são considerados homens sensíveis, com problemas e com desvios de identidade, pois diante da perspectiva hegemônica, esses grupos são vistos como aberrações, frutos de preconceitos enraizados na sociedade que estigmatiza-os. A partir desse ponto de vista perverso, esses grupos marginalizados sofrem com as tentativas de invisibilização e as diversas violências que buscam o apagamento dessas masculinidades. Vivemos em uma sociedade que insiste em seguir padrões e qualquer movimento que fuja a essas normas, são discriminados. Sabe-se que performar masculinidade não está apenas restritos ao homem, pois em uma relação homossexual feminina também há performatização de masculinidade, ação que depende da posição que uma delas assume na relação. Seja de qual o papel ela assume na atividade sexual, formas de vestir-se e ocupação no que se refere ao trabalho. Essas masculinidades são discutidas e colocadas às margens por não

estarem de acordo com o modelo ideal, construída e induzida pela herança patriarcal.

Outras masculinidades marginalizadas são compostas também por homens desempregados, pacifistas e negros. Esse bloco de grupos marginalizados enfrenta inúmeros problemas sociais, pois novamente os homens sem trabalho, ideologicamente são vistos como fracos e incapazes, assim como os pacifistas que são vistos como seres sem atitudes e que não têm forças para lutar pelos seus direitos de equidade. Um homem negro desempregado é inscrito pela hegemonia, que busca estigmatizá-lo, como um sujeito irrelevante, dependente da mulher ou de sujeitos alheios para sobreviver e com o potencial de se tornar uma ameaça social. Os negros, ocupam outros grupos que estão as margens diante de um modelo hegemônico de masculinidade que tende sempre beneficiar o homem branco, de classe média, com formação superior. Homens negros são alvo de representações pejorativas diante de um racismo estrutural existente no Brasil.

Assim, o homem negro é visto como um corpo negro e apropriado para o trabalho braçal, representado pela força física e pela hipersexualização do seu corpo. Outros fatores sobre as expectativas, performances e restrições sobre esses corpos negros abordaremos mais adiante quando uma aprofundação acerca dessa masculinidade, que tanto nos interessa discutir, for feita.

Diante dessa multiplicidade de masculinidades, pensar sobre as identidades construídas pelos homens dentro das classes sociais, as quais estão inseridos, os grupos raciais e as possibilidades que lhes são dadas, torna-se imprescindível.

A construção do homem é um tema bastante abrangente e que possibilita, conforme afirma a antropóloga, colombiana, Mara Viveros Vigoya, uma abordagem bastante heterogênea em três ângulos:

a influência do contexto social, econômico e cultural sobre as definições da masculinidade; o vínculo entre identidade masculina e atividades no âmbito laboral; e, por último, as interações entre identidades nacionais e étnico-raciais e construções identitárias masculinas. (VIGOYA, 2018, p. 68)

Nessa perspectiva de construção a partir das experiências, dos contextos e da cultura a que os homens estão submetidos, as identidades são solidificadas de diversas formas. Na era vitoriana a identidade sexual estava ligada à representação de papel diante a sociedade. Formas de vestir-se, andar, entonações de voz,

postura corporal, forma como eram desenvolvido o corpo, a beleza, vigor físico junto com qualidades psicológicas como bravura, inteligência, coragem, agilidade e até mesmo heroísmo, descreviam a identidade masculina esperada para aquela época. Assim a burguesia masculina determinava o padrão de identidade do homem para época.

Atualmente, determinações são semelhantes àquela época, pois dependendo do grupo social, temos uma expectativa de construção dessa masculinidade. E essas expectativas são os desafios de ser homem, pois sempre vai estar sob a premissa das ações que dominam cada grupo, independente qual for, seja hegemônico, marginalizado ou qualquer nomenclatura que possamos usar para diferenciar os espaços e os contextos que os homens estão inseridos.

2.1- MASCULINIDADES NEGRAS

Os estudos sobre masculinidades, surgiram concomitantemente aos estudos femininos que buscavam a equiparação entre gênero pelos direitos dentro de uma sociedade atravessada pela ideologia do patriarcado. Com a percepção da desigualdade, não apenas para com as mulheres, outros homens tomaram consciência de que haviam práticas que também lhes negavam direitos e acessos em relação a uma pequena parte formada por homens que pertenciam a um grupo dominante. Assim como o movimento feminino liberal que buscava lutar pela equidade de gênero ao longo da segunda onda dos estudos sobre as mulheres, os homens que não faziam parte do grupo dominante na época passaram a se unir e realizar suas lutas de forma semelhante às feministas. O objetivo de ambas as discussões era a equiparação de possibilidades que lhes eram recusadas. O movimento negro feminino através das autoras Angela Davis, bell hooks, Kimberlé Williams Crenshaw e outras, ao perceber que na questão de desigualdade de gênero, as mulheres negras tinham ainda mais restrições em relação as mulheres brancas, discutiram, discutem e lutam até os dias atuais por garantia de direitos e equidades na esfera social.

Essa classe dominante constituída por brancos, sem deficiência, pertencentes à classe mais favorecida, heterossexuais, respaldados pelo sistema patriarcal se utilizavam dessa ideologia para prevalecer seus interesses e de modo

dominar a economia, acesso à educação, campo de trabalho e outros privilégios que se mantêm entre eles. Pensar em patriarcado é dizer que consiste em um sistema cultural que sustenta a falsa ideia da superioridade masculina e numa performance mandatória que se estrutura num jogo de poder e dominação masculina.

Uma sociedade patriarcal é aquela em que os homens assumem as posições primordiais de poder na esfera pública, dominando o governo e a política, a economia e os negócios, a educação, o emprego e a religião, e estendendo esse domínio para um nível privado e interpessoal, no lar, dentro dos relacionamentos, e até nas amizades. O patriarcado protege e prioriza os direitos dos homens acima dos direitos das mulheres. (BOLA, 2020, p.13)

Ainda discutindo sobre os efeitos do patriarcado, Bola vai nos dizer que:

[...] o patriarcado é uma trama que se estende pela família, pelo sistema educacional e pela mídia de massa. Ele socializa os comportamentos, atitudes e ações dos homens, dizendo a eles como devem agir, se sentir e se comportar em todos os aspectos das suas vidas, especialmente em relação às mulheres, mas também em relação aos outros homens (BOLA 2020, p. 13).

Essa dominação masculina se origina desse sistema e se sustenta em pilares que dão corpo a essas performances. Esses pilares se constituem da dominação do mundo social que consiste em ocupação de destaques nos espaços públicos e no exercício de mando nas esferas políticas e econômicas; a dominação que voltada contra si mesmo, através do sistema cultural de subjetivação masculina, gerando impacto na qualidade de vida e saúde do sujeito homem; na violência e dominação contra as mulheres, expressados pelo contato sexual e uso dos corpos femininos, culminando nas performances de posse e mando que acabam tendo como consequências desde as microviolências até o feminicídio; e como quarto e último pilar, a dominação do homem que performa a identidade do modelo hegemônico, a partir da virilidade contra outros homens que não atendem as características dessa masculinidade hegemônica e que formam as masculinidades marginalizadas. Esse grupo de homens é constituído por marcadores identitários, principalmente, de raça, orientação sexual e classe, interseccionalmente.

Pensando nessa diversidade de grupos, o conceito da autora Raewyn Connell (1985) destaca que essa investigação se dá no interior de uma estrutura de gênero em contato com outras esferas estruturais da sociedade como origem étnica, raça e

a classe. Possibilitando entender que masculinidade é uma construção social, cultural e histórica, que se aproximam e se distanciam de acordo com as diversas experiências vividas pelos sujeitos no espaço e no tempo em que se encontram. Por não fazer parte de um contexto hegemônico, essas afirmações nos dão base para problematizar as masculinidades negras.

Não menos importante, precisamos destacar que as masculinidades marginalizadas são formadas por homens que estão fora de uma perspectiva idealizada pela sociedade e assim como o geógrafo, negro, Caio César afirma que essas questões enraizadas do sistema patriarcal atinge os homens e alerta que “homens brancos, negros, indígenas, héteros, gays, bissexuais, transexuais etc., todos estão condicionados a seguir padrões de comportamento estabelecidos pela masculinidade hegemônica” (CÉSAR, 2019 p. 72). Nessa condição de estar submetidos a padrões pré-estabelecidos, a luta desses homens que estão às margens se dá em busca de igualdade, de direitos e liberdade para poder viver de forma que não sejam atacados nem discriminados pelo ideal hegemônico.

As masculinidades negras são performances de luta, sobrevivência e de busca pelo reconhecimento da diferença, sem que isso signifique impedimento ao respeito e equidade de direitos aos demais grupos. E pensando nessas construções de masculinidades negras, o antropólogo, negro, Rolf Malungo de Souza nos diz que “[...] a masculinidade é uma experiência coletiva em que um homem busca reconhecimento através de práticas com as quais conquistará visibilidade e *status* social perante seu grupo” (SOUZA, 2013, p. 36), e isso corrobora para a afirmação feita anteriormente que somos atravessados pelo ideal do patriarcado e por conta desses padrões estabelecidos, a partir da racialização, houve a criação do que não se adequa, do que foge as características e assim se constroem os outros, os de menores valores que compõem as masculinidades fora do padrão.

Assim como na seção anterior, torna-se necessário trazer questionamentos para aprofundar as discussões até aqui realizadas. A proposta é falar sobre as masculinidades negras no ambiente nacional, ou seja, vamos pensar em como nós, homens negros, nos constituímos dentro da nossa sociedade. Então, “o que é ser homem negro”? “O que é ser masculino”? E “o que é ou o que são masculinidades negras”? “Como se constituem estes grupos dentro do território nacional”?

E é diante desses rótulos que afastam os indivíduos numa relação de gênero, pois historicamente o homem teme a feminilização, fazendo com que

performem e trilhem caminhos que possam, a vista de outros sujeitos, serem vistos como durões.

[...] homem precisa ser forte, que um homem precisa ser duro, estoico, lógico, uma espécie de soldado no meio de conflitos extremos, pois, afinal, um homem jamais pode sucumbir à emoção ou à vulnerabilidade, ele sempre deve demonstrar indiferença a todo tipo de dor ou sofrimento. (BOLA 2020, p. 15)

Essa idealização, em sua totalidade, baseia-se na herança patriarcal e reforça quais as expectativas e quais os papéis são esperados que os homens assumam. Esta condição de ser homem, de tornar-se homem de verdade é apresentada desde cedo e faz com que este homem negro internalize que demonstrar sentimentos pode estar colocando sua masculinidade em dúvida.

Os garotos logo aprendem que expressar sentimentos, ainda mais com demonstrações de vulnerabilidade, como o choro, são fraquezas. E eles internalizam essa censura, de um modo que, quando fazem a transição da infância para a adolescência e, depois, para a vida adulta, eles reprimem internamente as emoções e nunca se dão conta do tamanho da violência. (BOLA, 2020, p. 20)

Como já dito, esse modelo pré-estabelecido para o homem tem influência direta na construção de suas identidades e faz com que sua essência seja não natural, pois está limitado a performar e atender o que dele é esperado. Desde pequeno nos é ensinado a não andar fora das normas culturais da sociedade, a qual estamos inseridos e assim, saber quais papéis assumir, quais atividades exercer e principalmente reafirmar o tempo todo nossa masculinidade se torna uma regra na trajetória do homem. Essas obrigatoriedades são opressoras, causadoras de danos irreparáveis e conviver com esses limites se torna uma tarefa árdua ao homem.

O homem negro também sofre com as questões do corpo que o constitui. A corporeidade é um atributo dado ao negro e visto como algo a ser explorado, o que determina qual o espaço que este vai ocupar. Falamos em espaço para pensar no trabalho, o homem negro que culturalmente é visto como forte, resistente e capaz de exercer as funções laborais mais difíceis, faz com que a maioria das possibilidades de trabalhos sejam, aquelas que assim como as masculinidades negras estão nas margens, marginalizadas também.

Pensar em relação a corporeidade, também nos leva a questionamentos relevantes, no que tange aos espaços que estes corpos negros ocupam. Quais são a maioria dos corpos que ocupam as vagas de trabalhos, de lida, nas fazendas?

Quais os corpos que ocupam, em número superior, as vagas de trabalhos na construção civil? Quais são os corpos, em número superior, que ocupam as vagas de porteiros ou de auxiliares de limpeza de um hospital de pronto socorro? São questionamentos que fazem refletir quais os espaços que o racismo estrutural impõe aos negros. Podemos fazer o caminho inverso e questionar sob outro olhar. Que corpos ocupam o *status* de donos de fazenda? Que tonalidade, na maioria, têm os corpos responsáveis pelas grandes construções? Quais são os corpos, em sua maioria, que ocupam os cargos médicos dentro dos hospitais? Quando vemos negros, lá no centro dos hospitais, ou seja, no interior, geralmente são técnicos ou auxiliares e um número mínimo ocupando o posto de médico.

A tentativa através dos questionamentos acima é de refletir a diferença de oportunidades que a estrutura social impõe. Um percentual muito pequeno de negros transcendem e alcançam cargos considerados de reconhecimento, pois negros nunca têm privilégios, mesmo quando ocupam esses espaços, a racialização se faz presente e lhes impõe opressões diversas. Comum é ver o espaço de cárcere cheios de corpos negros, e causa estranhamento ver esse corpo negro em outro espaço, culturalmente branco, já que somos lidos como escravos e não escravizados.

São heranças que fazem com que as oportunidades sejam dadas de formas diferentes e isso está atrelado a cor da pele dos sujeitos. Pensar no homem negro, de corpo forte, resistente e capaz de exercer toda e qualquer atividade laboral que exige do físico, foi naturalizado desde que o negro foi sequestrado da África. A linguagem também é outra ferramenta a serviço do racismo estrutural no país, pois com muita frequência vemos discursos emitidos de forma pejorativa sobre o negro. Essa questão linguística também pode ser vista quase como um protocolo quando direcionado aos homens quanto a restrição de enunciar jargões como “que lindo”, “que fofo”, “me arrepiei”, “estou emocionado” e diversas outras formas que a fala nos atravessa e fica num campo considerado secreto. São preconceitos que geram questionamentos a masculinidade do homem, pois pejorativamente vão ser questionados, por exemplo, como “É coca ou fanta?”, “É *pitbull* é *Lassie*?”. Essas imposições são para a fala, para a forma de sentar, para as roupas que usamos, para as formas que penteamos nossos cabelos, as relações com outras crianças, as músicas que escutamos, formas como demonstramos nossos sentimentos e tantas outras formas que acabamos guardando dentro de nós para que não sejamos

ridicularizados por essa estrutura que nos reprime. Depreciar o negro pela finura de suas canelas, pela brancura dos seus dentes, afirmando que o interno do negro é branco, determina características de inferioridade em relação ao branco, o que também é percebido quando há um destaque do homem negro que ainda assim tem suas características depreciadas.

Pensando nas múltiplas formas de violências que envolvem o homem negro e suas masculinidades, não podemos deixar de abordar que esse também é agente de violência, pois na relação de gênero, o homem historicamente é condicionado a performar a virilidade para estar reafirmando o quanto é homem. Fatos que desde a infância são ensinados ao sujeito masculino a fim de ser o membro forte da relação, dessa forma, “a agressividade masculina é também uma performance” (BOLA, 2020 p.46) que vai fazer o homem atuar dentro de uma perspectiva cultural.

Performance violenta que é ensinada ao homem desde sua infância, pois quando nos é ensinado que não devemos chorar ou que não devemos sentir qualquer dor e que somos os responsáveis, quando casar, de ser o chefe da família, fatos que consolidam uma ideia violenta, pois a partir desses direcionamentos performances violentas se constroem. Na relação de gênero, quando ainda criança o menino assume o papel de trabalhador, que sai de casa em busca do sustento, afirma-se que a mulher é dependente e vai estar ali, no lar, cuidando da casa, dos filhos e com a responsabilidade de deixar tudo preparado para a chegada do provedor. Ações como se fossem um contrato firmado de deveres e obrigações, na qual, a mulher é o sujeito que sofre com essas ações, pois mesmo quando as mulheres assumem o papel de provedor da família, ou seja, quando performam uma masculinidade socialmente esperada por parte do homem, fica no encargo dela prover e dar conta do que sempre foi atribuído ao feminino na relação de gênero. Dessa forma, vai trabalhar fora, sustentar a família, cuidar do lar, dos filhos, preparar a alimentação e cumprir com a atividade sexual para que o homem não se sinta menos homem ou não veja sua masculinidade ferida. São violências como essas que o homem produz em relação a suas parceiras de vida. Quando a mulher não consegue performar os inúmeros papéis culturalmente esperados dela, a mesma, muitas vezes, se tornam alvo de violências domésticas, as quais se apresentam desde a física, a psicológica, a sexual e em muitos casos o feminicídio. Casos em que o homem se torna provedor, mas de violência, já que não estar no papel de quem vai trazer o sustento causa pânico e fere essa masculinidade que lhe foi

internalizada desde quando criança o que ocasiona no afloramento de ações violentas. Dessa forma, o temor de perceber sua masculinidade fragilizada o torna num verdadeiro monstro, e assim como já dito, ele passa a não sair de casa e não realizar tarefas do lar para não sentir-se feminilizado. Situações que culminam em violência dentro do lar, seja contra os filhos ou contra a mulher.

[...] a violência masculina é realmente um campo minado, reunindo desde delitos mais leves a assassinatos, e, no caso de violências e agressões sexuais, respondendo pelos crimes de estupro, assédio e também de abuso, que pode não ser físico, e sim psicológico. (BOLA, 2020 p. 40)

Outra situação que o homem performa o ato viril, se dá na sexualidade, a qual tem, culturalmente, peso enorme na comprovação de suas masculinidades. Mesmo que a mulher trabalhe fora do lar, dê conta de seus filhos, mantenha a casa arrumada, alimentação preparada, ainda o homem a ela impõe a obrigatoriedade de manter em dia as obrigações sexuais. O que prova que o homem a partir de uma cultura de violência que é o patriarcado e de machismo, performa ações viris que causam inúmeros danos às vítimas. Cabe aqui afirmar que o falo tem fala, mais do que a simbologia ou a existência do pênis, o que desde sempre dá ao homem o *status* de dominador a partir do seu órgão sexual, está inscrito que ter o falo ou ser o corpo que carrega este, dá a condição de ser superior na relação de gênero.

Os fatos mencionados acima refletem ao longo da vida da mulher, pois culturalmente essa vai continuar sendo condicionada à submissão na relação já que essas circunstâncias se fizeram presentes na constituição de suas identidades. Assim, podemos afirmar que a cultura do patriarcado reflete nas formas como as violências se apresentam na vida dos homens e das mulheres e que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são ensinadas e introjetadas de maneira mecanizada na criança.

No campo de discussão sobre a violência, o qual vamos aprofundar nas análises da obra que forma o corpus dessa escrita, não podemos deixar de abordar a dicotomia no que tange a violência em relação às masculinidades. O homem é produto dessa ação, pois ele produz violência e sofre com a violência ao longo do seu exercício de viver.

Pensar em que desde pequeno o homem é exposto a situações capazes de produzir violências, é perceber que lá nas brincadeiras infantis começam as

reproduções dessas que culturalmente são vistas como algo divertido. Para ilustrar a afirmação acima, basta dizer ou lembrar da velha brincadeira de jogar bolinhas de gude, brincadeira que há uma carga de diversão enorme, mas quantas são as vezes que o maior acaba levando as bolinhas do coleguinha a partir do uso da força e de um tamanho mais desenvolvido do seu corpo. Ou aquela brincadeira, nada divertida, de o maior passar a mão na bunda do menor, situação que logo se espera uma reação viril para não dizerem que este menor, mesmo estando com medo do maior, possa ter gostado de ser tocado.

[...] a violência que ocorre entre homens tem origem nesses atos aparentemente divertidos de agressão, em que os homens apenas correspondem às expectativas impostas à masculinidade por tantos anos. (BOLA 2020 p.47)

Outro fator que faz com que o homem produza e sofra com a violência é a verbalização, através da fala, inúmeras violências se concretizam e são capazes de oprimir, discriminar e determinar os rótulos que desde sempre a estrutura patriarcal impõe, daí explicitando o quanto a masculinidade pode ser tóxica, já que “prospera em círculo vicioso no qual os homens contribuem para a repressão ao mesmo tempo em que sofrem com ela. (BOLA 2020 p. 52)

A toxicidade é tão maléfica quanto as performances masculinas que o agente lança mão para violentar o outro e ao contrário daquele, o infrator, não perceber ou não quer perceber o quanto é violento e o quanto essa ação pode ser destrutiva. Diferente do agente, que muitas das vezes até se diverte com suas toxicidades, quem sofre com elas, têm danos incalculáveis e ter essa sensibilidade não está inscrita dentro de uma virilidade que opera na afirmação da masculinidade opressora.

Ainda nessa relação de quem violenta e é violentado dentro das performances das masculinidades, olhar para o espaço carcerário se faz necessário e importante pensar. Temos um espaço, com uma diversidade de homens e vivências, assim como uma diversidade de masculinidades. Podemos perceber, nesse ambiente, que há uma hegemonia, homens que dominam e performam as diversas características de virilidade e há aqueles que estão às margens, subordinados à dominação de um determinado grupo. Mas a intenção com o exposto acima, é afirmar que o ambiente carcerário é dicotômico, pois ao mesmo tempo que nesse espaço seja de afirmação e reafirmação das masculinidades, mas

também de rompimento dessas masculinidades. Rompimento no que se refere a ações através da violência que ocasiona na feminilização de muitos homens em uma disputa de provar e de mostrar o quão mais masculino certos homens podem ser.

E isso torna curioso pensar o quanto o homem é capaz de lutar para provar sua masculinidade, já que todos somos ensinados a ser homens e nos introjetam o espírito viril para tal comprovação, somos capazes de feminilizar outros homens a partir da violência.

Na verdade, os homens são educados com tanta veemência dentro de uma lógica de guerra e de violência que acreditar que um dia veremos soluções ou linhas de ação não violentas sendo consideradas como uma forma superior de resolução de conflitos é quase uma utopia. (BOLA, 2020 p. 85)

A violência e o estado viril, que aprendemos e absorvemos, precisam ser pensadas por nós homens, para podermos ter ações que não violente as mulheres e outros homens, visto que se faz necessário repensar nossas atitudes frente à sociedade para quem sabe começar por aí um processo de combater as desigualdades que tanto nos violenta.

3- Negra Existência

Assim como as masculinidades são construções sociais, a feminilidade também percorre esses caminhos de formações. Porém, atravessadas pela cultura patriarcalista e machista enraizada nas diversas sociedades, a identidade feminina sofre com as disparidades encontradas e construídas de forma intuitiva pela hegemonia que tende a controlar os movimentos sociais.

Pretendemos neste capítulo dar ênfase as personagens feminina, que Tenório traz na obra, com o objetivo de analisar e perceber de que forma Martha, Saharienne e Luara, três mulheres negras, contribuem para a formação da masculinidade de Pedro, o personagem e narrador da obra em análise. A escolha dessas três mulheres frente a outras que aparecem no romance, se dá pelo motivo de ter a certeza de que elas colaboram para as discussões que julgamos importantes para este trabalho. Pois trata-se de corpos e subjetividades que ofertam múltiplas manifestações, das experiências que a condição da negritude exige e a forma com que esse projeto de existência se desenvolve e emerge de esforços nada individuais, já que o coletivo habita nas relações dos territórios negros.

Vemos a obra com o potencial de discutir as construções acima mencionadas, pois falar de negras e negros, requer problematizar a dor sentida por nós diante de tanta opressão e são essas dores que nos forjam e fazem com que sejamos sujeitos que têm os deveres de lutar e existir. No entanto, nem só de dores e marcas infinitas que a obra nos possibilita a pensar na construção de negras e negros na sociedade brasileira, faz parte da nossa existência. As feridas que o colonialismo produziu, e produz, nas negras e negros, vem sendo descritas na obra, tornando-se mais visíveis e ocupando lugar de rememoração. Trata-se de um movimento de aceitação a refletir sobre as situações postas, mas particularmente faz um chamado a atentar para as atuações, que têm se tornado rotas mais seguras e exitosas nessa construção de re (existir) fora das lógicas estabelecidas pela urgência de nos fazer os outros.

A religiosidade está presente de forma explícita no início do romance em questão e percebemos que a crença nas divindades da religião de matriz africana está fazendo parte da construção das personagens. Percebendo esta existência, decidimos relacionar as personagens femininas deste capítulo e do próximo, as personagens masculinas, com divindades africanas para que possamos tornar

manifesto todo o amparo e circularidade existenciais aos sujeitos negros que encontram na fé, vigor e esperança para seus enfrentamentos diários nas lutas contra as opressões.

A escuta dessas mulheres, junto a seus esforços de reinvenções, firmadas por um desejo de avanço em que cada uma é única, mas que na relação com as suas e os seus, realimentam suas potências, assim percebemos a ocupação de suas ancestralidades . Diálogos que se manifestam em gritos, e silêncios, em atuações e enfrentamentos e em outras vezes somente em escutas, mas capazes de anunciar caminhos que nem sempre serão embalados por ondas mais calmas, mas que se revelam exitosos na força de ventos que os impulsionam. Nesses reencontros em que estas mulheres se atravessam, pelos caminhos que percorrem por serem mulheres negras, a doçura está nas águas doces que são as promotoras de manter-lhes sempre em movimento, mesmo que serenamente, deixando braços capazes de segurar, de empurrar e de abrir brechas das quais os corpos negros se encontram em permanente situação de ensinamento.

Diante dessas possibilidades, nomeamos cada subseção pensando em caracterizar as mulheres e os homens com características vinculadas aos orixás. Orixá é a denominação que se dá às divindades africanas, as quais são cultuadas por praticantes de religiões de matrizes africanas. Aqui no Brasil, desde que os negros chegaram e foram obrigados a cultuar o cristianismo, a religião a qual o branco, europeu faz uso como padrão e modelo de religiosidade a ser seguida, os negros em forma de registência começaram a associar, ou seja, sincretizar os deuses do cristianismo aos seus deuses para que pudessem manter sua fé viva nas suas existências.

Houve um tempo em que os Orixás viviam como seres humanos: caçavam, plantavam, colhiam, mantinham relações de afeto e desafeto, mas também possuíam habilidades especiais, e por isso, se destacavam entre os outros seres. Dentre essas habilidades, estavam: os segredos da mata e do ferro, o poder sobre os ventos e tempestades, os conhecimentos sobre a caça, o poder de cura de doenças e muitos outros. Possuindo tais aptidões, os Orixás foram responsáveis por grandes feitos, e muitos mitos contam que, após as suas mortes como seres humanos, eles renasceram sob a forma de Orixás, e passaram a uma outra forma, ou nível de existência, denominada Orum. (BARBOSA, 2012 p.79)

Dessa forma, vemos a possibilidade de associar Martha, a primeira personagem em análise, a figura de uma mãe negra guerreira e com isso perceber as características de uma mulher filha de Iemanjá que busca ser super protetora, impulsiva, possessiva, autoritária e que também procura prevalecer sua natureza maternal. Saharienne, vemos ela como uma mulher filha de Oia, a menina dos olhos de Oxalá, uma feminista alegre, batalhadora, inspiradora, ativa e diligente. Quanto a Luara, relacionamos ela à figura de uma mulher, filha de Oxum, uma ativista doce, encantadora, protetora, espirituosa e extremamente apegada às pessoas com quem tem afeto.

Já para as personagens masculinas, Henrique, como o próprio Tenório traz explicitamente, um homem negro, filho de Ogum, guerreiro, resistente, corajoso e de uma capacidade de enfrentamento gigantesca. A última personagem em análise, Pedro, associamos a figura e as características de um homem negro, filho de Oxalá, por ser generoso, cuidadoso, detalhista e por tratar com extrema profundidade a vida. Uma outra característica que chama a atenção de filhos de Oxalá é que são homens idealistas que procuram defender os injustiçados e os oprimidos.

Essas possibilidades de associações com as divindades religiosas tem como objetivo mostrar que o “*O Avesso da Pele*”, não somente denuncia as perversidades do racismo, mas anuncia que o povo negro resiste as mazelas, tendo as experiências dos seus territórios negros como base para dar conta do social, do político, do econômico e da cultura, e tudo isso é vida e está dentro dos terreiros e de suas práticas. Sendo assim, a religiosidade, junto aos elementos da natureza, se tornam o esteio para que sejamos fortes e resistentes nas lutas cotidianas da nossa existência, pois a relação de crença e essência natural são vitais para constituição das religiões de matrizes africanas.

3.1- Martha: negra mãe guerreira

O primeiro encruzilhamento, o “atravessamento do que compartilhamos com os outros”, (BROCHADO, 2018 p. 41) que vamos destacar é a relação de Pedro com a personagem Martha, sua mãe. O narrador ao longo da obra conta-nos, não somente a vida do pai, Henrique, mas também a de sua mãe e como as opressões estão presentes na trajetória daquela que o gerou.

Martha desde os dez anos de idade sofre com o abandono. Primeiro tem sua mãe, alcoólatra, que é morta em um atropelamento de carro na capital gaúcha, posteriormente, o falecimento de seu pai devido a problemas cardíacos. Esses dois fatos caracterizam a primeira forma de desamparo sofrida pela sua mãe. O pouco que o narrador nos conta ou sabe sobre esse acontecimento, possibilita afirmar que a partir desse momento da vida da mãe, Martha sofre com as mais diversas formas de opressões.

Oriunda de uma família pobre, negra e tendo três irmãos menores, diante de uma sociedade que insiste em caracterizar-se como opressora e na ausência de seus pais, Martha se encontra na posição de ter que assumir a responsabilidade, como irmã mais velha, de cuidar dos mais novos. Onde encontrar amparo, aonde ir e a quem pedir auxílio são questionamentos que se fazem presentes na trajetória de quatro crianças negras abandonadas, pela fatalidade dos falecimentos de seus pais e pelo desamparo social. Percebemos que Tenório aqui, traz a tona uma constante da realidade brasileira, pois trata-se os negros como problemas sociais e também aponta essa falta de amor que tem sido negado a estes corpos.

Mesmo que essa família infantil tenha encontrado abrigo na casa de uma tia, Martha como sendo a criança “adulta”, sofre com a realidade. Pois a mesma escuta, que este (des) amparo será possível por alguns dias e que logo teriam que achar soluções para seguir em frente. E é nesse fato que a obra, de forma direta, mostra que a sociedade vê as pessoas negras como sujeitos que não só tenham que ter forças para sobreviverem, mas que independente da situação que se encontram, não podem ser problemas para os demais. Trata-se da máxima de cada um com seus problemas, os negros que se entendam e se resolvam com os negros.

Com o discurso de que aquela acolhida seria por poucos dias e que se transformaram em semanas e posteriormente meses, Martha experimentou a sensação de ser tratada, junto aos mais novos, como peso. Assim, “apertados, ofendidos e machucados” (TENÓRIO, 2020 p. 41), ficaram com a sensação de verdadeiros problemas à uma outra família, pois eram mais quatro bocas a serem alimentadas, quatro corpos a serem vestidos e quatro sujeitos a serem mais uma responsabilidade a uma família, também, de origem pobre.

Não basta somente serem tratados como sujeitos que serão mais um problema na vida de outra família, ter que escutar palavras apontando erros da falecida mãe ao ter quatro filhos, considerado um número expressivo para uma

família de pouca estrutura, tiveram que ouvir que o pai se tornava violento quando bebia e esses fatos que interromperam a infância da mãe. Dessa forma, surgem feridas que não cicatrizam e que a todo momento sangram na vida de Martha.

Mas, olhem, vocês não podem ficar nessa quitinete, viu? Já tem gente demais aqui. Você me entende, Marthinha? Você que é mais velha precisa entender. A tia não quer o mal de vocês. Mas aqui não tem lugar. Hoje vocês podem ficar. O Beto dorme no beliche com o Régis, porque são os menorzinhos. O Rodrigo vai ali para o chão com o Thiago. Você que já é mocinha dorme na cama comigo e a Laura. Hoje damos esse jeito. Mas é só essa noite, viu? Você me entende, né, filha? Não é que a tia não goste de vocês. Mas não tenho condições, entende? (TENÓRIO, 2022 p.40-41, grifo do autor)

Essa passagem deixa claro como a sociedade enxerga e caracteriza os sujeitos negros. Ao afirmar que Martha é a mais velha e precisa entender, há uma violência sem tamanho nessa afirmação, pois coloca o peso de responsabilidade a uma criança de dez anos e achar que a mesma tenha condições de ser responsável não somente pela sua trajetória, mas também pelos irmãos mais novos é desviar de qualquer obrigação como ser humano diante de uma infância em estado de desamparo. Na escrita o autor possibilita que se questione quem são as crianças e quem são os menores de idade, visto que, a sociedade não lê as crianças empobrecidas como crianças, mas sim como menores e reservam as crianças do grupo hegemônico como as que merecem carinho, cuidados e respeito sendo que os outros habitam as margens que podem levá-los ao crime e aos diversos insucessos, pois estas crianças negras retratam o que elas não querem para seus filhos e assim projetam a estas o que querem que as negras e negros aceitem como destino para suas existências.

Desfazer e criar afetos é uma tônica na vida da mãe de Pedro, pois passado algum tempo, Martha se vê obrigada a deixar os menores. Ao ser levada para morar com uma família branca, constituída por duas mulheres, mãe e filha, mostra que mais uma vez o sujeito negro é tratado como se algo lhe salvasse. Uma ação branca que salva uma vida negra. Assim como outras passagens de *O Avesso da Pele*, Tenório traz para a discussão essas ações revestidas de salvamento.

A vida da minha mãe está prestes a sofrer um novo revés. Madalena. Esse é o nome de quem irá salvá-la por algum tempo. No aniversário de um dos irmãos da minha mãe, Madalena olhou para ela. Observou-a sentada num canto, brincando sozinha, com uma boneca quebrada. Minha mãe era uma

criança naturalmente triste e solitária. Os olhos grandes e pretos dela davam uma dimensão maior a sua tristeza. Madalena sentiu uma mistura de pena e afeto materno. Ela já tinha uma filha da mesma idade, chamada Flora. Durante a festa, Madalena fixou os olhos na minha mãe. Depois, ao voltar para casa, pensou que seria bom para a filha ter uma companhia da mesma idade. (TENÓRIO, 2020 p. 41)

Mesmo que a menina negra tenha ganhado o afeto, carinho e cuidado, a separação de elos com os únicos ainda existentes, foram deixados para trás ao sair de terras gaúchas para viver outra vida, lá em solo catarinense, junto a Madalena e sua filha Flora de mesma idade que Martha. Esse traslado de corpos negros não é novidade em nossa existência, pois desde muito tempo somos arrancados de nossos solos, de nossas famílias sem ao menos considerarem o quão sofrido é essa quebra de elos afetivos.

Madalena havia passado em um concurso público em outro estado. Então, aos doze anos, minha mãe foi adotada por Madalena. Não foi uma adoção oficial. Minha mãe foi praticamente obrigada pela tia Julieta e ir embora com Madalena, viver com os irmãos amontoados não era mais possível. Então, poucos meses depois, mudaram-se para Santa Catarina. (TENÓRIO, 2020 P. 42)

Depois de um tempo tendo que passar por situações complicadas dentro da casa da tia, Martha vai viver uma outra vida, longe dos seus irmãos, longe de sua terra e com a obrigatoriedade de se construir como mulher dentro de uma família com perspectivas brancas. São passagens que Tenório faz seu leitor refletir sobre as dificuldades encontradas por crianças e adolescentes negras desamparadas, as quais sofrem com ações e os olhares opressores de uma hegemonia que tem como premissa determinar e racializar os corpos fazendo com que tenhamos uma sociedade desigual. Há uma violenta negação da existência, da cultura, das crenças, já que esse fazer e viver em coletivo trata-se dos valores civilizatórios afro-brasileiros e a negação destes mantém a negação da diversidade de povos, etnias e formas de vida.

Esses reverses dos sujeitos negros são uma constante na obra e na vida da personagem Martha, pois construir sua identidade com a ausência dos pais, tendo sido obrigada a se afastar dos irmãos são marcas que o tempo jamais vai ter a capacidade de apagar.

E à noite, em meio à escuridão, quando estava deitada, minha mãe sentia medo por estar longe de seus irmãos. Além disso, seu pai estava morto.

Sua mãe estava morta e as lembranças dela a atacavam quase todos os dias, a conta-gotas, como pequenas marteladas no coração. Lembranças que a magoavam profundamente. Essa falta será uma barreira intransponível em sua vida. Pois minha mãe irá crescer e dentro dela um poço irá nascer. E, no fundo dele, a única coisa que realmente a incomodará para sempre: a falta. A falta será sua companheira. (TENÓRIO, 2020 p. 43)

A falta sendo sua companheira e as diversas formas como são apresentadas as violências nas vidas dos negros, não seria diferente com Martha ao ir passando os anos, crescendo e vendo o seu próprio corpo se materializando uma mulher, sofrer com a hipersexualização culturalmente direcionado aos corpos negros.

Na vivência das famílias negras, nas suas comunidades os mais velhos são sagrados pelos passos que já trilharam e as crianças estão num lugar especial, já que elas carregam todos os ensinamentos que irão tornar nossas memórias vivas e nossos saberes. Estas práticas são permeadas pelo colonialismo, pelo sexismo, racismo e pela memória social de escravização e violação dos corpos das lidas como sem alma.

[...] Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS apud FRAGA, 2015, s.p).

E a forma como se hipersexualiza o corpo negro feminino é trazido no romance quando temos a passagem de Martha, ainda uma criança de treze anos de idade, ao estar na praia com Madalena e Flora escutar, de um homem de idade avançada que poderia ser seu avô, desfere a ela adjetivos pejorativos como “mulatinha muito gostosinha” (TENÓRIO 2020 P.54). Essas adjetivações estão presentes na vida das mulheres negras, pois a todo momento percebemos homens se dirigindo às negras como as que têm peitos fartos, bundas avantajadas e que são as mais quentes na cama.

O corpo da menina branca é protegido pela inocência enquanto o da negra é considerado sujo. O processo do racismo estrutural na sociedade brasileira rouba cruelmente a essência das meninas negras, e a “adultização” contribui para transgredir a infância, os sonhos e as fantasias infantis. (MEDEIROS, 2020)

São formas violentas e brutais que acarretam em outras violências, pois há um percentual enorme de mulheres negras que sofrem com o estupro a partir dessa idealização e incitação sobre o corpo negro que serve para dar prazer.

Segundo pesquisas, é comum as meninas ouvirem expressões depreciativas de sua estética negra. E assim, a menina negra vai se constituindo como mulher em meio à disseminação de atributos preconceituosos que a comparam com objetos ou animais (GOMES, 2008, CAVALLEIRO, 2003; LOPES, 2008).

Infelizmente a mulher negra, desde menina, sofre com o olhar masculino que busca sexualizar o seu corpo e a partir de uma fetichização ridícula acaba violentando essa mulher, pois “ser menina negra é lutar todos os dias para ser aceita. Quanto mais escura a cor da pele, maior a luta simbólica e física com ela mesma”. (LOPES, 2014 p.147)

Em estudo realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021), na pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” aponta que no período pandêmico, houve um aumento alarmante na vulnerabilidade das mulheres no País. E os dados indicam que 52,2% das mulheres negras sofrem com assédio. Índice que representa um número bem maior de porcentagem sofrida pelas mulheres pardas (40,6%) e das mulheres brancas (30%). Números que relatam que uma a cada quatro mulheres acima dos 16 anos já sofreu com algum tipo de violência, seja ele sexual, física ou psicológica. No somatório temos mais de 17 milhões de mulheres vítimas de violências. A cultura machista sendo perpetuada e os números supracitados explicitam que as mulheres são alvos de ações masculinas, principalmente o corpo negro que é objetificado.

A obra continua trazendo de forma explícita o quanto as mulheres negras são expostas às violências a partir da sexualidade e da herança machista existentes na sociedade. Ao descrever o primeiro relacionamento afetivo de Martha, Tenório denuncia o quanto as negras são submetidas a múltiplas formas depreciativas. Esta negra é desprovida de gênero, ela primeiro é negra e, portanto, forte, resistente, capaz e ao mesmo tempo sem direitos, sem cuidados e sem entrar nas pautas destinadas à proteção e valorização das mulheres.

O capítulo, que Tenório a partir, da narrativa de Pedro, conta sobre o primeiro romance da mãe é completo de toxicidade, pois ele já começa informando que “Vitinho era o único filho de dona Maria e do seu Armindo, um dos moradores mais

antigos do Morro das Pedras” (TENÓRIO 2020, p 62). E esse começo tratando Vitor como Vitinho já nos diz muito, visto que, culturalmente o uso do nome no diminutivo, de forma carinhosa, são dados a homens brancos como se fossem vítimas ou mais queridos que os demais. Mas, “o rapaz não gostava de estudar, mas era trabalhador” e “acordava cedo e ajudava no armazém o pai” (TENÓRIO, 2020 p. 62), são outras formas de passar o pano por cima do homem branco. Ao contrário, o homem negro seria tratado por vagabundo e conseqüentemente uma ameaça àquela comunidade. São diferenças reais dentro da sociedade brasileira.

E foi com Vitor que Martha teve sua primeira experiência amorosa e sexual, o que mais tarde acarreta em outra mudança na vida da personagem, já que a mesma deixa a casa de Madalena para se aventurar ao lado de Vitor, morando junto aos sogros. No início os sogros “incentivaram o namoro, porque viam em minha mãe uma boa pessoa, que, embora fosse pretinha, era bonita e poderia até dar netos bonitos, eles pensaram” (TENÓRIO, 2020 p. 65). Ver os negros como boas pessoas e que podem até servir para algo é uma tônica de uma sociedade racista que vivemos, ou seja, a cor da pele negra sempre vai estar atrelada a dúvida e a desconfiança.

Esta mudança, ocasiona em mais um revés da personagem, pois ela vai vivenciar não somente a depreciação revestida de sexualidade, mas o olhar branco sobre a negra que deve ocupar o lugar de serviçal e estar pronta para servir o marido em todos os momentos. A negra ama de leite, a reprodutora, a doméstica, é uma invenção branca, assim como a demonização das suas crenças e de suas intuições, colocando-as no lugar de bruxas e feiticeiras. As mesmas sinhás que buscavam poções que seduzissem seus maridos as quebravam os dentes por terem sido violentadas por seus senhores.

Passado algum tempo depois de se mudar para uma pequena casa, ao fundo do armazém dos sogros, não demora para que Martha seja vista como uma mulher negra, ou seja, comece a sofrer por ter sua pele preta. Então Martha é surpreendida pela chegada da sogra que cobra participação dela na manutenção da casa. A mesma, ciente que já faz de tudo discorda, porém, dona Maria profere, referindo-se quanto a limpeza da casa afirmando:

“não estou falando só da casa de vocês, estou falando de tudo, e fez um gesto largo com os braços. Agora você é da família e isso significa que pode

ajudar a manter a casa de seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante". (TENÓRIO, 2020 p. 79. Original grifado)

Essa passagem nos faz refletir que o corpo negro desde sempre é visto como um corpo que existe para servir. Essa servidão que nos remete aos negros sujeitos serviçais da casa branca, onde o dever era trabalhar, respirar e viver a vida para satisfazer o branco. A imposição da sogra mostra o quanto sofrem as mulheres negras que se encontram na posição de ter que sobreviver sob os caprichos dos sujeitos brancos. Outro fator que associamos aos trezentos anos de escravidão que não se extinguiu com o advento da assinatura de uma lei que dava fim ao regime escravo, mas que intencionalmente jogou o povo negro para morrer de fome a céu aberto é o espaço geográfico trazido na passagem acima citada, pois "eles foram morar nos fundos do armazém, ao lado da casa dos pais de Vítinho" (TENÓRIO 2020 p. 78), e estar ocupando o espaço atrás de um armazém, "uma casa pequena de madeira, com um fogão de quatro bocas, um sofá de dois lugares e no quarto uma cama de casal" (TENÓRIO 2020 p.78), nos leva aos tempos em que negros ocupavam os lugares marginais as "casas brancas", visto que, o local a frente a sua casa é o produtor de riquezas da família branca e a casa da sogra a casa grande e com condições bem diferentes de onde Martha vai viver por algum tempo, passou a ser local de manutenção da mão de obra negra em troca de moradia.

Como já dito antes, Martha vai sofrer inúmeros revesses ao longo da obra e mais um se consolida quando recebe o ataque de dona Maria, a sogra, quando chama a atenção ridicularizando a jovem negra afirmando que:

"por causa dos barulhos noturnos e disse que ali era uma casa de respeito e não um puteiro, que, se minha mãe estava acostumada a gritar daquele jeito quando andava perdida por aí, que ali tinha que respeitar, porque eles eram cristão, iam a igreja e zelavam pela moral" (TENÓRIO 2020 p.79)

Essa passagem, onde a personagem em questão é violentada de forma cruel por dona Maria, nos diz muito sobre as tiranias para com os negros, pois a afirmação é de que em "casa de respeito" não havia gemidos sexuais, por isso não era um "puteiro". Tenório usa essas duas expressões para alertar que Martha não tem o direito de expressar seu prazer de forma livre e também deprecia as mulheres que encontram empregos nas casas noturnas. Outro aspecto que chama a atenção

é a cultura de que uma família cristã, que vai a igreja, são pessoas que zelam pela moral, não mencionando que os homens brancos que estupraram as negras, por serem de sua propriedade, faziam parte desse cristianismo. No entanto, o respeito está ausente também nesse discurso, pois oprimem e ridicularizam Martha, além de depreciar as diversas outras religiões existentes dentro da sociedade brasileira.

Martha ainda sob o alvo da sogra racista que lhe alveja mais uma vez “ *já tinha ouvido que as pretas eram assim, mas assim já é demais*” (TENÓRIO 2020 p.79 grifado original), a objetificação do corpo negro escarnecendo-a. Assim como a canção “A carne” de Elza Soares (2002) que diz que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, vemos no fragmento acima que o corpo da mulher negra diante da sexualização, é visto pelos brancos racistas como impuro capaz de sofrer com inúmeros adjetivos pejorativos. Momento e outro escutamos que as negras são as mais quentes, as capazes de realizar todas as fantasias sexuais, as que vendem os corpos, as que têm as bundas grande e insaciáveis, seus peitos geralmente são volumosos dentre outras formas que depreciam e desrespeitam de forma violenta. Essas adjetivações pejorativas faz com que tenhamos inúmeras mulheres negras sendo abusadas sexualmente e psicologicamente, além de suas dignidades sendo arrancadas pelo racismo que tende aniquilar com os sujeitos negros. As formas com que narramos, produz comportamentos, assim como o vocabulário que utilizamos. Isso faz com que muitas das práticas de negação de direitos e da manutenção das opressões se fortaleçam, já que estes vão sendo mantidos pelos guardiões dos seus próprios privilégios, dos quais estas negras e negros nunca tiveram acesso.

Jeferson Tenório também expõe que uma mulher negra jovem, sozinha e fragilizada possivelmente pode acabar sendo vítima da sociedade e de pessoas que a deprecia.

Minha mãe aceitou aquilo em silêncio porque estava constrangida ou porque ainda não tinha ímpeto para reagir, no entanto, à noite, quando estavam deitados depois de terem feito amor praticamente em silêncio, minha mãe reclamou para o Vítinho. (TENÓRIO 2020 p.79-80)

Buscar socorro ao companheiro do sexo masculino, presente na passagem em que Pedro rememora a mãe, busca delatar o quão perverso é a construção machista que as mulheres estão submetidas e são ensinadas, por haver aquela crença de que o homem é mais forte e que tem condições de se virar melhor na

adversidade, o que discordamos. Porém, Tenório ainda, através da personagem Vitor, externa que o melhor nessa situação é consentir quando o namorado de Martha ao escutar suas reclamações das violências que vinha sofrendo da sogra diz “que a mãe dele tinha certa razão, porque afinal eles estavam no terreno da casa dela e, portanto, tinham de seguir as regras” (TENÓRIO 2020 p.80). Passagem que causa repulsa ao ler, já que se trata de uma jovem negra que sofre diante de uma família que não a vê como humana e anseia continuar dominando e tendo alguém que sirva às necessidades da família. Ter algum tipo de relação com uma pessoa negra, não torna o branco menos racista, mas sim esse perceber-se como responsável por essa prática e assim se solidarizar e se colocar ao lado para acabar com estas práticas. Isso justificaria a posição de Vitor ao reconhecer que há um modelo e uma regra única a ser seguida e que é a norma, sendo assim, a esposa deveria estar agradecida por fazer parte. Ele é produto dessa normatividade hegemônica e projeta de certa forma essa negação do outro como sendo de menor valor.

Frente a tanta crueldade e constrangimento, a personagem toma coragem para reclamar e mostrar sua insatisfação ao companheiro, ameaçando em ir embora, mais uma vez ela sofre com ataque que busca minimizar seus sentimentos e suas dores quando Vitor profere: “ *Vocês têm que se dar bem, eu e o pai passamos o dia no armazém e no fim do dia a gente só quer paz. A gente só quer voltar e encontrar as coisas em ordem*” (TENÓRIO 2020 p.81 original grifado) e essa perspectiva machista vem sendo perpetuada, visto que é mais fácil minimizá-lo do que perceber o ato dotado de perversidade existente na explanação de Vitor, ou seja, a verdadeira passada de pano que diminui as crueldades das pessoas branca que atingem de forma imensurável os sujeitos de pele negra, vítimas dessas práticas racistas. Fato apresentado quando Martha reclama e afirma que é tratada como a empregada da família e Vitor minimiza e a despreza com aquelas velhas palavras de quem não sente na pele o que o racismo é capaz de produzir a quem sofre com ele “*não exagera amorzinho*” (TENÓRIO 2020 p.81 Original grifado), o uso do imperativo diz muito sobre opressões nessas situações, visto que, no atual momento em que vivemos a prática minimizante de dores para quem não sente de fato está sendo tratada, de forma equivocada, com certa normalidade e trata como se estivesse falando com uma criança, que por pirraça faz queixa, minimiza e desqualifica a violência sofrida.

Como modo de tratar e perceber como a mulher, negra, é tratada como se fosse propriedade de homens e que devem estar sujeitas as suas mazelas e silenciosas aos pensamentos e caprichos de uma parcela branca da sociedade, o romance analisado, traz a tona questões violações físicas e psicológicas que são acometidas à inúmeras mulheres nessa sociedade atravessada pela cultura patriarcal que tem o homem como centro dos direitos e de realizar seus desejos.

Tenório nos mostra que certo dia, quando Vitor chega em casa, tarde da noite, ele por ser homem, não se sente no dever de dar satisfação alguma, e explicita o quanto machista os homens são, pois ao contrário não é aceito com naturalidade, visto que se uma mulher compromissada sair, não der satisfação e chegar em meados a uma madrugada, a mesma corre grande risco de ser hostilizada. Primeiro pelo motivo do ideal machista e segundo porque ela tem, culturalmente, o dever de manter a honra masculina, e essas posições nos causa repulsa.

Quando Pedro narra que a primeira vez, desde que Martha foi morar na casa do namorado, junto aos seus sogros, Vitor chegou tarde, alterado e drogado e ela o questionou, a reação foi repentina e dotada de comportamentos cruéis, já que Vitor sem exitar esbraveja *“não te interessa, porra, que ele podia fazer o que quisesse, e não me encha o saco, já não basta meu pai que passa o dia me aporrinhando no armazém”* (TENÓRIO, 2020 p. 100 grifado original). Estar alterado, gritando alto e oferecendo riscos, faz com que esta mulher cale por ora e esse fato nos diz que esse homem por achar que trabalhe, que possa trazer o sustento, tem o direito de se afastar de casa, se drogar e ainda cometer um delito que atinge o íntimo de uma mulher fragilizada pelas opressões que vem sofrendo seja de direito dele.

Martha, por ter personalidade forte e ser impulsiva, assim como, Iemanjá, a orixá que atribuímos suas característica, calou por um momento, como já dito, porém a coragem e a força da mulher negra, resolve a questionar *“por que você está falando desse jeito comigo, Vitor, o que foi que houve?”* (TENÓRIO, 2020 p.100 Original grifado), ação que foi recebida por Vitor como desaforo que logo desferiu com gritos um *“não houve nada, porra.”*(TENÓRIO, 2020 p.100 Original grifado) E como ele tem uma construção machista, alicerçada pelos pais preconceituosos e racistas, seguiu com as agressões verbais questionando onde ela tinha *“aprendido a trepar como uma puta”* e afirmou que *“nunca vi uma moça virgem gemer daquele jeito na cama, mexer daquele jeito, onde você aprendeu isso, sua piranha?”*, *“meu pai bem que me avisou que as pretas não prestam”*. Essas agressões que buscam

desumanizar as mulheres, principalmente as negras, infelizmente estão presentes na sociedade e *O Avesso da Pele*, aborda e nos permite a problematizar essas questões. Sabemos que a violência doméstica, de forma cruel, atinge de forma a tirar a dignidade da mulher e isso precisa ser combatido.

Assim como Tenório explicita a violência psicológica, trazida acima, a física também está presente na relação tóxica de Martha e Vitor, já que a mãe de Pedro resolve a dar um basta e dizer que está indo embora, o namorado “segurou-a com força pelos cabelos” (TENÓRIO, 2020 p.101), e depois lhe desferiu um tapa no rosto. Ações alicerçadas pela cultura que insiste em dar privilégio a homens e desconsiderar a humanidade das mulheres. E o que incomoda nessa passagem é que estas violências são recorrentes na sociedade e o Tenório traz essas problematizações para que possamos refletir sobre o quão violentadas são as mulheres.

Nessa passagem que denuncia a violência de forma bruta, o narrador ainda nos conta que Martha quase sofre estupro quando “Vitinho foi atrás dela, pensou em pegá-la à força, colocá-la em cima da cama, abrir suas pernas e penetrá-la, porque ele tinha direito de fazer o que quisesse” (TENÓRIO, 2020 p.101). E pensar que o homem tem direito de manter relações sexuais com a parceira e que a mesma tem que satisfazê-lo é uma perversidade que deixam marcas jamais serão esquecidas.

E não são somente marcas, pois no caso Martha teve sorte de não ter sido assassinada por Vitor, pois sabemos que na realidade mulheres, vítimas de violências domésticas correm sérios riscos de sofrerem o feminicídio.

Assim aponta Jacobo quando apresenta os seguintes dados:

Com poucas exceções geograficamente, a população negra é vítima prioritária da violência homicida no país. As taxas de homicídio da população branca tendem, historicamente, a cair, enquanto aumentam as taxas de mortalidade entre os negros... entre as mulheres brancas caíram 11,9%, de 3,6 por 100 mil brancas em 2003, para 3,2 em 2013. Em contrapartida, as taxas das mulheres negras cresceram 19,5%, passando, neste mesmo período, de 4,5 para 5,4 por 100 mil mulheres. Proporcionalmente morrem assassinadas 22,9% mais negras do que brancas. O índice foi crescendo lentamente ao longo dos anos para em 2013, chegar a 66,7%. (JACOBO, 2015, p.29)

Vemos muitos casos de violência doméstica que o agressor depois de cometer a infração, procura resolver o próprio problema que criou fazendo promessas que sabemos que jamais são cumpridas e não é diferente no romance, já

que depois de agredir Martha, terceirizou a culpa dizendo “*olha o que você me obrigou a fazer*” (TENÓRIO, 2020 p.101 original grifado), Vitor promete que não se repetiria as agressões e o uso de drogas e ainda pediu “*perdão, meu amor. Eu juro por Deus que não faço mais*” (TENÓRIO, 2020 p.101 original grifado). E com essas promessas o casamento se estende por mais um tempo, porém, como todo relacionamento tóxico, que tem a presença da violência e o desrespeito à mulher, Martha se agarra na esperança de não passar por toda a opressão até então sofrida. E como forma de buscar força, energia e vitalidade, Tenório nos possibilita a pensar na ancestralidade de Martha quando Pedro diz: “*minha mãe voltava do mercado, carregando sacolas, pela beira da praia e olhava para o mar*”(TENÓRIO, 2020 p.102). Essa busca pela praia, pelo mar, pelo barulhos das ondas, vemos como forma de ligação a sua divindade, a qual caracterizamos anteriormente, pois nós praticantes das religiões de matrizes africanas buscamos respostas frente a muitos elementos da natureza ligados aos orixás, o que não é diferente com Martha que pela segunda vez de forma explícita por estar em momentos difíceis da vida dela, busca o amparo, a segurança e a paz na beira da praia, como se estivesse clamando à mãe Iemanjá para que a protegesse de todo mal que ainda possa surgir na sua vida, já que tão nova sofre de abandono e diversas formas que as violências se fazem presentes.

Ainda corroborando com a afirmação acima, Tenório traz a seguinte passagem:

O mar como remédio. É com ele que minha mãe irá conversar pelos próximos anos. A proximidade com o mar será a condição para seguir, embora ela não soubesse. O som das ondas ecoaria dentro dela e, às vezes, como que por milagre ou coincidência, aquele poço inabitado, dentro dela, era invadido pelo mar e a falta ficava submersa por um breve momento. E era assim que minha mãe se salvava. (TENÓRIO, 2020 p. 43)

Nós como seres humanos que estamos ocupando as margens de uma sociedade violenta, procuramos nos agarrar ao máximo a religiosidade que por sua vez é o pivô de revitalização que nos faz seguir em frente nesse terrível enfrentamento de uma guerra social onde as minorias têm apenas o seu próprio peito e a fé como escudos.

Com a presença de tanta violência, resistir para poder existir se torna uma máxima na vida de Martha e esse drama é narrado por Pedro de forma que

possamos perceber o quanto a mulher sofre com uma relação tóxica. Depois de sofrer com o aumento da agressividade de Vitor, a jovem teve que sair da casa dos sogros como se fosse um fugitiva, ou seja, como uma criminosa que sai sem deixar vestígios.

Após a fuga e sofrer ainda mais com ameaças, Martha começa um caminho inverso ao que teve até aqui, já que ao sair da casa de Vitor, após um ano de relacionamento tóxico, regressa a casa de Madalena. E esse retorno a atinge, pois percebe que mais uma vez as dificuldades na sua trajetória se fazem presentes de forma enfática. E a última violência sofrida por ela, em solo catarinense, foi quando Vitor “apareceu na frente da casa gritando por ela, ameaçou dizendo que ela ia se arrepender de ter ido embora, que aquilo não ia ficar assim e que era isso que dava se envolver com uma preta”. (TENÓRIO, 2020 p. 117) Mais uma agressão verbal sofrida que elucida o quanto a mulher negra é desumanizada diante do olhar branco racista.

As opressões são tantas que têm como um dos objetivos não nos deixar viver com dignidade, já que somos vistos como quem não merece a existência atribuindo-nos todos os sentidos negativos possíveis e isso é visto na passagem acima, pois quando Vitor diz que “era isso que dava se envolver com uma preta”, ele afirma que essa mulher é ingrata, visto que ele deu moradia, comida e falsas garantias para uma jovem negra que morava com uma família que não era a sua original, mais uma vez o branco se colocando como salvador e como quem possibilita novas possibilidades de vida, ou seja, a cultura do colonialismo sendo perpetuada.

Posteriormente ao episódio de fuga, de vergonha, os regressos continuam, já que Martha retorna ao solo gaúcho e a casa da tia que anos antes, obrigada a acolheu junto a seus irmãos mais novos. Passagem que Tenório traz na obra:

Dias depois, minha mãe se mudou para Porto Alegre às pressas. Voltou para a cidade que parecia não gostar dela. Pois os pais haviam sucumbido naquela mesma cidade. O regresso às ruas de Porto Alegre soava como mais uma agressão. Ela teve de voltar para a casa da tia. E agora, já na vida adulta, minha mãe percebia como se tornara estrangeira. Minha mãe não tinha lugar. E era como se a cidade só pudesse ensiná-la a ser sozinha. Não que ela já não soubesse a gramática da solidão. (TENÓRIO, 2020 p. 117-118)

Dessa forma, o narrador conta as memórias da mãe, ainda jovem e das lacunas afetivas que se fazem presente ao longo do romance direcionadas à personagem, ou seja, uma infância, uma juventude e um início de vida adulta cheia de triculências que forjam essa mulher negra.

Outras passagens sobre Martha serão trazidas e problematizadas quando o destaque será dado a personagem Pedro, no capítulo direcionado ao narrador, pois aproveitamos para encruilhar passagens do pai, mãe e filho assim como a circularidade desse triângulo de afetos, já que a obra primeiro traz o capítulo intitulado *A Pele* que Pedro narra e rememora a vida dos pais. Posteriormente, no capítulo *O Averso*, traremos todas as problematizações sob a perspectiva do filho que vai nos possibilitar perceber como ele sente a vida dos seus progenitores e como ele se constrói como homem negro.

3.2 Saharienne: o encanto negro

A segunda personagem, que iremos destacar, desses encruzilhamentos da vida de Pedro, é Saharienne, jovem negra e que a conheceu depois de ingressar na faculdade de arquitetura, na cidade de Porto Alegre. Uma mulher, cujo nome é inspirado em uma canção de Chico César, traz inspiração, sabedoria e admiração aos olhos de Pedro.

Assim como anteriormente, relacionamos as personagens com os orixás, e Saharienne seria para nós, a Oiá, a menina dos olhos de Oxalá. Oiá, conhecida no Brasil como Iansã, na mitologia africana, foi uma brava orixá que sempre foi independente e estava sempre pronta para guerrear. A divindade é considerada a mais pura e violenta força da natureza, pois ela domina os poderes dos ventos, tempestades e raios. Elementos que são levados aos seus arquétipos como características de essência humana, o que faz, os praticantes de religiões de matriz africanas, aqui no Sul do Brasil, relacionar as virtudes encontradas nos filhos dessa Orixá. Percebemos nesses filhos toda sua doçura, afetividade e amor, no entanto, a luta pelos seus ideais é uma das inúmeras características dos filhos de Oiá, o que faz quando desafiados externar toda sua fúria em busca de sua defesa ou do que está sendo defendido. E são essas características que vemos em Saharienne, o encanto negro de Pedro, uma mulher que a partir da narrativa é fundamental para a

percepção da negritude, do racismo e da construção da masculinidade negra de Pedro.

E, quando sentei ao lado de Saharienne, eu não podia imaginar que aquela guria que estava todo tempo ao meu lado seria, tempos depois, objeto de um sentimento com que eu não saberia lidar. Em determinado momento, ela pediu a palavra e disse coisas duras e contundentes sobre a condição das mulheres negras na sociedade, sobre o processo de aceitação do próprio corpo, do próprio cabelo, fiquei pasmo com o jeito dela falar, era como se cada palavra e expressão estivessem todas no lugar. (TENÓRIO, 2020 p. 104)

Saharienne manifesta as características acima enumeradas, o que podemos comprovar a associação com Oiá e o que desperta a chama nos olhos de Pedro, já que falar sobre o corpo negro, assim como do cabelo negro dentro de uma sociedade racista e machista é um ato de luta e de coragem.

Assim como no exemplo trazido, ao falar da personagem Martha, que aos treze anos sofre assédio pelo seu corpo estar ganhando volume, vemos diariamente a prática de violências, relacionadas aos corpos femininos, quando homens dizem que as mulheres negras geralmente têm seios fartos e bundas grandes. São características que os homens atribuem às mulheres negras para fazer delas objeto de desejos e fetiches, visto que, não lhes são dadas a oportunidades de serem vistas como uma mulher normal e que tem uma feminilidade igual a qualquer outra.

Mesmo havendo uma contradição acima, já que afirmamos que tanto as masculinidades negras e as feminilidades negras, são construções que variam de acordo com os encruzilhamentos dos de homens e mulheres ao longo de suas existências, nos referimos que os homens deveriam ver nas mulheres negras uma feminilidade como veem nas mulheres brancas, a fim de equipará-las e fazer com que o corpo retinto pare de ser alvo dessa violenta fetichização.

Quando a sociedade não relaciona o cabelo negro como hospedaria de luxo de piolhos, associam a qualquer motivo que atrapalhem os colegas. Como exemplo, podemos pensar numa sala de aula, dentro de um ambiente educacional, que deveria ter a premissa de educar, refletir e problematizar a fim de atenuar tais violências, o que se vê é meninas e meninos negros ocupando as classes que estão as margens dentro de uma sala de aula, porque a argumentação é que o volume do cabelo atrapalha os coleguinhas, e dessa forma, não podem ficar nos centros. Ou para haver a possibilidade de ocupação desses lugares, os cabelos devem estar aparados ou trançados, assim, não causariam reclamações. Exemplo que ilustra

toda a nossa discussão até aqui, já que viemos abordando a hegemonia de certos grupos, marginalizando os negros. A escola é guardiã desse privilégio branco, e assim, há uma perpetuação dessas violências que oprimem os pretos, já que a escola reforça e fortalece a cultura colonial, fazendo do negro a minoria nos espaços educacionais.

Então ao perceber Saharienne falar dos corpos e de sujeitos que têm cabelos negros, faz com que Pedro tenha a percepção do que é negritude e como ela é tratada no Brasil. Para o Antropólogo Kebengele Munanga “negritude é, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca, não poderíamos entendê-la e cercá-la cientificamente sem aproximá-la com o racismo do qual é consequência e resultado. (MUNANGA, 1990 p.110)

Esse encruzilhamento Saharienne x Pedro nos possibilita perceber que os contatos, os afetos e as relações que o narrador tem ao longo da obra ajudam na construção de sua masculinidade negra. Não somente nos espaços escolares a minoria é de pessoas negras, também os espaços de consumo acabam sendo ocupados por uma maioria de pessoas brancas em relação as pretas. No romance, a partir do diálogo entre Saharienne e Pedro, Tenório aproveita para relatar uma das realidades da grande cidade, e capital, Porto Alegre.

Então, para tentar mudar um pouco de assunto, fiz uma observação que você sempre costumava fazer quando ia em determinados lugares, a de que havia poucos negros no cinema. Saharienne concordou, disse que os espaços culturais de Porto Alegre nunca foram atrativos para o público negro. Perguntei por quê, e ela respondeu talvez os negros não se sentissem à vontade em entrar em determinados espaços[...] (TENÓRIO, 2020 p,113)

Seja cinema, shoppings, bares, restaurantes, churrascarias, sorveterias entre outros espaço que a premissa é ter dinheiro para consumir algo, acaba sendo inviabilizado para a maioria das pessoas negras, pois sabemos que diante de uma estrutura que visa deixá-los às margens, dispor de condições financeiras para esse lazer é quase impossível para muitos de nós. O que devemos problematizar é que o negro, em sua maioria, trabalha e ocupa postos de trabalhos subordinados e geralmente são cargos com remuneração menor, e esse fator faz com que as escolhas sejam sempre feitas. Ou nós fazemos uso dos proventos para sobreviver, ou acessamos os locais supracitados, no entanto, o reflexo dessas escolhas podem acarretar em pratos vazios nos dias restantes do mês.

Para ilustrar a discussão Saharienne, ainda se referindo ao acesso de mulheres negras a lojas diz:

Essa mulher só vai entrar se ela puder comprar alguma coisa lá dentro, entende? Ou seja, ela não pode se dar ao luxo de simplesmente entrar, olhar e sair. Mas por quê? perguntei. *Por que ela simplesmente não pode. Por que é como se ela estivesse confirmando o estereótipo de que pessoas negras não têm grana. E, mesmo que elas não tenham, quando entram em uma loja como essa, é preciso que mostrem que elas também podem comprar ali. Isso pode parecer bobo, mas acho que se conecta com sua pergunta. Não há negros no cinema porque talvez eles carreguem consigo o sentimento de terem de assistir um filme burguês branco e não gostarem, assim como você. Como eu?*, perguntei. *Como assim? Acha que eu não gostei? Acho*, ela respondeu. *Estou brincando*, disse ela em seguida. *Mas acho que nós, negros, devemos nos encerrar em guetos. Meus pais sempre disseram isso. Nós podemos ter acesso a qualquer conteúdo. Mas a gente nunca pode esquecer de onde viemos, entende?* (TENÓRIO, 2020 p. 113 Grifo do autor)

A afirmação de Saharienne de que nós negros devemos nos encerrar em guetos para que estejamos mais seguros contra a violência dos brancos é um movimento de autocuidado, mas em contrapartida, é tudo que o branco racista procura como ideal. Ou seja, os negros que fiquem lá nos espaços deles, nas margens, assim não ficam circulando e ocupando os nossos espaço. Essa apropriação destes espaços que a hegemonia se apropria é tratada como algo sagrado e por isso há repulsa quando veem um de nós inseridos nesses ambientes.

As passagens acima extraídas do romance, *O Averso da Pele*, ilustram nossas afirmações de que os encruzilhamentos de Pedro com as outras personagens, ajudam na sua formação como homem negro que reside na capital gaúcha que é considerada uma das mais racistas do país.

Nas poucas passagens existentes no livro da relação entre Saharienne e Pedro, podemos notar que através de toda sua admiração e encanto por Saharienne, Pedro aprende bastante sobre as dificuldades que a sociedade branca opressora impõe sobre as pessoas negras. Com todo esse fascínio, a obra não deixa concreto uma relação amorosa entre os dois, no entanto, percebemos o afeto entre ambos, o que faz reafirmarmos novamente a relação das divindades africanas, já que diz a lenda que Oiá tinha toda a admiração de Oxalá.

3.3 Luara: a negra conselheira

A terceira personagem, que destacamos aqui é a tia Luara, ou seja, abordaremos a relação entre tia e sobrinho dentro da obra, *O Averso da Pele*, que é

o nosso objeto de análise e discussão. Nesse encruzilhamento, vemos o vínculo como uma das partes importantes para nossa escrita, pois ele demonstra toda a afetuosidade e circularidade existencial, que dentro da perspectiva que trazemos ao longo da escrita se torna imprescindível.

Luara, a qual tratamos como filha de Oxum, é uma figura que está sempre ligada à proteção, orientação e apego para com os seus. Oxum, orixá dona dos sentimentos, é a divindade que traz o equilíbrio nas relações dos seus filhos com outras pessoas. E aqueles que porventura possam estar vivendo momentos confusos e tempestuosos nas suas vivências, essa deusa traz força e acolhimento. O amor, carinho e o zelo são características importantes, as quais vemos em Luara e assim a relacionamos como vínculo, pois a negra e tia de Pedro nos revela uma mulher sensível, intuitiva e espirituosa.

Logo no início do romance Pedro, depois da morte de seu pai, apresenta o primeiro conselho de Luara ao se referir como proceder, quando acontece a passagem de um ente dentro dos ritos religiosos, referindo-se a uma das vertentes de religião de matriz africana cultuada no Rio Grande do Sul. Vale ressaltar que é preciso especificar essa vertente da religião no sul, pois outras vertentes existem aqui no sul e nas diversas regiões do país. Aqui, em maior proporção, cultuamos a Nação Cabinda¹, no entanto, não é o nosso objetivo diferenciá-la das demais, já que o grande intuito é trazer a possibilidade de leitura do romance.

No momento, então, após a morte de Henrique, Pedro vai ao apartamento do pai para cumprir com o rito de encerrar aquele ciclo. Como Henrique já não participava e nem frequentava mais a sua casa religiosa, cabe aos familiares a partir de instruções fazê-lo, e no caso as orientações foram dadas por tia Luara. Quando você encontrar o Ogum, “*enrole num pano, segure-o entre as mãos e leve-o para o rio*”, (TENÓRIO, 2020 p. 14) relata um dos momentos mais com maior carga de sentimento, pois trata de um momento de perda de um ente querido. Como já afirmamos, desde o nascimento temos vínculos com as divindades africanas, e a partir de certa idade, diante dos jogos de búzios, oráculos, é designado de qual santo tua cabeça pertence. Dessa forma, por toda tua existência, carinho, fé e muito cuidado faz parte da relação entre humanos e divindades.

¹ No Sul do país, a Nação Cabinda é uma religião de matriz africana característica da região. Seus filhos e filhas cultuam um panteão de doze orixás. Em dia de festa (Batuque) preparam, com fartura, comidas, frutas, doces, ervas, vestes, para homenagear essas divindades. O Alabê toca o tambor, entoando as rezas/cantos e começa a roda. A cadência da batida sintoniza os gestos e a dança, num ritmo contagiante.

Este conselho de Luara é para que Pedro faça o correto, já que pegar o Ocutá, pedra que simboliza o orixá, enrolar num pano branco e levar para o rio, significa que a partir daquela entrega na beira do mar, está terminando aquele vínculo e aquele orixá não será mais elo de existência.

Essa passagem, também nos possibilita afirmar que toda a narrativa encontrada na obra se dá no traslado do orixá do apartamento do pai morto até o rio, como se fosse uma síntese de sua vida rememorando os pais e seus afetos até aquele duro momento da partida do seu progenitor.

Tia Luara, sempre conselheira e ativista pelas causas negras dentro da sociedade, também ensinou Pedro a partir de uma narrativa, de quando Henrique ainda era jovem e o narrador nem existia, porém, a histórias dos mais velhos, assim como na cultura africana, nos traz muitos ensinamentos. E não é diferente quando Pedro narra a seguinte passagem:

Com tanta mulher negra por aí, por que meu irmão vai se juntar com uma branquela sem graça dessas?, ela pensou. E, sempre que podia, Luara dizia algo sobre os resquícios da escravidão, sobre como os brancos eram racistas em Porto Alegre, isso sem falar no interior do estado. Mas Juliana não parecia incomodada, porque não pensasse que se enquadrasse naquele discurso da cunhada, afinal ela estava namorando um homem negro, tinha um compromisso com um homem negro e isso já bastava para que fosse absolvida de qualquer racismo, ela pensava. (TENÓRIO, 2020 p. 32)

A Tia também leva Pedro e a nós a perceber e novamente problematizar a objetificação do corpo da mulher negra. Num cenário machista, racista e preconceituoso, o corpo da mulher negra diante dessas violências é visto como objeto sexual. Inúmeras adjetivações, carregadas de fetiche, são direcionadas à mulher preta. Não é atoa que a violência contra mulher está presente não só na sociedade, mas dentro do ambiente de trabalho e do familiar também, e assim como Luara, todos nós devemos combater essas violências para que possamos minimizar essa máxima cultural machista presente.

Assim chegou a Pedro notícia do falecimento e o narrador nos conta que o seu celular tocou e era “tia Luara chorando. Ela me contou o que havia acontecido”. (TENÓRIO, 2020 p.186) E o final dessa relação, trazida na obra, é o momento que Pedro segue as orientações de Luara e pega o alguidar, retira o ocutá de dentro

dele, enrola num pano branco e sai segurando o Ogum entre as mãos à caminho do rio. (TENÓRIO, 2020 p. 187)

E para nós, praticantes de religiões de matriz africana, estar com Ogum em nossa companhia é estar protegido, é estar fortalecido para enfrentar as batalhas diárias. E vem desse andar acompanhado do Ocutá a força para nos contar ao longo da obra as dores, as tristezas e a luta pela vida, pois como já dito, é preciso resistir para existir, então toda a ação é um ato de luta para sobreviver.

Para fechar este capítulo sobre as personagens femininas e suas relações com Pedro, necessitamos fazer a vinculação das divindades que devido às características de cada personagem, nós atribuímos a cada um.

Na história dos doze orixás que cultuamos na Nação Cabinda, destacada anteriormente, Oxalá e Iemanjá são os orixás, pais dos demais. Oxum e Oyá, filhas de Iemanjá e Oxalá seguindo uma hierarquia, seria o pai de todos. No entanto, essas relações não são levadas em conta quando os orixás são atribuídos como guias, protetores e divindades responsáveis pela cabeça de cada filho. O que levamos em conta são as características humanas que se assemelham a um determinado orixá. Fazendo uma analogia, simplista, é semelhante às caracterizações dadas em relação ao horóscopo. Dessa forma, podemos, através do jogo de búzios, determinar de qual santo a cabeça de cada um pertence.

4- O negro avesso

Neste capítulo abordaremos as questões sobre as formações das masculinidades negras sob a perspectiva das duas principais personagens masculinas que escolhemos, em *O Avesso da Pele*. Fazer as análises, que temos como objetivo, de Henrique e Pedro, ou seja, as múltiplas questões tratadas ao longo da obra, nos possibilitará a refletir as formações das masculinidades negras e as relações entre pai e filho atingidos pelas perversidades do racismo e como se constituem como homens negros na sociedade brasileira.

Cabe ressaltar que o objetivo final é investir nessas formações sob a perspectiva de Pedro que é o narrador da obra e a partir da rememoração do pai e mãe vai nos possibilitando a perceber como este jovem homem foi ensinado a fazer os enfrentamentos necessários às atrocidades humanas.

Anteriormente, chamamos a atenção afirmando que os estudos sobre as masculinidades são relacionais, no que tange ao gênero e, neste momento, queremos não só reafirmar como destacar que pensar sobre este estudo é refletir as ações humanas dentro de uma sociedade, no caso a brasileira. Considerar que os estudos sobre masculinidades negras estão atrelados aos marcadores sociais referidos acima, é tencionar que essa composição do homem negro está sob uma perspectiva na qual o processo de colonização determinou e determina até os dias atuais. Uma imposição que faz com que essas manifestações masculinas negras sejam consideradas marginais, ou seja, subalternizadas a hegemonia branca dentro do contexto social.

Pensar nesses fatores, torna-se importante perceber o quanto se entrecruza a forma em que os marcadores sociais são determinantes e servem como condição para a opressão que nós negros sofremos e somos depreciados. Assim, percebemos que o Brasil é um país preconceituoso e que tem enraizado uma estrutura que racializa os corpos a fim de aviltar o negro.

Assim como no capítulo anterior, fizemos a leitura da possibilidade de atrelar as personagens as divindades religiosas africanas como esteio, energia e vitalidade do homem negro frente ao “cativeiro social” (Russo; Aníbal; Jurandir; Luz, 2018) que nos é imposto de diversas formas e que tende ao nosso extermínio. Sendo capaz de produzir e reproduzir as violências que relataremos aqui e outras tantas que ficarão, como objetivo de continuidade de análises nessa caminhada como

pesquisador. A obra em questão, *O Averso da Pele*, deixa explícito que Henrique, na narrativa de Pedro, é filho de Ogum. Um orixá caracterizado como uma divindade negra que nas suas atribuições forja o ferro, não foge da luta, tem a vitalidade e virilidade como principais particularidades, características que aparecem nas ações de Henrique ao longo do romance. Já Pedro, percebemos ele como filho de Oxalá, pois o mesmo apresenta características dessa divindade. Os filhos do pai Oxalá tendem a ser pessoas que prezam e lutam para a existência dos seus afetos, são caridosos, generosos, idealistas, detalhistas e sempre se põem ao lado dos injustiçados e oprimidos. Características essas que fazem de Pedro, através da narrativa, reafirmar a existência e reexistência de seus pais.

4.1- Henrique: pai negro guerreiro

Da mesma forma que Pedro conta a vida de sua mãe antes do casamento junto ao seu Pai, o narrador revive a história de vida de Henrique que desde criança luta para sobreviver. Numa narrativa sem ordem cronológica, mas que tentamos adequar e colocar em ordem diante dos acontecimentos que achamos importantes para essa pesquisa. Dessa forma, organizamos os fatos desde a infância de Henrique até o envolvimento com Martha. Posterior a essa união, os fatos serão analisados e problematizados na subseção que falaremos da personagem masculina Pedro.

Tenório, através de seu narrador, começa a abordagem sobre Henrique trazendo o fato de que Henrique com catorze anos, sem perceber ainda o racismo, sofre a primeira de inúmeras violências de sua vida. Morando no Rio de Janeiro, o adolescente, negro, Henrique “estava num ponto esperando o ônibus, em Copacabana, para ir encontrar seu padastro. Foi então que um ônibus parou e dele desceram alguns moleques que apontaram para você dizendo: *foi ele, foi ele*”. (TENÓRIO, 2020 p. 18 Original grifado) E ser acusado por delitos que não cometemos é uma constante frente à perversa prática racista que insiste em querer nossa extinção, pois em nossa existência, como homem negro, não é novidade que a sociedade nos veja sempre como mau elemento e um perigo à nação.

Você não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo, e num impulso decidi correr e, ao olhar para trás, viu um monte de gente correndo atrás de você. E por um instinto de sobrevivência você entrou numa galeria de

lojas, na rua Barata Ribeiro. Você entrou no primeiro lugar aberto que encontrou: uma igreja evangélica Assembleia de Deus. Você entrou e se escondeu atrás de um dos bancos. A igreja estava vazia. Ficou ali, quieto, esperando, escutando a própria respiração. Mas então ouviu gritos: *ele tá aqui, ele tá aqui*. E de repente a igreja foi invadida por sabe-se lá quantos daqueles moleques sedentos por vingança. (TENÓRIO 2020 p. 18 Grifo do autor)

E não ter a ideia do motivo que se está sendo incriminado faz parte da realidade da vivência do negro. Contudo, o que nos chama a atenção na passagem acima não é só o fato de um número não explicitado de “moleques” brancos correndo atrás de um menino negro, mas o instinto de salvar sua própria vida adentrando uma igreja Evangélica, local que sabemos não ser o mais adequado para uma salvação do negro. Visto que, a igreja constitui, na memória de uma sociedade branca, ser o local da salvação, do abrigo e do bem-estar eterno dos sujeitos que dela são doutrinados, sabemos que a supremacia branca eremiza o preconceito. Consideramos nessa passagem, de certo modo, um equívoco trazido na obra em trazer a ideia de que Henrique foi salvo dentro do templo sagrado branco, por um sacerdote branco, pois vemos na realidade uma grande incitação às práticas discriminatórias, violentas e desumanas frente à população negra.

Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: *eu não fiz nada*. Então alguém sacou uma arma e apontou para a sua cabeça, você ainda pode ouvir um deles gritando: *nós vamos te passar, neguim, tu vai morrer agora, neguim*. (TENÓRIO 2020 P. 18 Original grifado)

Enfim, a passagem explicitando que dentro da igreja não é um local imune às múltiplas violências. Destacamos também a oralidade dos agressores, pois as gírias utilizadas e trazidas na passagem acima, geralmente são atreladas aos negros, principalmente quando discriminam a música negra que se utiliza gírias para marcar sua existência. Há esse preconceito linguístico e atrelam a cor da pele para para estigmatizar o negro.

Após a violência a obra traz uma importante possibilidade de refletir acerca das práticas da igreja frente ao negro, pois quando diz que “você foi milagrosamente salvo por um dos pastores da igreja. Ele interveio dizendo: *pelo amor de Deus, gente, em nome de Jesus, respeitem a casa do Senhor, vocês não vão matar ninguém aqui dentro*. (TENÓRIO 2020 p.18 Original grifado) Esse

“milagrosamente” nos remete que um homem branco é capaz de salvar o homem negro, se não por ele, ali seria o fim de sua existência. É o homem, dádivo e branco, ocupando um espaço de privilégio dentro da casa sagrada branca que determina a continuidade da vivência de um ser negro que invadiu a igreja. Assim como a expressão “gente” referindo-se aos meninos brancos, para que parassem e não cometessem o crime que seria prejudicial a existência deles, e o termo “ninguém” ao negro de forma a desumanizá-lo.

E mais, a idealização de não matar um negro dentro dessa igreja, como seria repercutido e refletido essa ação caso fosse consolidada dentro de uma local que tem como premissa a redenção humana. Atualmente vivemos e somos atacados diante de um governo de estado amparado pelas instituições e discursos religiosos que estimulam as diversas práticas discriminatórias e da mesma forma negam as mesmas afirmando que nós negros nos usamos dessa vitimização para ganhar apelo social. Porém, o que queremos não é visibilidade, nem mesmo nos vitimizar, buscamos lutar pela nossa não desumanização e essa peleja tem um único ideal, existência, pois por mais incrível que pareça, precisamos combater diariamente para reexistir.

Após as agressões sofridas pelo grupo de jovens, Henrique “não chorou porque não teve tempo para isso” (TENÓRIO 2020 p. 18), ainda teve de enfrentar outras violências que surgiram a partir dessa situação. Ele “foi levado algemado para delegacia” (TENÓRIO 2020 p.18), e aqui fica uma lacuna para se refletir, pois será que ele foi levado por invadir a casa de Deus, ou por fugir de um bando sedento de vingança, ou por ser um corpo negro que sabemos que este corpo é visto na sociedade sempre como uma ameaça. O certo é que Henrique “pela primeira vez sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos” (TENÓRIO 2020 p.18), o que ao longo da existência do homem negro deixa de ser uma novidade, pois estamos sempre no raio de ação da truculência social e policial.

Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Achavam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques). E ser confundido com um bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem. (TENÓRIO 2020 p 18-19)

Numa sociedade racista em que vivemos, o negro sempre será suspeita de cometer furtos e ser um risco aos “bons elementos” que compõem a sociedade brasileira. No fragmento acima, quando o narrador diz que as pessoas “ainda diziam que daquela você não escaparia”, eles tinham razão, pois Henrique, assim como muitos jovens negros, não escapam de uma acusação sem ter que passar pela humilhação de ser agredido, sair algemados, ser colocados dentro de uma viatura da polícia, passar pelo hospital de pronto atendimento sendo expostos de algemas, para fazer o exame de corpo e delito e após essa exposição ser levados à delegacia. Para somente depois dessa animalização do corpo negro, poder ser liberado e a única afirmação é que dessa você se livrou, pois foi apenas confundido. Porém, o que fica evidente é o recado dado, você não será preso, mas fique atento porque estaremos de olho em você. Outro ponto importante na citação anterior é a de que Pedro afirma que Henrique vai custar a entender o motivo desses fatos acontecerem. E aqui concordamos, pois adolescentes de catorze anos, na maioria das vezes não têm conhecimento sobre as práticas racistas, o que infelizmente aprendemos passando pelas violências sofridas, visto que, a população negra é a mais prejudicada em relação ao acesso à educação. E essa falta de acesso, faz com que tenhamos que aprender a lutar contra o racismo, sem mesmo entendê-lo, para depois ter um pouco de noção dessa perversidade.

Outra abordagem importante, para nossa discussão, que a obra traz é o momento que Henrique está ingressando na universidade para cursar o curso de Letras, já em Porto Alegre, sendo este o único curso que o mesmo conseguiria pagar. Porém, para cumprir com o compromisso, teve de buscar uma vaga de emprego, como office boy, em um escritório de advocacia. E como, para nós que temos a pele preta, não é nada fácil ganhar uma oportunidade de trabalho nesta sociedade que discrimina e racializa os corpos, trabalhar e viver uma vida com dignidade se torna um constante desafio.

Depois de um tempo de espera, para ser entrevistado e concorrer a vaga de trabalho, com dezenove anos, Henrique ainda não tinha malícia para o enfrentamento a discriminação e assim Pedro narra:

Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos, Bruno não se intimidou e repetiu a frase: *não gosto de negros*. Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. Depois, Bruno se ajeitou melhor na cadeira e justificou: *não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um*

casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros. (TENÓRIO 2020 p. 20 Grifo do autor)

Aqui é relatado a prática de racismo explícita e direta, e dessa mesma forma o racismo é apresentado para inúmeros de negros ao tentarem ingressar no mercado de trabalho. Passagem que Tenório explicita como o racismo atravessa o homem negro dentro da sociedade brasileira e de como a colonização traz esses olhares e ações que oprimem os corpos negros, pois percebemos que ao citar a cidade de Garibaldi, localizada na serra gaúcha, que antes da colonização tinha como habitantes as tribos indígenas e com a chegada de colonizadores passou a mudar a cultura da região, tornando-a colônia branca. Desde o século XIX, os italianos passaram a imprimir seus costumes e tradições nesse espaço geográfico do Rio Grande do Sul, o que explica esse olhar branco trazido na passagem acima. Dessa forma, Tenório evidencia qual o lugar do negro dentro deste espaço tomado por colonizadores, no caso como subordinados a família branca como se reproduzindo as antigas fazendas, espaços a partir da abolição da escravatura ainda eram ocupados por estes corpos sob a premissa de estar desempenhando o trabalho, mas com a diferença de, que a partir daquele marco histórico, estar recebendo proventos para aquele trabalho realizado pelos negros. A fim de depreciar a figura negra, quando este não serve mais para suas funções ou desejos dos patrões, o branco tende a depreciá-los e no caso da obra, Tenório a partir da perspectiva da personagem Bruno Frago, mostra como é naturalizado a acusação de algo ruim a estes corpos. No caso do casal que deixa de ocupar o papel de subordinados indo embora da fazenda, são taxados como ladrões. Esta passagem reflete muito a atualidade, pois o corpo negro está fadado a mão de obra e enquanto este estiver desempenhando o papel que lhes é esperado, vamos ter a narrativa de um bom serviçal e a partir dessa negação de sujeição vão ser visto das formas mais perversas possível. Essa é a maneira que o branco reage oprimindo o negro com a intenção de mantê-lo sempre no papel de subordinação. Dessa forma, percebemos que essa cultura que racializa os corpos dentro de uma sociedade, herança de uma ideologia colonizadora e eurocentrada que busca manter o privilégio do branco, afeta e tenta manter a hegemonia do não negro, assim, marginalizando-o. O filósofo e advogado Silvio Luiz de Almeida corrobora com nossa inquietação, no que se refere a pensar o racismo afirmando que:

[...] racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. (ALMEIDA, 2019 p.15)

De acordo com Almeida, se o ato racista é uma "manifestação normal de uma sociedade", essa assertiva confirma a ideia trazida acima de que o pensamento e ação do colonizador se perpetua nas práticas humanas. Consideramos importante fazer uma distinção entre as ações racistas que atingem os negros, e no caso aqui o homem negro. No interior de uma estrutura racista existente dentro da sociedade brasileira, um país amplo e considerado um dos mais racistas do planeta, cabe fazer a diferenciação, de forma sucinta, entre racismo, preconceito racial e discriminação racial. E essa reflexão se justifica pelo fato de que ao longo da obra de Tenório, Henrique, um dos nossos personagens em análise, vai sofrer com essas práticas. Entendemos por racismo como uma prática intencional que busca criar desvantagens e deslegitimar o negro como cidadão de uma sociedade e percebemos essa ação quando Bruno, ainda na entrevista, "disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, te salvar das armas e da violência" (TENÓRIO 2020 p.21), passagem que reafirma que o homem branco se usa da ferramenta possibilitada pelo racismo para efetivação de sua hegemonia.

O preconceito racial, como comportamento racista, pode ou não ter o resultado de discriminação, pois baseia-se em estereótipos que depreciam a um determinado grupo racializado, ou seja, o negro (ALMEIDA 2019 p. 22). Já a discriminação racial, é a forma como se faz a diferenciação de membros de uma sociedade a partir da tonalidade de sua pele, e essa prática foi descrita acima quando Bruno, personagem de Tenório, afirma que está possibilitando a vaga de emprego a Henrique, mesmo não gostando de negros, para que talvez salve ele de um futuro de insucessos. E são essas as formas que o homem branco enxerga e procura manter o negro nas margens sociais. Assim, nos possibilita pensar nas formas de acesso ao emprego do homem negro, pois vemos que as empresas em sua maioria têm o quadro de funcionários preenchidos por corpos brancos, necessitando de uma legislação para que haja espaço e um pequeno número de vagas para o corpo negro. Ou seja, está sendo possível o emprego do negro para salvar ele ou porque a lei os obriga, e assim, percebemos que as vagas disponibilizadas a este homem negro geralmente são designadas a funções

marginalizadas dentro de uma empresa. O racismo tem uma estrutura tão poderosa que determina as potencialidades do homem negro a partir de uma visão racializada e corporificada, como ações de delimitar até onde o homem negro pode ir ou não.

Essa delimitação a partir do corpo negro, racializado, fica bem claro em *O Avesso da Pele*, também no início da obra, quando Henrique passa pelo processo de alistamento militar. E sabemos que o quartel é um espaço onde a masculinidade é representada a partir de uma virilidade exacerbada onde o homem tem que estar performando essa idealização institucional, arraigada pela visão patriarcal. Dessa forma, logo após passarem pelo exame de inspeção militar e de forma depreciativa, sofrerem com brincadeiras com a intenção de feminilizar o homem, há a objetificação do corpo masculino na passagem que o sargento indica que os mesmo fazem parte do excesso de contingente e estão liberados para o juramento de bandeira, dizendo “que o Exército precisava de homens fortes e não de mariquinhas magricelas iguais a vocês” (TENÓRIO, 2020 p. 17).

Essa objetificação do corpo masculino, descrita na passagem acima, também nos diz muito quando pensamos neste espaço militar, onde além da forma como se impõe a masculinidade, cunhada na virilidade, através do discurso conforme exemplificado, mas também como leitura corporal. Quando o homem ingressa no espaço militar ele entra num processo de imersão no qual determina e tipifica que homem é desejável dentro daquele ambiente e que corpo é o modelo a ser alcançado, pois os corpos dos militares que estão no comando dos jovens já determinam o modelo a ser seguido. Na fase pré-alistamento, ainda fora do quartel, é normal as famílias direcionarem falas aos jovens homens como “agora no quartel tu aprende a ser homem”, “agora no quartel tu cria vergonha na cara”, “agora no quartel tu deixas de ser vagabundo”, são exemplos de como esses discursos atravessam e fazem parte da construção das masculinidades.

Pensar no corpo como objeto que possibilita prestígio e que determina quem está na posição de dominação e subalternidade, é também pensar nos espaços de academia. Quando se procura estes espaços percebe-se quais são os modelos de corpos que ocupam o status de donos do estabelecimentos e de instrutores, o que diz muito qual o objetivo daquele espaço e isso é determinante para quem tem o desejo de continuar frequentando esses lugares. Os homens que não alcançarem esses modelos estão fadados a ocuparem a posição de subalternidade, ou seja, não atendem a expectativa é geralmente param de acessar o ambiente.

E não atender a expectativa faz parte das masculinidades marginalizadas, no caso as masculinidades negras, pois os corpos negros por estarem em desvantagens, diante da perspectiva hegemônica, tendem a ser objetificadas e idealizadas de forma depreciativa. E Tenório deixa claro quando traz o estranhamento, das pessoas que compõem a comunidade da capital gaúcha, quando se deparam com um homem negro junto a uma mulher branca pelas ruas da cidade.

Foi caminhando de mãos dadas com ela, pela rua da Praia, no centro de Porto Alegre, que você começou a notar os olhares, às vezes acompanhados de piadas racistas. Vendedores ambulantes dizendo, à boca pequena, que ela só poderia estar com você por dinheiro. Pois *uma branquinha daquelas com um neguinho desses, ha ha, não, não podia ser.* (TENÓRIO, 2020 p. 28 Grifo do autor)

Essa forma depreciativa de se referir ao homem negro como “neguinho” ou “negão”, serve como marcador para deixar bem claro a existência de uma subalternidade idealizada pelo sistema social. Na obra, a estereotipação do corpo negro ganha dimensão quando começa aproximação de Henrique junto a aos familiares brancos de Juliana, quando pela primeira vez foi chamado de “negão” (TENÓRIO, 2020 p.29). E essas “imagens estereotipadas” seguem na sequência da obra.

[...] pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. Você não corre? Que os negros são ruins como nadadores, já viu algum negro ganhar a medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre? (TENÓRIO, 2020 p. 29)

Estereotipações que forjam as masculinidades negras sob uma perspectiva branca trazem enormes prejuízos ao homem negro e contribuem para as práticas hegemônicas de manter o negro na subalternidade, pois o “hegemônico e o subalterno emergem em mútua e desigual interação, em uma ordem social e econômica” (KIMMELL, 1998 p. 103) que busca depreciar os negros.

Da mesma forma, esse imaginário social do corpo negro se estende a sexualidade que tende a hipersexualizá-lo e associa-lo a anormalidade. Culturalmente a sociedade relaciona o corpo do negro a um super-corpo com

dimensões maiores, com disposições fora de uma normalidade, pois tendem aliar essa imaginação fantástica à uma máquina.

Ainda na passagem com a família de Juliana essa idealização da hipersexualização vem a tona na obra quando o narrador descreve:

Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: *e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?* (TENÓRIO, 2020 p. 29-30 Grifo do autor)

Essa passagem reflete a realidade social, pois associa-se o corpo negro ao corpo de uma animal, onde as proporções corporais são maiores do que a realidade e a virilidade se torna atributo de muitas fantasias sexuais. Situações que atingem o negro, pelo motivo de estar fadado a ter a obrigatoriedade de corresponder a estas expectativas. Essa idealização hipersexualizada é atribuída ao negro de forma natural pela sociedade e o Geólogo Caio Cesar nos auxilia afirmando que:

Há uma construção hipersexualizada sobre nós que é muito clara, muito nítida, e faz com que as pessoas façam previsões ou suposições de como agimos sexualmente, mesmo que não tenham nos tocado em momento algum da vida. (CAIO CESAR, 2019 p. 56)

E há um fenômeno interessante a ser pensado sobre a hipersexualização, pois mesmo sabendo que esses fatores os atingem, os negros acabam por performar de forma inconsciente para que possam suportar as formas de violências sofridas, mesmo que num debate racializado os comparem a selvagens. Fato que acontece em *O Averso da Pele*, por exemplo, na passagem “Vem, minha branquinha, Vem, meu negão. Chupa tua branquinha. Chupa o teu nego. Adoro a tua pele branquinha. Adoro a tua pele, meu nego. Adoro tua boceta branca. Adoro teu pau preto”. (TENÓRIO, 2020, p. 31). Esse imaginário relacionado a sexualização entre tonalidades de peles diferentes, faz com que se efetive a forma com que a sociedade vê o corpo negro e o torne selvagem. Pois, na própria relação descrita no romance Henrique e Juliana internalizaram essa dependência da racialização dos corpos para ainda sentirem algum prazer na relação, tornando-a tóxica, já que “de repente vocês gozavam. E dali para a frente será sempre assim que irão gozar”. (TENÓRIO, 2020 p.31). Ou seja, a hipersexualização citada acima, toma conta e faz

com que o amor seja deixado em segundo plano, prevalecendo a fetichização do corpo e da raça.

A racialização dos corpos naturalizada pelos brancos e cruel com nós, negros, tende a se estender sobre os mais diversos aspectos possíveis quando há uma referência a um homem ou mulher de pele retinta. E, Tenório, novamente torna explícita essa denúncia quando ao descrever a relação de Henrique com a família branca de Juliana, as práticas perversas do racismo aparecem fantasiadas de brincadeiras sem a intenção de dolo.

“O humor racista é uma forma com que pessoas brancas e instituições controladas por pessoas brancas expressam condescendência e ódio por minorias raciais, para reproduzir a ideia de que só pessoas brancas podem atuar de forma competente no espaço público”. (MOREIRA, 2021)

Adilson José Moreira ainda sobre o racismo recreativo nos diz que:

“O objetivo do racismo recreativo é a manutenção da ideia de supremacia branca. Há um caráter estratégico. As piadas acontecem com frequência no espaço de trabalho e em situações específicas, como quando há possibilidade de promoção e pessoas negras, asiáticas ou indígenas são candidatas” (MOREIRA, 2021)

Ao nos contar sobre a evolução da relação do pai com a namorada branca, Pedro, relata que a aliança de compromisso e a participação de momentos familiares se fizeram presente naquela etapa da vida de seu progenitor. Essa aproximação, fizeram com que Henrique se tornasse íntimo, na perspectiva daquele grupo de pessoas brancas. Idealização que o fizeram ser o único negro nos almoços dominicais da família e assim a “intimidade com o negão da família aumentou.” (TENÓRIO, 2020 p. 31).

A prática racista ficou escancarada quando o tio Sinval percebe o incômodo de Henrique quanto às piadas estereotipadas que já virara parte da festa branca nos fins de semanas.

Um dia, o tio Sinval, .percebendo o teu incômodo, passou a mão numa latinha de Brahma e foi ao seu encontro, te ofereceu cerveja e perguntou se você ficara ofendido com alguma coisa, se sim, que não ficasse, porque aquilo era só uma piada. Só uma brincadeira. *Em breve tu vai se casar com a minha sobrinha, vai ser da família. Tu não tem piadas de brancos? A melhor defesa é o ataque, filho. Tu deve saber algumas coisas sobre brancos, não sabe? Diz aí.* (TENÓRIO 2022 p.31 Grifo do autor)

Não basta violentar o negro, tem que oferecer uma bebida como se fosse uma cordialidade. E mais, a afirmativa de que não se passa de uma piada, de uma

brincadeira é a mesma forma de negar ser racista, pois quando afirma ter até amigos negros, que sai com amigos negros e que até já namorou umas negrinhas porque elas são quentes e fogosas, o preconceituoso, criminoso, tende pensar que está se livrando da violação cometida.

Dessa forma, o humor racista tem um objetivo importante: convencer os indivíduos de que os arranjos sociais só podem ser preservados se pessoas brancas forem mantidas em posições de poder. Essa afirmação está baseada em um argumento muito simples: piadas racistas são um tipo de mensagem, e como tal elas transmitem uma pluralidade de sentidos. Uma pessoa branca que procura degradar negros por meio do humor racista está dizendo que eles são inferiores, mas também está afirmando que brancos são necessariamente superiores a eles. (MOREIRA, 2019 P.58)

Com a falsa desculpa de que Henrique vai passar a ser membro da família, namorando com Juliana, é a mesma tentativa de desumanização do povo negro lá na assinatura da Lei Áurea, pois naquele momento tínhamos a promessa do fim de um regime que escravizava e aniquilava homens e mulheres negras e vemos que mesmo com a assinatura, não deixamos de ser perseguidos e violentados. Assim como a *"melhor defesa é o ataque"*, a formalidade assinada pela Princesa Isabel, que se apropriou da glória da luta negra, foi uma alternativa velada de dizer, agora vocês estão livres. Sabe-se que as dificuldades impostas até hoje a todo cidadão negro são de uma falsa liberdade e isso Tenório traz na citação acima. Não nos tornamos livres, ainda estamos sujeitos às algemas invisíveis da crueldade branca, seja diante de falsas brincadeiras, de discriminações e literalmente das violências físicas e explícitas que somos acometidos.

Para Henrique, um jovem negro, de apenas 19 anos, enfrentar essas depreciações sem ter uma maturidade e conhecimento para enfrentá-las, torna-se difícil, mas como desde que nascemos já enfrentamos as crueldades por existir, ele teve de aprender a lutar. E Pedro, na narrativa, afirma e reafirma essa argumentação, pois ele nos diz:

Naquele momento, você não sabia bem o que queria fazer. Na verdade, você estava perdido, porque, até ali, a vida não passava de um amontoado de obstáculos que você tinha de superar. Resistir fazia parte da sua vida e você nunca havia se questionado por que as coisas eram assim. Nunca se questionou por que era pobre, nunca se questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela. (TENÓRIO, 2020 p. 32-33)

Como dito anteriormente, resistir, além do aspecto semântico, para o negro transcende a conceituação trazida em qualquer gramática. Para nós, significa existência, lutar para que não sejamos como muitos animais que estão em situação de extinção. Pois vemos em muitos olhares brancos a raiva e a vontade de apagamento do negro por causa da pigmentação de nossa pele.

A educação se torna primordial para essas lutas, pois a partir do conhecimento que nos munimos de opções para driblar as adversidades. E pensando em educação, trazemos para nossos estudos a passagem que Tenório traz para narrativa de Pedro a existência do professor, militante Oliveira Silveira. Nascido no interior do Rio Grande do Sul, o poeta sabedor do tão quão racista é esse Estado, serve como atributo para mostrar que uma das saídas e formas de luta é estar envolvido com as discussões possibilitadas nas instituições de educação. Foi colocando o professor Oliveira dentro da ficção que Tenório pode nos mostrar que Henrique começa a aprender a defender-se das violências que a família branca de Juliana lhe impunha.

Foi trazendo para dentro da sala de aula nomes como Malcolm X, Martin Luther King, Lineu, Johann Blumenbach e Arthur de Gobineau que Oliveira despertou Henrique para as questões que lhe atravessavam na relação com a família branca de Juliana.

Foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus. Descobriu que a escravidão negra foi sustentada por discursos racistas a partir do século XVIII. Ouviu o professor Oliveira falar sobre como tudo isso tinha começado. (TENÓRIO, 2020 p. 33)

A partir desse contato histórico sobre a militância negra frente a supremacia branca que Henrique começa a perceber que os encontros familiares na casa da namorada não eram saudáveis a ele, pois havia uma reprodução das práticas racistas que estão sendo perpetuadas em nossa sociedade. Ter acesso a esses conhecimentos deixaram-no estupefato, pois o mesmo nunca tinha o atingido daquela forma. (TENÓRIO, 2020 p. 33)

Oliveira anota mais um nome no quadro e diz para jamais esquecerem dele: *Arthur de Gobineau, o pai do racismo*, ele completa. *Foi este sujeito aqui quem aproximou o conceito de raça do discurso político. Não esqueçam dele*, ele repetiu. *Foi Arthur de Gobineau quem afirmou que as raças*

protagonizaram as lutas pelo poder e que, portanto, haveria raças inferiores e raças superiores. Depois dele, outros estudiosos da raça vieram e agregaram mais valores para comprovar que os negros pertenciam a uma raça menor. Então o professor Oliveira projetou um crânio na lousa e perguntou se era possível definir o caráter de uma pessoa apenas olhando para aquela imagem. O próprio professor Oliveira respondeu: é claro que não podemos. Mas as teorias racistas dos séculos dezoito e dezenove acreditavam que sim, Entretanto, do ponto de vista científico, seria um absurdo, um engodo, um embuste. (TENÓRIO, 2020 p. 33-34 Grifo do autor)

Com esse contato, com essa aula, por intermédio da educação, percebemos que gatilhos foram ativados em Henrique que passa a combater as práticas racistas. Esses gatilhos, são percepções que a hegemonia branca teme e faz de tudo para que não aconteçam e faz com que percebemos o quão difícil é o ingresso em uma universidade por parte de sujeitos negros. Se faz necessário ter uma legislação e por meio de cotas para que possa haver uma tentativa de equiparação para com o negro. Vemos cada vez menos alunos negros nas salas de aulas da educação básica e no ensino superior chegam os poucos que resistem a todas as adversidades impostas nas nossas trajetórias estudantis. E dessa forma, aquela velha máxima do tio Sinval de que a “melhor defesa é o ataque” se faz presente. Ou seja, visto da perspectiva branca, quanto menos negros acessarem aos espaços educacionais, mais os forçamos ocupar as margens e continuarem sendo as minorias frente ao sistema que dá privilégio aos brancos.

Quando Henrique, junto às aulas do professor Oliveira, percebe as violências que estava sofrendo, passa a recusar e não aceitá-las. A partir desse momento que a personagem principal começa a discutir “raça, preconceito e negritude” (TENÓRIO, 2020 p.34), o que causa desconforto na sua namorada branca. E com a naturalização, por parte dos agressores, das piadas racializadas, há a recusa de voltar a participar dos encontros familiares dos domingos.

E é essa reação do negro que incomoda o racista, pois quem agride não tem a dimensão da perversidade e não aceitam, e faz com que o branco ataque mais ou tente uma defesa descabível como a de Juliana na obra.

Eles não são racistas, só não estudaram o que você estudou. Mas, quando vocês estavam no ônibus, voltando para Porto Alegre, Juliana disse que estava triste com o seu jeito, que você tinha mudado e que já não sabia brincar. Agora você levava tudo muito a sério. Agora para você tudo era racismo. Você não era assim. Será que não podemos ser como antes? (TENÓRIO, 2020 p.35)

Nessa passagem fica explícito o quanto o negro ter conhecimento incomoda. A primeira tentativa é de aliviar o agressor dizendo que eles não são racistas, com a desculpa esfarrapadas de que não estudaram o que a vítima estudou ou estuda. Mas paramos por um momento aqui. Se o branco tem o acesso facilitado às universidades, não necessitam da legislatura para tal, se eles ocupam cargos de privilégios, se têm melhores condições de moradias, qual o real motivo de inverter e acaba culpabilizando a vítima por sofrer as diversas violências. Não saber qual o motivo de uma mudança, como Juliana afirma, ou dizer que Henrique não sabe mais brincar é de uma perversidade sem dimensão. Ficar triste e fazer a proposta de voltar a ser como antes é como se pedisse para o negro continuar suportando as dores e depreciações que sempre violentaram sua existência.

A frustração com a reação negra também é trazida no romance, pois Juliana não consegue convencer Henrique em relação às práticas racistas de sua família, ela ataca mais uma vez e dessa forma, mostrando que as violências não têm limites quando vêm daqueles que foram construídos culturalmente para tentar aniquilar os sujeitos negros.

Você é um grosso, ela disse. Bem que me falaram que você só pensa em si mesmo. Você é que é um egoísta aqui. Você acha que só você é quem sofre com isso? Você acha que não me magoa quando as pessoas me perguntam o por que estou contigo? (TENÓRIO, 2020 p. 36 Grifo do autor)

Vemos muito a tentativa de sujeitos brancos tentarem se colocar no lugar do negro e dizer, em suas narrativas, que sentem e sofrem com as perversidades que o preconceito racial é capaz de produzir. Mas, a diferença é que eles não carregam o ódio alheio por ter o preto na cor de sua pele. Resposta para esse fato é trazido no diálogo de Henrique à Juliana quando diz:

[...] a diferença é que você pode escolher ter um problema como eu. Não posso arrancar minha pele preta. Você contou para suas amigas como é ter um namorado negro? Já contou como foi sua transa com um cara negro? (TENÓRIO, 2020 p. 36 Grifo do autor)

A não aceitação de uma defesa faz com quem não se veja agressor, agir novamente e com mais opressões visando reafirmar sua posição de hegemonia. Tal afirmação é apresentada quando Juliana, furiosa, desfere a Henrique adjetivos pejorativos como “egoísta, imbecil e preconceituoso, e que não gostava dos brancos, e bem que os parentes dela tinham razão de não se meterem com gente

igual a você” (TENÓRIO, 2020 p. 36), ou seja, o branco em última instância tentando perpetuar o conceito de racismo reverso. As práticas das teorias racistas não têm limites, pois o único objetivo é o apagamento do negro.

Por ora, não seguiremos de forma linear a narrativa da obra por uma questão de escolha e de pensar ser mais relevante tratar as outras questões dos atravessamentos do racismo que Henrique sofre em *O Averso da Pele*, também na subseção que terá como enfoque o narrador do romance. Porém, antes de encerrar essa subseção, deste capítulo, que trata das personagens masculinas, consideramos importante problematizar as violências sofrida por homens negros, assim como Henrique na obra, diante de um órgão que deveria assegurar que todo cidadão brasileiro tivesse a maior segurança possível para viver como humanos, ou seja, sujeitos pertencentes a uma sociedade.

Pedro, na parte final da obra, no capítulo *A Barca*, narra como se fosse catalogando as inúmeras ações policiais, truculentas, que visam fazer do homem negro, alvo e suspeita em todas as ocasiões que estejamos presentes.

Ver o homem negro como uma ameaça a sociedade é uma constante e, a obra traz inúmeras abordagens policiais, principalmente a Henrique, para elucidar o quão é perseguido o homem negro no Brasil. E ao ler estas passagens percebemos que as práticas masculinas dominantes, estando no lugar de autoridades são abusivas e extrapolam nas suas ações. Na primeira situação temos a abordagem em frente a um prédio, no qual, Henrique espera uma carona para ir trabalhar.

Na manhã do dia vinte e um de agosto de dois mil dezesseis, você foi abordado pela polícia. Você estava na frente do seu prédio esperando uma carona para ir trabalhar. Você tinha cinquenta anos e não pensava que ainda teria que passar por isso. Enquanto você confere a hora no seu relógio, dois policiais, em motocicletas, da Brigada Militar se aproximaram de você e perguntaram o que fazia ali parado. Você demorou alguns segundos para responder, na verdade queria se recusar a responder, pensou em confrontá-los, perguntar por que estava sendo abordado, mesmo que já soubesse a resposta. Você estava cansado daquilo. Cansado de ter que dar explicações para a polícia. Por fim, você acabou respondendo que estava ali parado numa esquina esperando uma carona para ir trabalhar. Os policiais deram uma boa olhada; poucas vezes na vida você se preocupou com suas roupas, em se vestir bem. Um deles te perguntou onde você trabalhava. *Numa escola. Sou professor*, você respondeu. Depois, educadamente, eles te solicitaram os documentos e te perguntaram onde você morava e se era usuário de drogas. Além disso, você teve de ouvir a sua própria descrição através de uma voz feminina vinda da central policial: *o suspeito é negro, natural do Rio de Janeiro, estatura mediana, casaco preto. Se já revistou, pode liberar, ele está limpo.*

Mas acontece que o policial não te revistou. Eles estavam convencidos de que você não era uma ameaça para sociedade. Eles sorriram, te desejaram um bom dia, subiram em suas motos e foram embora. Você ficou ali na esquina, parado, ainda sob o olhar de gente desconfiada. Porque um suspeito é sempre um suspeito, mesmo que a polícia te libere e te diga bom-dia e tenha-um-bom-trabalho. Você aos cinquenta anos, continuou sendo um suspeito. (TENÓRIO, 2020, p.143)

Aos cinquenta anos de idade, cedo pela manhã, indo para o trabalho, por conta da cor da pele, e estar em frente a um prédio, onde mora, e que possivelmente os moradores que ali habitam, em sua maioria, sejam brancos o torna suspeito e ameaça a população. O que faz do homem suspeito é ele ser o homem negro, como mencionado por Fanon. Desta forma, suspeita-se de Henrique por ele está morando em um bairro que o negro não é visto como um possível morador e sim um potente perigo frente ao olhar social.

Na passagem acima a forma com que os policiais abordam Henrique de forma pacífica e um pouco educada, não retrata as abordagens reais da polícia frente a homens negros dentro da sociedade brasileira. Aqui, por mais que eles tornaram um homem negro (Henrique) em suspeita, mesmo ele já tendo seus cinquenta anos, sabemos que é quase impossível um procedimento desses acontecer como é descrito na obra. Sequer eles o revistaram, deram “bom dia, tenha um bom trabalho”, frente a espectadores, se torna surreal, pois a exagero, a força e o abuso de autoridade está sempre presente nas intervenções quando o corpo negro está diante dessa situação.

Para ilustrar, há dois anos, o caso de George Floyd, em Minnesota, Estados Unidos, chocou o mundo, pois ao resistir a exagerada abordagem, Floyd sofreu com a truculência policial que culminou no seu assassinato. Policiais brancos, usando do abuso de sua autoridade, ou seja, da função que exerciam, brutalmente colocaram o joelho em cima do pescoço e de uma forma animalésca, o que violentamente encerrou mais ciclo de uma vida negra. O apelo do povo que ali assistiam e os gritos desesperados de Floyd, pedindo apenas para respirar, não foram o suficiente para inibir a violência por parte de quem deveria dar segurança à sociedade. Foram mais de dez minutos com a vítima clamando por sobrevivência. Ação que, no nosso entendimento, piorou e intensificou a truculência. Esse caso teve enorme repercussão, no entanto, a vida de mais um preto já havia sido retirada. Mais uma

vez o negro foi visto como forte ameaça do bem-estar da população branca e foi assassinado.

Há perguntas que são capazes de elucidar tudo: *Tu sabes com quem estás falando? Ou Como ele conseguiu chegar até aqui?* As situações descritas neste último capítulo não são lineares, assim como as lembranças de Pedro sobre o seu pai. E a segunda passagem do bloco de abordagens policiais retoma a infância de Henrique para explicitar a realidade da sociedade brasileira. Dessa forma:

O outro policial pegou a bola e a colocou debaixo do braço. Perguntaram onde vocês moravam. *Na Bonja*, respondeu o Caminhão. Os policiais olharam e continuaram o interrogatório. *E por que vocês vêm jogar bola aqui, por que não ficam na vila de vocês? Porque a gente gosta de jogar aqui*, respondeu o Pão com Ki-suco. Os policiais se olharam novamente, dessa vez com ironia. *Vocês são cheiradores de cola, loló?* Você tomou coragem e disse que não, que ninguém ali era cheirador de cola. Depois eles mandaram todos ficarem de pé e levantaram a camisa. O policial que segurava a bola avisou: *a gente tá de olho em vocês, aqui nesse bairro é lugar de gente direita, se a gente souber que vocês fizeram alguma coisa errada por aqui, a gente vai atrás de vocês, entenderam?* E todos nós balançamos a cabeça positivamente. Depois o policial pegou a bola e deu um balão para o alto. O pão com ki-suco foi atrás dela. Os policiais entraram no carro e foram embora. Vocês seguiram o jogo sem saber bem o que tinha acontecido. (TENÓRIO, 2020, p.144)

Outras abordagens são narradas, com detalhes, nessa parte final e percebe-se que o negro estará sempre ocupando o lugar de suspeito e mesmo quando ele é abordado e não há nada de errado, as pessoas que presenciam a ação das autoridades que te ferem, vão “passar por você e vão te olhar” (TENÓRIO, 2020, p.145) também desconfiados e te tornando suspeito.

Um deles, de óculos escuros, sem sair do carro, perguntou o que você estava fazendo ali. Você já conhecia aquela pergunta. Então você ainda sentado, respondeu que estava esperando uma amiga que morava naquela casa. Eles riram do que você disse. *Amiga? De onde neguinho?*, um deles perguntou. *Da minha escola*, você disse. Eles desligaram o carro. Resolveram que precisavam te dar uma geral. Você ficou paralisado ao ver que aquele bando de policiais armados saindo do carro por sua causa. Mas, antes que eles te mandassem levantar, o portão da casa se abriu e dali saíram a Katiane e a mãe dela. Os policiais deram boa-tarde. A dona Terezinha (mãe de Katiane) perguntou o que estava acontecendo. Então você se levantou e foi para junto delas. O policial que até então estava de óculos, tirou-os e disse que estava fazendo uma patrulha e que receberam uma notificação feita por um vizinho de que havia um suspeito sentado na calçada, *mas vimos agora que era um engano, sabe como é, a gente tem sempre que averiguar as situações.* (TENÓRIO, 2020, p.146 Grifo do autor)

A sociedade coloca o homem negro tanto como suspeito, que num grupo de homens negros e brancos, independente dos acontecimentos o suspeito tem cor e essa afirmação fica elucidada no fragmento que narra o professor Henrique retornando, no coletivo, a noite, para sua residência.

O policial pediu com mais ênfase que você descesse do ônibus. Você obedeceu, estava cansado, estava com preguiça, mas tudo que você queria era terminar o *Crime e Castigo*. Um rapaz, branco, sentado ao seu lado, também faz menção de levantar para descer do ônibus, mas o policial disse que ele não precisava descer. (TENÓRIO, 2020, p.148)

Outra passagem que exemplifica a afirmação anterior se dá em uma abordagem e indagações do policial a Henrique, que diz:

É bom os jovens lerem poesias e a bíblia também. Você já leu a Bíblia?, ele perguntou. Você disse que sim e acrescentou que o personagem do livro também virara católico. O policial ficou feliz. Te pediu desculpas pelo incômodo, mas é que era o trabalho dele, *porque Porto Alegre está cheio de vagabundo*, ele disse. Você e os outros homens subiram no ônibus. O rapaz que não precisou descer, ao ver você chegar, trocou de lugar e foi sentar mais à frente. (TENÓRIO, 2020, p.149)

Estar sob a desconfiança de que o corpo negro é um sinal de perigo à sociedade, é algo que o homem negro luta nas suas vivências e não importa o quão mais correto seja sua ação, você será visto como potencial perigo. Henrique tentou, a partir do vestuário, se equiparar aos outros grupos de homens, mas percebeu que essa estratégia não o livrou de ser visto como ladrão. O que incrimina o homem negro não são suas ações, suas vestimentas e nem o lugar que ocupa, e sim a cor da pele.

Eram seis horas da tarde de uma segunda-feira, e apesar da chuva fina o parque estava cheio. Todos te olhavam, alguns até te reconheciam por te verem ali com frequência e se cutucavam como que dizendo que já desconfiavam de você por algum motivo. Os policiais continuavam apontando a arma para você. Depois mandaram você colocar a mochila no chão, devagar, sem movimentos bruscos. Pelo rádio de um deles você escutou que o suspeito vestia uma jaqueta preta mas não era negro. (TENÓRIO, 2020, p.152)

E não importa se no mesmo local da abordagem, estiver outros homens, não negros, com roupas e características semelhante ao negro, ele sempre será o primeiro suspeito e mesmo que não tenha culpa, a partir da abordagem as pessoas no entorno o julgarão ainda como suspeito. “As pessoas à sua volta ainda te

olhavam, algumas com pena, outras com reprovação, outras se perguntavam por que você não fora preso, por que eles te deixaram livre”. (TENÓRIO, 2020, p.152)

A parte final da obra, intitulada *A Barca*, relata distintas práticas de masculinidades. Num jogo de passagens, Tenório faz o contraponto da rotina de um policial, branco, cansado da rotina de trabalho, assustado e alimentado pela idealização de que o bandido é o negro. Sonhos aterrorizam este policial, pois nesses pesadelos, homens negros invadem sua casa e colocam sua família em risco.

Ele acorda pela terceira noite seguida às três e meia da madrugada. A garganta seca, ofegante. Põe a mão ao lado. A esposa está ali, serena. Dormindo. Ele levanta. Calça os chinelos. Vai até ao banheiro. Levanta a tampa do vaso. Faz um grande esforço para não mijar fora. Ainda tem muito sono. Depois vai até a cozinha. Abre a geladeira. Serve-se de água. Enquanto sente o líquido descendo pela garganta ele escuta um barulho que vem da área de serviço. Ele, o policial, dilata as pupilas. Apura os ouvidos. Acha que não foi nada. Mas, logo em seguida, outro barulho. Dessa vez mais forte. Antes de ir verificar o que está acontecendo na área de serviço, ele vai até o quarto, abre a porta do guarda-roupa. Pega um revólver trinta e oito. Volta para a cozinha. Antes, passa pelo quarto das crianças. Elas dormem. Pé ante pé, ele volta armado. Não ascende a luz. Em seguida, ele chega à área de serviço. Observa com cuidado. Não vê nada de anormal, mas ele sente que há algo estranho. E, ao olhar para fora, identifica um homem negro caminhando sobre o telhado de uma casa na frente do seu prédio. Ele aperta a arma entre os dedos, sente o cabo do revólver. É certamente um assaltante, ele pensa. Dali ele pode atirar e acertá-lo com facilidade. No entanto, ele agora percebe que há outro homem no telhado. Ele começa a ficar nervoso. Os filhos da puta estão assaltando na calada da noite, ele pensa. Por isso ele ergue o braço e aponta a arma para os dois homens. Está escuro. Mesmo assim ele aponta. E é nesse momento que ele lembra do motivo de ter ido até ali: o barulho na área de serviço. E num estalo ele se dá conta: tem gente dentro do apartamento. (TENÓRIO, 2020, p.162)

Essa passagem, de *O Avesso da Pele*, retrata o como culturalmente o sujeito negro é depreciado, pois a partir desse pesadelo, o policial que suponhamos ser um homem branco, mesmo estando cansado e tendo a visão dificultada por estar no momento de uma madrugada, ou seja, escuro, logo imagina-se tratar de um assaltante negro. Assim como a sociedade, este policial racializa o homem que estava no telhado. Logo após outros homens, outros assaltantes, todos negros e para aterrorizá-lo mais ainda, supõe haver outros sujeitos dentro do apartamento. A partir de toda essa tensão, toda violência que há na sociedade, no geral mexe com este homem, são noites sem dormir. De outro lado, o professor, o negro Henrique,

cansado de ser visto como um problema social, cansado de ser suspeito e cansado das inúmeras abordagens policiais, cansado da vida, depois dos seus cinquenta anos, continua sendo alvo do racismo. E também dessa forma, percebe-se que o negro, ao longo da sua existência será sempre vítima das práticas racistas.

Na noite do assassinato da personagem, Tenório descreve as abordagens realizadas pelos policiais até chegar novamente ao professor Henrique:

Ele gritou novamente para você ir para a parede, ele já estava te apontando a arma. Mas para você já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo. *Vocês tinham que estar lá. vocês tinham que ver a cara deles quando comecei a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham que conhecer o Peterson, tinham de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro.* Então você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de *larga a pasta, porra.* Você ignorou porque agora era sua vez. Era sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que te tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certeiro na tua cabeça. (TENÓRIO, 2020, p.177)

E desta forma mais uma vítima do preconceito racial foi consolidada de forma brutal e sem chances de ter um destino diferente. A dor de estar sempre na posição de alvo, de perceber os direitos serem negados, de ser discriminado e visto como mau elemento, faz com que obrigatoriamente o homem negro crie estratégias de sobrevivência e a máxima está presente no dia-a-dia do negro: *é preciso resistir para existir.*

A gente se acostuma com tudo. A gente se acostuma quando você caminha na rua e as pessoas recolhem as bolsas e mochilas, a gente se acostuma quando os próprios homens preferem as negras mais claras, a gente se acostuma a ser só. A gente se acostuma a chegar numa entrevista de emprego e fingir que não percebeu a cara desapontada do entrevistador. Mas não estou reclamando, porque com o passar dos anos eu aprendi a me defender bem. Aprendi a inventar estratégias. Mas isso não significa que sejamos sempre bem-sucedidos. Quero dizer que nós, às vezes, falhamos. E falhar no nosso caso, pode resultar num erro fatal. Ainda assim, Pedro, ainda assim a gente segue. O que você tem que compreender é que os homens negros sofrem suas violências. E que as mulheres negras sofrem outras. Algumas são parecidas. Mas, veja, somos diferentes. [...] continue, querido, só isso. Continue. (TENÓRIO, 2020, p.181 Grifo do autor)

Assim vemos Henrique ser assassinado como tantos outros negros no Brasil. O que difere é que a personagem sofre dentro de uma ficção dotada de realismo, pois as truculências militares não medem esforços ao visualizarem um corpo negro.

4.2 Pedro: o yaô negro

Ao abordar a personagem Pedro, chegamos no momento idealizado desde o início dessa pesquisa, pois temos a premissa de refletir, discutir e perceber como são forjadas as masculinidades negras na sociedade brasileira. E para isso, trazer quem nos conta, a partir da rememoração de seus pais, e que nos mostra o quão difícil é existir em um território que tende desumanizar os sujeitos negros, torna-se essencial. Todos os fatos trazidos no romance, são sob a perspectiva de Pedro, já que traz os detalhes da vida do pai ausente e falecido e de uma mãe obcecada. Diante dessas nuances que percebemos como este homem negro vai sendo atravessado pela cultura racista.

Como já dito, vemos Pedro como um homem que atende as características de um filho de Oxalá, orixá que zela pelos injustiçados e as pessoas que se encontram nas marginais de uma escala social. Então com cuidado, carinho e com os mínimos detalhes, o narrador conta como se constituiu como homem negro na Capital gaúcha, Porto Alegre. Localidade considerada como uma das mais preconceituosas dentre as vinte e sete existentes no Brasil.

Como na obra, as problematizações, acerca de Pedro, nesta escrita, se darão a partir de reflexos que aparecem no romance, não seguindo uma cronologia de fatos.

Logo no início de *O Avesso da Pele*, Pedro traz uma importante circunstância na construção da sua identidade como homem negro. A ausência do pai faz parte da sua existência e essa o acompanha deixando suas marcas. A presença do pai é relevante para a formação de uma criança, pois contribui muito para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de um ser, visto que, a interação entre pais e filhos ajudam na autoestima e na formação da estrutura psicológica da criança para enfrentamento das adversidades.

Pais são importantes. As relações pai-filho/a, em todas as comunidades e em todas as fases da vida, têm impactos profundos sobre as crianças que podem durar por toda uma vida, sejam essas relações positivas, negativas ou inexistentes. A participação dos homens como pais e cuidadores também é de extrema importância para a vida das mulheres e afeta positivamente a vida dos próprios homens. (PROMUNDO, 2018 p.11)

Logo após a morte do pai, Pedro, vai ao apartamento do falecido e ao se deparar com as particularidades do imóvel, percebe o quão distante foi a relação dele com o pai, pois ele se mostra espantado com o que vê. Primeiro recorda o quão o pai era absorto quando afirma na narrativa que: “As vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se. Construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as coisas” (TENÓRIO, 2020 p. 13). E essa falta do pai se acentua quando Pedro ainda dentro do apartamento continua a pensar: “Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre o pai que se recusa a partir” (TENÓRIO, 2020 p. 13). A ausência paterna é uma violência sofrida pelo filho, pois são lacunas jamais preenchidas e mais, é uma cicatriz que nunca vai parar de sangrar.

Na verdade, você nunca soube ir embora. Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas. No entanto, você entrou e saiu da vida, e ela continua áspera. Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. (TENÓRIO, 2020 p. 13)

Essas ações que ilustram a vida do pai, fazem com que Pedro perceba que o progenitor, filho de Ogum, nunca desistiu da batalha da sua existência. Se por um lado o filho sente a falta da presença paterna, por outro lamenta e sente falta de um homem que se fez mais ausente do que presente. Fato que podemos afirmar que os elos de afeto, independente de quaisquer distância, jamais se romperão. Entrar na casa de um ente falecido, ver os objetos, os costumes e a forma que viveu é sempre doloroso, e olhar para dentro da casa do pai é como se pudesse olhar e perceber a essência daquele negro. Partindo desses minuciosos detalhes que Pedro traz para narrativa, percebemos que ele aprende com as múltiplas estratégias que Henrique coloca em prática para ter uma vida prolongada numa sociedade que busca exterminar negros.

Talvez, eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolado em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. (TENÓRIO, 2020 p.13-15)

Da passagem acima, aproveitamos para refletir sobre a religiosidade, pois aspectos de uma cultura negra a partir de uma vertente de religião de matriz africana, cultuada no Brasil, estão presentes na obra e indicam o quanto a ancestralidade tem o poder de renovar as energias para seguirmos em frente. Morte para nós, praticantes dessa religião, não tem o significado de aniquilamento ou uma ideia de extinção total. Morrer faz parte de um ciclo religioso e vital, passando pelas etapas de início, meio e fim, ou seja, a circularidade da vida. Essa mudança de estado ou de plano astral, obviamente não teremos mais a presença carnal de um ser, porém acreditamos que este ciclo, naquela materialidade humana, se encerrou para dar início a outro. O mesmo se dá no ciclo religioso. Todos nascemos com guias ancestrais responsáveis por nós e no caso de Henrique, Ogum era seu orixá e passou a vida junto a ele, o protegendo. No momento de sua morte, diante do costume religioso é necessário encerrar esse ciclo e é assim que Pedro, no início da narrativa, faz. Vai até a casa do pai, com o objetivo de pegar o orixá, com os devidos cuidados, orientado pela tia, Luara, e o leva para a beira do rio, local onde se dá o momento do rito que indica a circularidade religiosa através de alguns processos necessários. Pois somente depois do ritual ser consumado, aquele orixá se desligará do seu filho para que ele possa adentrar no Òrun², passar pelo processo de amadurecimento espiritual e se preparar para iniciar um novo ciclo. E é nessa força que encontramos dentro da religião que nos dá energia, fibra e resistência para existirmos e lutarmos de todas as formas possíveis frente a todas as formas de extermínio que possam se apresentar.

Ainda sobre o momento de encerramento do ciclo do pai, Pedro nos diz:

“... antes de sair, vou ao seu quarto, observo da porta: há roupas espalhadas, outras jogadas dentro do armário. Sobre a mesa, há canetas sem tinta, meias sem par misturadas a notas de supermercados. Há cadernos e papéis. Há pastas com provas e redações dos seus alunos. Teu caos me comove. Olho para tudo isso e percebo que serão esses objetos que vão me ajudar a narrar o que você era antes de partir. Os mesmos

² Òrun palavra escrita em lorubá, que se refere a céu, ou, propriamente dito, mundo espiritual. Plano que fica paralelo ao mundo físico chamado de Aiê.

utensílios que te derrotaram e que agora me contam sobre você. Os objetos serão o teu fantasma a me visitar”. (TENÓRIO, 2020 p. 14)

Dessa forma, a partir dessas particularidades encontradas no apartamento, Pedro rememora e nos possibilita refletir sobre as adversidades que um homem negro pode passar ao longo de sua vida. Mesmo iniciando o romance narrando o fim da existência do seu pai, Pedro nos conta toda a vida de seus progenitores, desde suas infâncias até o derradeiro fim de ciclo existencial. No entanto, aqui vamos voltar nossas atenções à narrativa dos momentos a partir da aproximação entre seus progenitores e problematizar como essa união junto as crueldades do racismo constroem esse homem negro que ocupa o papel de narrador, em *O Averso da Pele*.

Como já dito, percebemos que toda a narrativa se passa através da longa caminhada do apartamento ao rio, ou seja, de Pedro carregando Ogum em suas mãos e assim refletindo e contando como ele percebe não somente a vida de Henrique e Martha, mas também a sua.

A partir do capítulo “O Averso”, podemos problematizar as questões que envolvem este personagem, já que é nesse momento da obra que Pedro vai nos contar sobre si relacionando a (des)união de seus pais e assim começa sua narrativa de vida:

Quando nasci, o médico disse que eu demorei para chorar. Minha mãe ficou preocupada, mas logo em seguida soltei um grito de vida e me colocaram nos braços dela, e nem de longe ela parecia aquela mulher desesperada, de horas antes, no táxi, dizendo: *ele vai nascer aqui dentro, moço, vai mais rápido*. A avenida Protásio Alves, em Porto Alegre, nunca foi tão longa. Minha mãe iria me parir, mesmo que a situação de vocês estivesse conturbada. Mesmo que em algum momento ela tivesse se arrependido da gravidez. Mas a gente nasce porque tem que nascer. Assim é. E, três dias depois do parto, nós fomos para casa. Você estava confuso com meu nascimento. Na verdade, minha mãe também. Incrível o poder que uma criança tem de encerrar e depois iniciar fases na vida dos adultos. (TENÓRIO, 2020 p.39 Grifo do autor)

O que nos chama atenção nessa descrição, do momento do seu nascimento, é que Pedro, agora com vinte e dois anos, tem o conhecimento da relação conturbada que tiveram seus pais. Certamente são situações que estão presentes na formação de sua masculinidade, pois vemos a incompatibilidade de dois sujeitos

negros que lutaram contra a exclusão social e seus próprios desafios dentro do relacionamento. E essa relação já era problemática antes de sua existência.

Na época em que fui concebido, vocês estavam separados. No entanto, após uma recaída e uma noite de pedidos de desculpas, uma noite de recuperação dos afetos, o estrago foi feito. E de repente, de uma hora para outra, vocês tinham um elo: um pedaço de gente, uma espécie de girino com batidas apressadas do coração, que agora habitava o útero da minha mãe. Eu era uma força gravitacional capaz de mantê-los atados. Sei que no início você pensou em nos deixar. Fugir de tudo. Acho que, no seu lugar, eu teria fugido. Mas nós sabemos que não se foge assim. Eu tenho vinte e dois anos e sei pouco sobre a vida, mas talvez o suficiente para constatar que a fuga, nesses casos, serve apenas para os indiferentes, para os que não sentem remorso. Acontece que você construiu uma culpa do tamanho do Everest. Foi a culpa que o prendeu à minha mãe. Desde o início foi assim. Li recentemente que as relações afetivas são formadas por duas categorias: dos egoístas e dos doadores. Você era um doador nato. Minha mãe era uma egoísta nata. (TENÓRIO, 2020 p. 39-40)

O fato de uma gravidez inesperada, faz com que os pais de Pedro tenham um elo eterno, no entanto, a relação já era problemática, pois há um pai, Henrique, que não está pronto para ter um filho, e uma mãe que além de ser ciumenta, é possessiva. E não cabe aqui discutirmos quando e se é possível estar pronto para ser pai, cabe perceber que já haviam discussões antes da gravidez e os dois, numa noite de carinho e afeto, foram irresponsáveis, o que culminou a geração de Pedro.

E se o narrador nos traz essa ocorrência de que por algum tempo foi pivô de uma união, nos abre a possibilidade de perceber que a insegurança frente a Saharienne tem haver com os insucessos de tentativas de seus pais, pois a desunião trouxe insegurança na vida dele enquanto criança, o que reflete no seu momento afetivo quando adulto. Noutra passagem, nos conta que sua mãe percebeu que o pai cedia fácil as chantagens emocionais, tornando-o presa fácil. Nesse momento, ele faz referência a infância de Martha, pois ao trazer que a “infância nos fornece certas mágoas e é com elas que lutamos” (TENÓRIO 2020, p. 40), Pedro não está só mencionando todos os dramas amorosos vividos pela sua mãe, mas os seus receios diante de uma relação afetiva. Tanto que busca a orientação de seu Pai que acaba indicando uma passagem de um livro *O Jogo da amarelinha*, de Cortázar. Essa busca aos mais experientes tem a premissa de atenuar as inseguranças por parte dos filhos, já que os pais sempre serão referências, sejam elas boas ou ruins.

Buscar essas experiências nos pais é um processo que deveria ser comum, no entanto, nem toda família tem essa construção. Porém, o que se pode notar é que mesmo que Henrique e Martha sejam separados ao longo da construção da identidade de Pedro, ele busca em vários momentos da vida o aconselhamento dos pais.

Ao longo de toda a obra, Pedro busca entender os motivos que fizeram os seus pais passarem a maior parte da vida dele, distantes um do outro. Percebemos que essas inquietações são presentes e que causam desconfortos.

Ainda no apartamento, observando os objetos, Pedro ao encontrar uma fotografia, guardada por Henrique, da família e ele com aproximadamente dois anos, percebe que aquela relação fraturada resistiu, de certo modo, por um tempo. Então podemos afirmar que houveram tentativas de irrigar aquela união conturbada.

Enquanto investigo suas coisas, encontro uma foto. Eu, você e minha mãe. É uma imagem comum: estávamos numa praça, não havia data, eu devia ter uns dois anos. Era um dia frio, pois estávamos de touca e cachecol. Você e minha mãe sorriam. Eu não. Desde pequeno me recuso a sorrir sem vontade. E, olhando aquela imagem, me dei conta de que tudo que vocês eram, poderia estar resumido naquela foto; não tudo, mas algo importante. Naquele dia, você pensou que pudesse voltar a ser feliz com minha mãe. (TENÓRIO, 2020 p. 46)

A obra nos permite perceber que a união de dois seres negros, de classe baixa, além de enfrentar todas as questões e as perversidades do racismo, e o amor não prevalece na relação, a possibilidade de um afastamento é gigantesca. Pedro narra as dificuldades do pai em conseguir efetivar a separação de um casamento tóxico, pois o homem, no caso Henrique, é dado como pivô do insucesso amoroso do casal. O filho percebe que inúmeras pressões são colocadas em cima da figura masculina e essas ações tendem a culpá-lo.

Henrique, o abandono é algo da maior crueldade que um ser humano pode causar no outro. Fazer isso com um filho tão pequeno me parece mais cruel ainda. Os danos para quem fica podem durar anos. Por isso, aceite minha sugestão; agente firme. Numa vida a dois alguém sempre segura mais as pontas. O casamento é assim mesmo. Lembre-se que é ao lado de outra pessoa que aprendemos a nos conhecer. Por isso, agente firme. Compreenda que sua esposa age assim porque teve uma vida difícil. Perdeu os pais muito cedo. Ela tem uma insegurança crônica, mas com o tempo isso passa. Vocês são jovens e ainda há uma longa estrada pela frente. Tenha um pouco de empatia. Casamento é isso: um jogo de frescobol, o importante é não deixar a bola cair; se ela te jogar uma bola enviesada, devolva da melhor forma possível, ele completou. (TENÓRIO, 2020 p. 47 Grifo do autor)

Nessa passagem, o terapeuta afirma que o abandono é a maior crueldade que um ser humano pode causar a outro. Concordamos e reforçamos que qualquer forma de abandono é uma violência cruel e nós negros sabemos o quanto o abandono e desamparo são agressivos, o quanto nos afeta e nos prejudica dentro de uma sociedade, pois são mais de mil e quinhentos anos sofrendo com o abandono social. No entanto, percebemos duas formas de violências, nesse diálogo entre doutor e pai, a primeira, um filho ser abandonado pela figura paterna na sua infância causa um vazio que não temos como mensurar. Assim como a violência do racismo, só sabe dimensionar o quão perverso é, quem passa, ou seja, quem acaba sendo a vítima de tal violência. A segunda forma que a violência se apresenta, nesse diálogo, é a pressão e a determinação cultural, de que o homem sofre para não se separar da figura materna, por haver uma terceira figura nessa relação, o filho. Nesse caso, Henrique sofre com a possibilidade de romper a união com Martha, pois Pedro é uma realidade na vida do casal.

Enquanto isso, você observava os terapeutas. E pensou que eles não sabiam nada de vocês. Não conheciam o tumulto vital de vocês. Eles eram brancos. Vieram de uma classe média. E tinham uma visão limitada do mundo. Não perceberam o que estava acontecendo ali. Eles não faziam a mínima ideia de que a metade dos seus problemas estava contida na cor da pele, você pensou. (TENÓRIO, 2020 p. 85)

Buscar o auxílio da terapia como meio de salvação da união, para um casal negro, pobre e que vive uma realidade distante, nessa situação é estar expondo seus dramas, medos e problemas ao branco. Afirimo que essa ação é um problema, pois vivemos numa sociedade colonizada e que tende apagar, não somente as memórias negras, mas os sentimentos do negro. O branco diante a fragilidade do negro, sempre tem a receita mágica e a resolução para os problemas, no entanto, nem de perto imagina como são as experiências e as construções da mulher e do homem não branco.

Após as primeiras explanações de Henrique e Martha, os terapeutas logo elogiam a coragem da exposição. Mas, “quando uma pessoa branca nos elogia, nunca saberemos se aquilo é sincero, ou apenas uma espécie de piedade, ou para não se sentir culpada, ou mesmo para não ser acusada de racismo”. (TENÓRIO, 2020 p. 85) As afirmações de que haja soluções para manter a relação, por mais que façam parte dos ofícios dos terapeutas, é uma forma capitalista de realizar seu

trabalho e partir para as próximas seções e pacientes. Pacientes, pelo motivo de tratarem esses fantasmas internos como um estado adoecido de quem busca por auxílio.

No caso de Henrique e Martha que vivem uma relação desequilibrada e cheia de problemas, exigir ou aconselhar uma continuidade também pode ser vista como uma forma de violência. Como querer que dois seres, incompatíveis, sigam e compartilhem suas vidas uma com a outra se o amor, o elo principal, não há. Assim, podemos perceber outra forma de violência, gerada por uma terceira via. Nessas situações não se pensa nos possíveis riscos de uma manutenção de uma relação incompatível, já que não sendo saudável a união pode aparecer situações de violências físicas e psicológicas.

O terapeuta ainda insiste e afirma que um dos dois tinham que ser o pilar para manter de pé aquela união, mas Henrique não estava mais disposto e a própria Martha já, no seu inconsciente, havia aceitado a separação. Pedro nos conta assim:

Mas acontece que você não sabia jogar frescobol e também não queria manter nenhuma bola no ar. Você se sentia um fracassado por não conseguir mais amar minha mãe, um fracassado por não querer mais levar aquilo adiante. Além disso, se sentia culpada. Estava arrependida de ter engravidado. (TENÓRIO, 2020 p. 47)

Aceitar e externar o fracasso amoroso dos pais é uma lacuna que causa dores em Pedro, pois por diversos momentos na obra, ao rememorar a vidas dos pais e a própria, ele traz esses fantasmas da separação, da distância e da falta de afeto.

Diante inúmeros lampejos de memórias, Pedro além de tentar compreender as dificuldades encontradas pelos pais para irrigar aquela relação, percebe que sua existência seria fator preponderante para salvar o casamento. Essa busca pela geração de uma criança, mesmo que inconscientemente, por parte da mãe, seria algo novo, ou seja, o motivo que poderia eternizar a união e a materialização daquela família. Ao saber da obsessão da mãe em ter um filho, faz com que Pedro tenha o conhecimento de que não foi o filho planejado pelos pais.

Além disso, naqueles dias de reflexão em que estavam separados, você aceitou que a vida a dois não era fácil mesmo. Que, enfim, era preciso crescer. Ser maduro. Mas você estava longe de se tornar maduro. Quando você voltou, após a primeira briga, minha mãe pensou em ter um filho.

Como uma espécie de segurança contra a solidão. Uma armadilha que passou a fazer casa em seu peito. Não que isso fosse consciente, mas a maternidade se apresentou para ela como uma forma de se igualar a outras mulheres de sua idade. [...] Tornar-se mãe, dali em diante, passou a ser uma obrigação, como se ela precisasse se completar como mulher. (TENÓRIO, 2020 p.50)

Para um filho, ter o conhecimento das fraquezas amorosas dos pais e saber que sua existência foi um acontecimento para fechar lacunas da mãe, tirando a da solidão, faz com que ele, mesmo de forma dolorida, entenda a separação, no entanto, esse afastamento do pai o pune, pois a ausência, a falta do carinho paterno no dia a dia, inexistente.

Quando você me viu, você teve vontade de chorar, mas não conseguiu, porque estava atordoado. Então as enfermeiras te ensinaram a trocar minhas fraldas e a dar banho. Mas foi naquela mesma noite que as coisas entre vocês mudaram. Toda harmonia que havia durante a gravidez se desfez. Assim que minha mãe foi para o quarto comigo, ela te xingou, dizendo que minha fralda estava frouxa, você disse que estava nervoso, devia ter sido por isso. Minha mãe estava irritada porque não conseguia me amamentar. Minha boca escapava do seio e eu permanecia chorando e você dizia: *calma, daqui a pouco ele se acostuma*. (TENÓRIO, 2020 p. 120 Grifo do autor)

Sabedor da presença do pai em seu nascimento, Pedro tenta nos contar a partir do que sabe, como foram os momentos depois do seu nascimento. E vemos que o sentimento vazio que a ausência paterna constrói, assim como, angústia da conturbada relação dos progenitores.

Nesse sentido podemos afirmar que a ausência ou abandono do pai na infância pode trazer várias consequências para a criança e isso pode refletir na vida adulta, essa ausência tende a criar o desequilíbrio, que pode gerar vários problemas na formação da personalidade da mesma. Sabemos que a carência de amor e de afeto comprometem o desenvolvimento da criança e do adolescente. (TRAPP & ANDRADE, 2017 p.45)

Foi sair do hospital para Martha confirmar que a relação estava acabada e que gerir Pedro era para suprir a ausência de pessoas e de afeto em sua vida. Já dito e problematizado a infância de Martha, todos os seus abandonos e medos, faz com que o receio de se encontrar solitária novamente, cause pânico na personagem, no entanto, como autodefesa, ela se apropria do filho como se mais ninguém pudesse ou tivesse o direito de contato com o recém-nascido. Fato que se deu pela herança das violências sofridas, através do racismo. Foram violências ao

longo da existência da mãe, o que nos faz observar como as marcas violentas, são refletidas durante toda a vida.

Ao chegarem em casa comigo, vocês não sabiam bem o que fazer, e minha mãe não permitia que você me pegasse no colo, porque ela dizia que era bem capaz de você derrubar o próprio filho no chão, você que não sabia nem trocar uma fralda. *Você não sabe nada, Henrique.* (TENÓRIO, 2020 p. 120 Grifo do autor)

A superproteção materna, de Martha, faz com que haja um afastamento paterno e é esse o motivo que Pedro, em vários momentos, venha afirmar que entende o motivo do pai se fazer ausente, mesmo que o afastamento cause danos na sua construção como homem, pois ele se sente sufocado com as ações da mãe.

Quando as visitas iam até a casa de vocês para me conhecer, minha mãe obrigava todas a lavar as mãos, mesmo que não fossem me pegar no colo. E quando ela desconfiava que alguém estivesse com o nariz fungando ou com uma tosse alérgica, ela oferecia uma máscara e não permitia que a pessoa chegasse perto de mim. (TENÓRIO, 2020 p. 121)

Esse zelo de forma exagerada de Martha, nos faz perceber que a construção da identidade e da masculinidade de Pedro foi um tanto sufocada pelos excessos de cuidados. Criação, cujo reflexo, se dá pelas violências sofridas por Martha nas suas vivências. Levamos em conta o fato de ela ser uma mulher negra, que desde sua infância, com as mortes dos pais, ficou responsável pelos seus irmãos. Depois, passou pelo processo de negação da família da tia, devido a pouca condição de sustentar e vestir mais quatro corpos, Martha e os três irmãos, acarretando em inúmeras frustrações na personagem. Depois fora adotada por uma família não negra, e por mais que Madalena a tenha cuidado, alimentado e passando os seus valores àquela jovem, a perspectiva era branca, diferindo de todas as experiências vivenciadas por uma mulher negra, pobre e solitária.

O romance nos diz que a (des) união durou menos de um ano, após o nascimento de Pedro, devido a incompatibilidade dos pais, o que mostra que apesar do elo entre eles, o filho, quando falta amor e a desconfiança se faz presente, a relação se acaba.

Quando completei oito meses, a situação de vocês estava insustentável, porque agora, além de me superproteger, minha mãe voltava a desconfiar que você a estivesse traindo. Na verdade, desde que eu nasci, vocês não

faziam mais sexo. Nos primeiros meses vocês estavam cansados demais, porque dormiam pouco e eu chorava muito, mas depois, quando as semanas avançaram e já estavam mais descansados, vocês seguiram como companheiros e sem sexo. Minha mãe parecia não ter mais nenhuma atração por você. (TENÓRIO, 2020 p. 122)

Pedro, Martha e Henrique, além de formarem uma família negra, tinham em comum a ausência paterna. No caso de Martha, já mencionamos que ela perdeu pai e mãe ainda quando adolescente. Henrique assim como Pedro teve sua separação da figura paterna antes mesmo de completar um ano de vida. Então suas masculinidades foram construídas sem a figura do pai.

Além das ausências, Pedro e Henrique perderam o pai depois de anos de distâncias, saudades e carência da figura paterna. O que difere é que ambos tinham relacionamentos desiguais com os pais.

Um dia você recebeu a notícia da morte de seu pai. Mas você não sabia muito bem como reagir. Pois você não conviveu com ele. Seu pai sempre foi um completo estranho. A verdade é que o tempo passou e você ainda não sabe bem como lidar com isso. (TENÓRIO, 2020 p. 68)

Henrique sequer conviveu com o pai e vê-lo ali, morto dentro de um caixão, é como se estivesse vendo alguém desconhecido. Sabe que é pai, mas no íntimo fica questionamentos sobre o motivo de nunca ter aparecido ou feito contato. Um negro que se constituiu como homem sem a figura paterna, que enfrentou inúmeros casos de racismo e que lutou muito para sobreviver, chegar em frente ao pai morto e não reconhece-lo como pai é sinal de que o tempo e a ausência fizeram com que a figura paterna se tornasse irrelevante.

Durante o velório do seu pai, você evitou o quanto pôde chegar perto do caixão. Aquilo não era um acerto de contas entre você e o pai morto. Mas, diferente de mim, você não terá de enfrentar os objetos. Não vai entrar na casa de um pai falecido. Não terá de remontar nenhum quebra-cabeça sentimental. (TENÓRIO, 2020 p 70-71)

A não aproximação de Henrique, perto do caixão de seu pai, se dá pela falta de vínculo, também construída pela distância, pois assim como criamos vínculos de afeto com a proximidade, nos falta diante de uma distância, sem uma procura qualquer, visto que tudo aquilo que não é presente, não será relevante.

Um ano de idade, foi a única frase que você conseguiu dizer diante de um pai morto. É assim que você vai se curar da culpa. Apesar de tudo, ainda há

culpa. A culpa que você carregava por não sentir nada diante do caixão do próprio pai. Sua indiferença é assustadoramente normal. (TENÓRIO, 2020 p. 71)

Já Pedro tendo que enfrentar os objetos, a casa e os demais pertences do pai, mesmo ele sendo ausente no dia a dia do filho, é uma missão dolorosa e por haver contato entre eles, o momento torna-se mais duro e difícil, já que a dor para quem fica é imensurável. É a partir desse contato com os restos deixados, que Pedro vem nos contando e rememorando a vida dos pais e a sua.

Pedro apesar de estar passando pelo momento de perda do pai, ao mesmo tempo ele se questiona por qual motivo houve aquela separação e por qual motivo há a sua própria existência.

Quando você e minha mãe foram morar juntos, vocês jamais imaginaram que as coisas fossem acabar como acabaram. Você ignorou todos os sinais de que aquilo não iria terminar bem. Eu não o culpo. Também não culpo minha mãe, mas para mim ainda é difícil entender por que me deixaram vir ao mundo numa situação como aquela em que vocês se encontravam. (TENÓRIO, 2020 p. 73)

Questionar os motivos de sua existência, diante o falecimento do seu pai, mostra o quanto as lacunas ficaram expostas na sua construção como homem, o deixando fragilizado, pois “compreender as ações dos pais leva anos, às vezes uma vida inteira”. (TENÓRIO, 2020 p. 72)

Compreendo que o fato de eu estar aqui aconteceu graças às suas decisões. Principalmente depois que minha mãe saiu do ginecologista assustada com o que ele dissera sobre a história do relógio biológico. *Trenta e cinco anos é uma idade crucial*, ele disse. *Já começa a correr certos riscos, e ninguém aqui quer ter uma criança com alguma doença oriunda de uma gravidez tardia*, ele completou. *Então, se você pretende ser mãe, o momento é agora. Fale com seu marido. Os filhos são uma benção e sempre fazem bem ao casamento*. Minha mãe olhou para ele e teve vontade de chorar, porque vocês não tinham as mínimas condições de terem um filho. Vocês só sabiam lidar com os afetos na precariedade. (TENÓRIO, 2020 p. 73 Grifo do autor)

Ao mesmo tempo que Pedro afirma compreender que sua existência se deu a partir das decisões de seus pais, ele questiona o como pode acontecer, já que Martha e Henrique eram incompatíveis, dessa forma, mostrando novamente a dor sentida no momento difícil de final de ciclo do pai.

Pensar nas violências que o pai sofreu enquanto vivo também é uma forte presença na obra, visto que em várias passagens Pedro elenca os atravessamentos que Henrique passou. Nesse momento escolhemos tratar e reverberar de forma cronológica as passagens que para nós faz mais sentido para a continuidade da pesquisa.

Pensar que um homem negro é atravessado pelas múltiplas violências possíveis dentro de uma sociedade racista faz com que desde a infância corramos o risco de sermos alvos e vítimas de ações branca, preconceituosa e discriminatória. Desde o deleite, ou seja, desde que começamos a nos relacionarmos com outros sujeitos, devido a cultura colonial e escravagista, que faz do negro uma figura que só tem valor para servidão, estamos sujeitos e expostos sofrer com a prática racista.

E a escola é reprodutora das ações sociais e sendo ela colonial, plagia os comportamentos do colonizador há mais de mil e quinhentos anos. Não atoa que nas instituições de educação o percentual de mulheres e homens negros são baixos. O que fortalece a importância das políticas sociais e de cotas para ao menos tentar diminuir essa desigualdade gerada pelo preconceito estrutural.

Na hora você não sabia, mas mais adiante saberá que aquela dor foi provocada. Saberá que as professoras da creche prenderam seus dedos na porta por maldade. Queriam ver até onde você aguentava. E no fim, também mais adiante, encontrará pessoas dispostas a saber até onde você vai. Até onde você suporta. (TENÓRIO, 2020 p. 70)

E não é somente na educação infantil que as pessoas, dentro dos ambientes educacionais, testam até onde os negros são capazes de suportar dores. Essas ações racistas se estendem por toda a educação básica e ensino superior. Ato que são frutos de uma colonização que por andar lado a lado com o capitalismo reproduzem os atos a fim de desumanizar o negro. As construções das múltiplas masculinidades estão atreladas na diversidade desses atravessamentos e resistir é a ação primordial do povo negro.

Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem que preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias

existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. (TENÓRIO, 2020 p. 61)

Essa interação entre Henrique e Pedro é essencial, pois a partir dos ensinamentos do pai, ainda que ausente, corrobora para formação da masculinidade de Pedro. E é esse aprendizado, não somente com o pai, mas com as demais personagens e seus encruzilhamentos que vemos e podemos ler o homem que narra o romance.

Henrique é professor e possibilita a partir das problematizações e reflexões, acerca de suas experiências, percebemos de que forma ele prepara Pedro para o enfrentamento das práticas opressoras da sociedade brasileira, mas especificamente a gaúcha, visto que, como já comentamos, é uma das mais racistas do Brasil.

Certa vez, quando eu tinha nove anos, você me perguntou quem era Deus. [...] Pedro, você sabe quem é Deus? E eu não fazia a mínima ideia do que tinha te feito perguntar uma coisa daquelas para um menino de nove anos. Lembro que recém havia terminado de ler um livro sobre vampiros, lendas e histórias de terror. Então, quando você me perguntou quem era Deus, pensei em dizer: não sei. Acontece que você detestava que eu dissesse não sei, você dizia: filho, nunca podemos saber de tudo, mas olhe, não responda não sei. Diga que precisa pensar, que precisa de tempo. No entanto, naquele dia, eu não queria pensar. Estava quente e eu só tinha nove anos. Mas eu lembrei do meu livro sobre lendas de terror e respondi que achava que Deus era um fantasma que morava no céu. E, quando eu disse isso, você me olhou com certo espanto, e vi seu rosto se iluminar com alegria. Como se eu tivesse dito a coisa mais importante do mundo. (TENÓRIO, 2020 p. 60-61)

Através de perguntas mais complexas, o pai tem como objetivo fazer com que o filho compreenda que é necessário estar preparado para enfrentar as múltiplas opressões que a sociedade nos impõe.

Embora eu tenha tido problemas com você em função do seu afastamento, às vezes. Quando você passava semanas sem me procurar, quando estavam separados, e, na época, eu não entendia que isso acontecia também para não ter que se incomodar com minha mãe, ou quando você queria me ensinar certas coisas cedo demais, como, por exemplo, no dia em que você me perguntou que cor eu tinha e foi a primeira vez que eu olhei para os meus braços e vi que tínhamos a mesma cor, eu era pequeno, mas eu disse que não sabia que cor era aquela. E você me disse que eu era negro. Mas eu não fazia ideia do que aquilo significava, então você me deu uma aula sobre racismo. (TENÓRIO, 2020 p. 125)

Já afirmamos que a ausência paterna deixa lacunas jamais preenchidas, no entanto, o que percebemos é que Henrique não se abstém de exercer a função da

figura de pai. Seja através de perguntas, de leituras ou de histórias contadas, o personagem teve o comprometimento de preparar e auxiliar na construção da identidade do filho. A premissa da paternidade é essa.

Outro fato que destacamos nessa relação familiar, ou seja, o filho percebendo como se dá a vida dos seus pais e como essas situações corroboram para sua formação como homem negro. Ruídos e fragilidades compunham a realidade da relação e as diferenças foram fatores que acabaram efetivando a separação e a partir desse fato, a ausência paterna.

Certamente, além do sexo, o fato de ambos serem negros era um dos elementos que pesavam nessa balança. Pois, a princípio, a cor da pele não deveria ser um problema; afinal, quando vocês saíam na rua, isso não era um incômodo, pois, quando vocês entravam numa loja ou num restaurante, ninguém olhava para vocês com curiosidade ou espanto. Vocês faziam parte do mesmo grupo racial, e isso tranquilizava as pessoas. (TENÓRIO, 2020 p. 75).

O acesso ao conhecimento e a busca incessante para combater o racismo, fizeram das aulas, do professor Oliveira, frequentada por Henrique, um meio de autodefesa. Ainda antes de se relacionar com Martha, o pai de Pedro teve experiências relacionando-se com mulheres brancas e percebeu que a interracialização dos corpos incomodava as pessoas. Piadas, brincadeiras, desconfiança e negação faziam parte da rotina dele, pois a sociedade tende a agir de forma opressora. Já com Martha, por pertencer ao mesmo grupo étnico, Henrique não percebia o incômodo das pessoas e passava a comentar e daí as diferenças se acentuavam conturbando a relação. Martha acha que o assunto sobre racismo é aprofundado demais e faz com que Henrique não haja com normalidade.

Acontece que minha mãe foi criada numa família de pessoas não negras, o que a fez ter outra visão sobre o racismo; aliás, para ela o racismo se fortalecia justamente quando começávamos a falar sobre ele, que isso era uma coisa que já deveria ter sido superada. E falar sobre a cor da pele só fortalecia o preconceito. (TENÓRIO, 2020 p. 76)

Numa perspectiva branca, que não tem a noção do que é de fato sofrer com o racismo e que percebe que grande parte dos problemas e das dificuldades encontradas é devido a cor de sua pele, tende a minimizar e achar que falar sobre o racismo pode estar reforçando a opressão.

No início, você tentou argumentar dizendo que ser um casal negro em Porto Alegre, nessa cidade que é a mais racista do país, não era fácil. E minha mãe dizia que você era muito dramático e *até quando a gente vai ficar se lamentando? A vida é assim, Henrique, lide com isso. Temos que olhar para a frente. O movimento negro nunca fez nada por mim. O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele. Se esquecem que ser um homem negro é muito diferente de ser uma mulher negra. E às vezes vocês, por serem homens negros, acham que esta tusa resolvido, que estamos sempre no mesmo barco e que o racismo justifica todas as merdas que vocês fazem com as mulheres. Além disso, eu queria saber onde o movimento negro estava quando me assediaram na praia quando eu tinha treze anos. Onde o movimento negro estava quando não impediu que minha mãe morresse bêbada na rua. Eu queria saber por que ninguém se importou com ela, nem com os filhos dela. Minha mãe bebia muito para se proteger da realidade. Ela era uma mulher negra, na década de oitenta, com quatro filhos para criar. Era o mundo contra ela e contra nós. Ela era uma presa fácil, entende? Porque a gente, às vezes, cansa de suportar. E quem a manteve de pé até que pudéssemos sobreviver não foi o discurso do movimento negro, mas as garrafas de cerveja e cachaça que ela conseguia beber. Eu não quero dizer que essa história de negritude não tenha importância, não é isso, mas esse tipo de movimento coloca todos nós no mesmo balaio. Os negros são diferentes. Nós não somos iguais.* (TENÓRIO, 2020 p.76 Grifo do autor)

Aqui está uma das práticas mais perversas do racismo. A ideologia do racismo é tão destrutiva e perigosa que ele é capaz de usar os nossos para agir contra nós. E daí percebemos o quão importante e imprescindível é falar sim do racismo, não calar de forma alguma quando a partir da racialização da tua pele interfira nas oportunidades que possam ser nossas. É lutar pela igualdade e criar guetos para formar mais dos nossos em críticos e reflexivos diante da crueldade social. Pensar que somos todos iguais é não querer expor todas as diferenças que a sociedade impõe aos sujeitos por conta da coloração de sua pele. Basta olhar para dentro das salas de aulas das universidades do país para perceber que a igualdade está longe de ser real. As diferentes construções e acessos fazem com que todos os sujeitos de uma sociedade sejam diferentes, independentes do grupo racial que estamos inseridos. Com nós negros o que pesavam na balança e a cor da nossa pele e assim, como falou Henrique para Pedro, é preciso preservar nosso avesso, pois dentro de nós, na nossa essência como homens negros, sabemos a qualquer momento podemos sofrer com a opressão por conta da pele.

Vivemos traçando estratégias de sobrevivência. É como se estivéssemos vivendo em uma guerra entre duas forças. Mas, o certo é que o oponente apresenta as armas mais letais possíveis e do nosso lado, nossa munição mais pesada é a sabedoria. Precisamos saber lutar para poder resistir e existir. Às vezes o silêncio nos torna grandes vencedores diante a ignorância.

Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que o seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: *não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego.* Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência. (TENÓRIO, 2020 p 88 Grifo do autor)

Assim como Henrique, nós, homens negros, necessitamos saber trilhar os caminhos mais perversos de uma sociedade opressora, visto que o projeto de apagamento do não branco é claro diante das ações do branco. Não chamar a atenção dos brancos, não falar alto, não andar por muito tempo atrás de uma pessoa branca nas ruas, não fazer movimentos bruscos, não ficar desempregado, não rodar na escola, não perder um prazo, são uma sucessão de não's que o homem deve evitar que acaba se tornando uma enorme pressão no nosso cotidiano, pois já temos o menor número de vagas em escolas, universidade, emprego, o que faz com que tenhamos sempre de ter, além de desempenho maior do que muitos brancos, comportamentos ditados pela cultura branca.

São esses reflexos que fazem, Pedro, diante a morte do pai lembrar e construir uma nova narrativa a partir da sua construção como homem negro, pois através das narrativas de seus pais que o preparam para o enfrentamento social.

Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes da minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim. (TENÓRIO, 2020 p. 183)

Sabedor que para nós negros há um manual de sobrevivência e dos cuidados que devemos ter, Pedro, percebe que seu pai já com mais de cinquenta anos, cansou. E essa reflexão acontece dentro do apartamento do pai morto.

E agora, aqui no seu apartamento, tento de algum modo me consolar. Lanço mais um olhar sobre suas coisas. Antes de sair, pego o seu algarido, retiro o ocutá de dentro dele, enrolo num pano, como minha tia Luara disse para eu fazer. Saio segurando o guim entre as mãos. (TENÓRIO, 2020 p. 187)

Assim como Henrique, que passou meio século lutando contra a opressão e discriminação para poder sobreviver e acaba cansando, ao desafiar a última truculência militar a qual sofre e é assassinado, nós negros temos, sim, a vontade de desafiar todas as opressões de forma mais efusiva. Acontece que ao desafiar estaremos sendo expostos e nos tornando um alvo muito fácil para aqueles que querem nosso apagamento. Desse modo, seguir a orientação dos mais experientes e seguir o manual de sobrevivência do negro torna-se primordial. Precisamos fazer o enfrentamento num formato que não possibilite, o branco opressor, nos aniquilar.

Depois de rememorar a trajetória dolorida do pai, refletir sobre os desafios de ser homem negro no Rio Grande do Sul, Brasil, e relatar as inúmeras truculências militares sofridas pelo pai Henrique, Pedro observa e reflete como será sua trajetória sem o pai. Fizemos essa afirmação com o intuito de relativizar a ausência paterna em vida e pós-vida.

Assim como no início do romance, Pedro tem Ogum em sua companhia:

E agora caminho por essas mesmas ruas, tenho Ogum em minhas mãos, e ainda me sinto perdido, mas a palavra continua não sendo essa. Vou em frente, na direção do Guaíba. Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez. (TENÓRIO, 2020 p. 188)

E ter os orixás em nossa companhia não é um sinal de imortalidade, mas ter a partir da ancestralidade a sabedoria e a proteção, ou seja, as armas principais para a guerrilha social. Nesse momento derradeiro da obra, Pedro não tem apenas o cajado de Oxalá para trilhar pelas ruas assassinas de Porto Alegre, ele também tem a espada e o escudo de Ogum para protegê-lo e fazer o percurso até o Guaíba.

5 - Considerações finais

Neste trabalho objetivou-se analisar a obra *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório a fim de discutir, refletir e perceber como são construídas as masculinidades negras das personagens masculinas, mais especificamente a do narrador, Pedro. Para isso, selecionamos três personagens femininas e duas masculinas para possibilitar toda a discussão, pois entendemos que esses encruzilhamentos entre as personagens valida nossa tese, cunhada a diversos teóricos, de que as masculinidades são construídas por uma multiplicidade de fatores, tais como, espaço geográfico que ocupamos, condição social, cor de nossa pele e outros. O autor do romance através de suas personagens, discorre pelas dificuldades de ser um sujeito (a) dentro da sociedade brasileira, visto que, culturalmente atravessados pelo colonialismo, a racialização dos corpos atingem nós negros com o intuito de silenciamento e apagamento de mulheres e homens negros.

Começamos por um apanhado teórico que nos permite entender como os homens constituem suas identidades e suas múltiplas masculinidades. Fator importante para entendermos e sabermos que as construções de masculinidades se diferem uma das outras. No capítulo teórico, tivemos como objetivo elencar categorias de análise que achamos as mais relevantes para nossa pesquisa, assim como as escolhas dos teóricos que trouxemos. Em relação aos teóricos trazidos, de diversas áreas de atuação e conhecimento, se justifica por serem aqueles que lemos e entendemos estarem discutindo as masculinidades na atualidade sob uma perspectiva de falar das construções marginalizadas.

Nesse apanhado vimos que o homem negro a partir da racialização e da sexualização dos seus corpos sofrem inúmeras violências dentro da nossa sociedade. Assim como a construção de um grupo hegemônico que se apoia nas questões coloniais e capitalistas para fazerem parte dos demais grupos marginalizados. A paternidade também foi uma categoria de análise, embora tenhamos tangenciado, que foi importante para discutir o recorte que queríamos dentro do romance. Outro fator importante que trouxemos no capítulo teórico foram as relações de gêneros. Olhar para as relações entre homens e mulheres, assim como, homens com outros homens, nos possibilitou reafirmar que a opressão, discriminação e outras práticas do racismo estão ligadas a herança colonial que insiste violentar homens e mulheres, especialmente os sujeitos de pele negra.

Na presente análise, focamos nas relações de Pedros com outros personagens para discutirmos os aspectos que nos possibilita perceber a formação da sua masculinidade negra. No primeiro capítulo de análise, o objetivo foi explorar o contato do narrador com as personagens femininas. Neste, escolhemos três figuras que achamos as mais relevantes. São elas: a mãe Martha, a tia Luara e a amiga Saharienne.

Esses contatos permitiram perceber como se dá a construção do masculino, visto que, a mulher também é responsável na vida do homem pela sua constituição. O tanto que o narrador traz sobre as dificuldades das mulheres negras diante uma sociedade machista e colonial, mostra que a perversidade do racismo é mais um elemento que vai atravessar violentamente as mulheres.

Vivemos numa sociedade em que a maioria dos seus sujeitos são mulheres e ao mesmo tempo elas formam um grupo que sofre muito diante a hegemonia masculina. Essa afirmação dialoga com os problemas encontrados por Martha ao longo do romance, visto que, o corpo da mulher negra sempre está sujeito, ao olhar do branco opressor, à servidão. Quando não tratado dessa forma, ele estará sendo alvo e mutilado pela sexualização. Assim acontece com Martha aos 13 anos quando é assediada na praia pelo motivo de seu corpo estar se transformando. A fetichização do corpo feminino negro fragiliza a mulher e a torna alvo de violências.

No Brasil existe uma imagem construída sobre as mulheres que têm naturalmente corpos atraentes com seios e bumbuns avantajados, mas quando focamos nas mulheres negras esse imaginário é reforçado, além de vir acompanhado de uma suposta disponibilidade sexual delas, sendo vistas então como mero objeto sexual, como se estas não fossem capazes de ocupar outros lugares na sociedade que não seja aqueles vinculados à sexualidade. A esse fenômeno social dá-se o nome de hipersexualização da mulher negra. (CARMO & RODRIGUES, 2021 p. 75)

Outro ponto importante, relacionado ao encruzilhamento de Martha e Pedro é a vulgarização feminina por parte do homem. O narrador conta ao longo da obra essas violências sofridas pela negra, principalmente no caso do romance precoce de Martha com Vitor. Nessa passagem da obra, consideramos que quando há uma toxicidade de um relacionamento, no caso envolvendo um corpo feminino negro, o homem tende a desumanizá-lo, fato ocorrido no romance. Acusar a mulher negra como um sujeito sem pudor, sem respeito é um ato racista e violento, aliás, não há ato de racismo sem um dote de violência. A questão da servidão atrelada a Martha

também é uma violência que vemos constantemente na sociedade. Assim como os pais de Vitor, viram na mãe de Pedro uma ótima serviçal, que deveria estar a disposição, vemos que a mulher negra sofre com essa cultura colonial que tanto nos atinge.

Essas crueldades construídas e narradas por Pedro, corroboram muito nas construções de sua masculinidade negra, pois é a partir dessas memórias que ele homem negro percebe o quanto ter a pele negra num país racista o torna um sujeito exposto a letalidade humana.

Os contatos de Pedro com tia Luara e Saharienne, possibilitam refletir o quanto a relação de gênero é fundamental para a construção masculina, já que, não há uma masculinidade sem uma feminilidade que dialogue com as questões de identidade. Tia Luara é a mulher que num momento difícil da vida do narrador, o orienta e o conduz a fazer o processo de circularidade da vida do pai. Já Saharienne, ativista, propicia refletir sobre negritude, sobre as lutas dos povos negros e marginalizados, sobre os corpos objetificados dos negros, fazendo com que possamos relacionar com os acontecimentos do cotidiano da sociedade brasileira.

O encruzilhamento com a figura paterna, trazida por Jeferson Tenório, no romance, é fundamental para discutir as questões de identidade e masculinidade a partir da obra. A ausência paterna é uma lacuna sentida e lamentada ao longo do romance, no entanto, a construção da narrativa do pai, Pedro elenca as múltiplas violências sofridas por Henrique, e vemos nesse momento do romance a possibilidade de discutir a sociedade brasileira, assim como a gaúcha.

O abandono está presente nas personagens principais e este não se dá apenas pela ausência do pai, mas também pelo desamparo social. Desde os fatos ocorridos na educação infantil, quando deixaram Henrique sem alimento e que apertaram seus dedos na porta, de um armário, para ver até onde aguentaria, nos faz a relacionar o quanto a escola é provedora de preconceito, pois ela é um advento colonial que tem como premissa desculturalizar para culturalizar. Dessa forma, historicamente, coloca seus ideais em prática.

Nas inúmeras abordagens policiais trazidas no romance, mostram e ilustram o drama do que é ser homem negro no Brasil, visto que um corpo negro, frente aos policiais civis, militares ou federais, sempre será uma ameaça constante. E ser sinônimo de perigo, acompanham e forjam os sujeitos negros em nossa sociedade.

Vivemos num jogo de gato e rato, no qual temos a obrigação de ser mais astutos para não terminar sendo mais uma vítima fatal. Os órgãos de segurança do país, que deveriam estar zelando pela população, infelizmente eles veem a cor, sim, a cor da pele. E esta é preponderante diante das ações truculentas dos policiais.

O racismo é uma perversidade que visa a extermínio do homem negro. Se a mais de mil e quinhentos anos, nossos ancestrais eram roubados, violentados e raptados de África, para servir o branco, atualmente essa ideologia insiste em se fazer presente. Diante disso, temos que voltar ao já discutido manual de sobrevivência do negro. Não podemos fazer qualquer movimento que possa ser visto como suspeita, devemos nos vestir sob uma perspectiva comum se não queremos sofrer violência. Andar pela rua à noite, sozinho, é perigoso. Adentrar uma loja para apenas olhar uma mercadoria e não mostrar interesse de compra, pode estar nos colocando na mira racista.

Desse modo, *O Averso da Pele* problematiza as mais cruéis possibilidades de manifestações racista que possam existir. As múltiplas violências trazidas através das narrativas de suas personagens, nada mais é do que falar da realidade usando a ficção. Tratar de pele, do avesso e de violências é estar dialogando e afirmando e reafirmando o quanto é necessário lutar para poder sobreviver diante do racismo.

Por fim, apesar de ter que traçar todas as estratégias possíveis para continuarmos existindo e nos construindo, precisamos estar agarrados na ancestralidade, na fé.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: Uma interpretação antropológica da masculinidade. Nova edição [online]. Lisboa: Etnográfica Press, 1995 (@CONSULTE_LE 23 Março 2018). Disponível em Internet: <<http://books.openedition.org/etnograficapress/459>>. ISBN: 9791036511288. DOI: 10.4000/ books.etnograficapress.459.

ALMEIDA, Silvio Luiz de **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-74-9 1. Racismo 2. Racismo - História 3. Racismo - Teoria, etc. I. Título II. Ribeiro, Djamila III. Série19-00703 CDD 305.8

ALVITO, M. (2001). **Homens e Meninos**. In. As Cores de Acari Uma Favela Carioca (pp. 105-138). Rio de Janeiro: Editora FGV.

AMAR, P. (2003, agosto). **Masculinidade e Curiosidades**: Novos Olhares Interseccionais e Internacionais. *Crítica da Masculinidade*, (1), 5-7.

ARIHLA, M., Unbehau, S. e Medrado, B. (Orgs.). (2001). **Homens e Masculinidades**. Outras Palavras. São Paulo: Ecos/Editora 34.

BADINTER, E. **XY: a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOLA J. J. Seja Homem: **A masculinidade desmascarada**; Tradução de Rafael Spuldar, São Paulo. 2020.

BONINO, L. **Los varones hacia a paridad en lo doméstico**: discursos sociales e prácticas masculinas. In: SÁNCHEZ-PALENCIA, C.; HIDALGO, J. C. (Eds.). *Masculino Plural: construcciones de la masculinidad*. Lleida, Universidad de Lleida, 2001. p. 23-46.

BOURDIEU P. **A dominação masculina**; Tradução Maria Helena 11º ed. Kühnet-Rio de Janeiro; Bertrand Brasil. 2012; 160 p.

BROCHADO, J. **MULHER, NEGRA e ESTUDANTE: GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pampa. Jaguarão p.106 2018

BUTLER, J. **Actos performativos y constitución del género**: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: CASE, S.- H. (org). *Performing feminisms: feminist critical theory and theatre*. Baltimore: Johns Hopkins, 1990; p.296-314.
BUTLER, J. (2003). **O Parentesco é Sempre Tido como Heterossexual?** *Cadernos Pagu*, (21), 219-260.

BARBOSA, Daniela dos Santos. **O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana**. SACRILEGENS

Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF (76-86) Rio de Janeiro. 2012.

CARMO, Nádya Amaro; RODRIGUES Osaias da Silva. “**Minha carne não me define**”: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. In. O Público e o Privado Nº 40 SET/DEZ 2021

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2003.

CESAR, Caio. **Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial**. In Diálogos contemporâneos sobre homens negros e Masculinidades. Org. Restier, Henrique, Rolf Malungo de Souza. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 53-77.

CONNELL R.W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, V.20, n 2, p.185-206 1995

CONNELL & MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10

CUSTÓDIO, Túlio Augusto. **Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categoria de sujeição**. In Diálogos contemporâneos sobre homens negros e Masculinidades. Org. Restier, Henrique, Rolf Malungo de Souza. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 131-163.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FAUSTINO (NKOSI), D. **O pênis sem o falo**: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo: Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay. –1. ed. –São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Pp. 75

FERREIRA C. A. A. QUEIROZ-RIBEIRO F. F. **Masculinidades: uma análise sob a perspectiva interacionista-discursiva**. Revista Expectativa. 2019.

FRAGA, Gleide. **Sobre a solidão da mulher negra**. Geledés, [S. l.], 3 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 7 out. 2022.

GIFFIN, K. **A inserção dos homens nos estudos de gênero**: contribuições de um sujeito histórico. Revista Ciência & Saúde Coletiva. v. 10. 2005. p. 47-57 Disponível em: <www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a05v10n1.pdf > Acesso em: 27 de set. 2023.

GOMES, Nilma Lino **Movimento negro e educação**: ressignificando e politizando a raça. Educação & Sociedade [online]. 2012, v. 33, n. 120 [Acessado 9 Setembro

2021], pp. 727-744. Disponível em:
 <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>>. Epub 24 Out 2012. ISSN
 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.

GROSSI M. P. **Masculinidades: Uma revisão Teórica**. Programa de Pós Graduação em Antropologia social, Universidade Federal de Santa Catarina- n 1 (1995)- Florianópolis: UFSC. 2004.

HEILBORN, M. L. CARRARA, S. "**Em cena, os homens...**". Revista Estudos Feministas, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 2, 1998. p. 370-374.

JABLONKA, I. **Homens justos**: Do patriarcado às novas masculinidades / Ivan Jablonka; tradução Julia da Rosa Simões. _ I ed. São Paulo: Todavia, 2021.

JACOBO Júlio. **Mapa da violência 2015 Homicídio de mulheres no Brasil**. 1ª ed. Distrito Federal. Flacso Brasil. 2015

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LOPES, Marluce Leila Simões. **O que as crianças falam e quando elas se calam**: o preconceito e a discriminação racial no espaço escolar. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

MEDEIROS, Larissa. **Infância: precisamos falar sobre a objetificação dos corpos de meninas negras**. In. Geledes:
<https://www.geledes.org.br/infancia-precisamos-falar-sobre-a-objetificacao-dos-corpos-de-meninas-negras/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2023

MONTEIRO, Marko **Tenham Piedade dos Homens!** Masculinidades em Mudança Marko Monteiro. -- Juiz de Fora : FEME, 2000. 96 p. ISBN 85 -86913 - 06 - 5
 1. Masculinidade . 2 . Antropologia .

MOSSE, G. L. **La imagen del hombre: la creación de la moderna masculinidad**. Tradução de Rafael Heredero. Madrid: Talasa Ediciones, 2000. Título original: The Image of Man.

NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson. Banalização da Violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NOLASCO S.A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro; Rocco, 1993

MOREIRA, Adilson **Racismo recreativo** / Adilson Moreira. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-70-1 1. Racismo 2. Discriminação racial I. Título II. Ribeiro, Djamila III. Série 19-0310 CDD 305.8

MOREIRA, Adilson José .**Branços usam ‘humor’ e ‘amigo negro’ para perpetuar discriminação, diz autor de ‘Racismo Recreativo’**. In Geledes: <https://www.geledes.org.br/brancos-usam-humor-e-amigo-negro-para-perpetuar-discriminacao-diz-autor-de-racismo-recreativo/> entrevista ao BBC News Brasil. acesso em 26 de janeiro de 2023.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.

PINHO, O. (2010). **Heróis Ultra-Modernos: raça, gênero e modernização desigual na periferia do Rio de Janeiro**. En Afro-Rio Século XXI - Modernidade e Relações Raciais no Rio de Janeiro (pp. 54-91). Rio de Janeiro: Garamond.

PINHO, O. (2007) **Lutas Culturais: Relações Raciais, Antropologia e Política no Brasil**. Sociedade e Cultura, 10, 81-94.

PINHO, Osmundo. **O Corpo do Homem Negro e a Guerra dos Sexos no Brasil**. In Diálogos contemporâneos sobre homens negros e Masculinidades. Org. Restier, Henrique, Rolf Malungo de Souza. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 105-131.

RESTIER, Henrique. **O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço**. In Diálogos contemporâneos sobre homens negros e Masculinidades. Org. Restier, Henrique, Rolf Malungo de Souza. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p.21-53.

RESTIER H. **O mal-estar da masculinidade negra contemporânea**. <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/08/16> 2017

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo. **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. Org. Restier, Henrique, Rolf Malungo de Souza. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. 232 p.

SANTOS, B.S. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Org). *Epistemologias do Sul* Coimbra: Almedina; CES, 2009. p. 23-71.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** / Neusa Sants Souza; prefácios de Maria Lúcia da Silva e Jrandir Freire Costa. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **O Mito da Imunidade do Heterossexual Masculino Negro** – II Seminário O Impacto do HIV/AIDS na População Afrodescendente – Projeto Arayê/ABIA –Junho de 1998.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **Os riscos de ser um homem negro no subúrbio do Rio de Janeiro**. Trabalho aceito no II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião a ser realizado na Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RGS em 16 a 18 de agosto de 2006.

SOUZA, R. (2010, enero-junio). **Rapazes negros e socialização de gênero**: sentidos e significados de “ser homem”. *Cadernos Pagu* (34),107-142.

TRAPP Edigar Henrique Hein; ANDRADE Railma de Souza. **As Consequências Da Ausência Paterna Na Vida Emocional Dos Filhos**. *Revista Ciência Contemporânea* jun./dez. 2017, v.2, n.1, p. 45 - 53
http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31 acesso em 15 de janeiro de 2023.

TENÓRIO, Jéferson. **O Averso da Pele**. 1º Ed. São Paulo; Companhia das Letras. 2020

VEIGA, Lucas. **Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta**. In *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e Masculinidades*. Org. Restier, Henrique, Rolf Malungo de Souza. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p.77-95

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América/ tradutor Alyson de Andrade Perez - Rio de Janeiro, Papéis Selvagens 2018. 224p.

